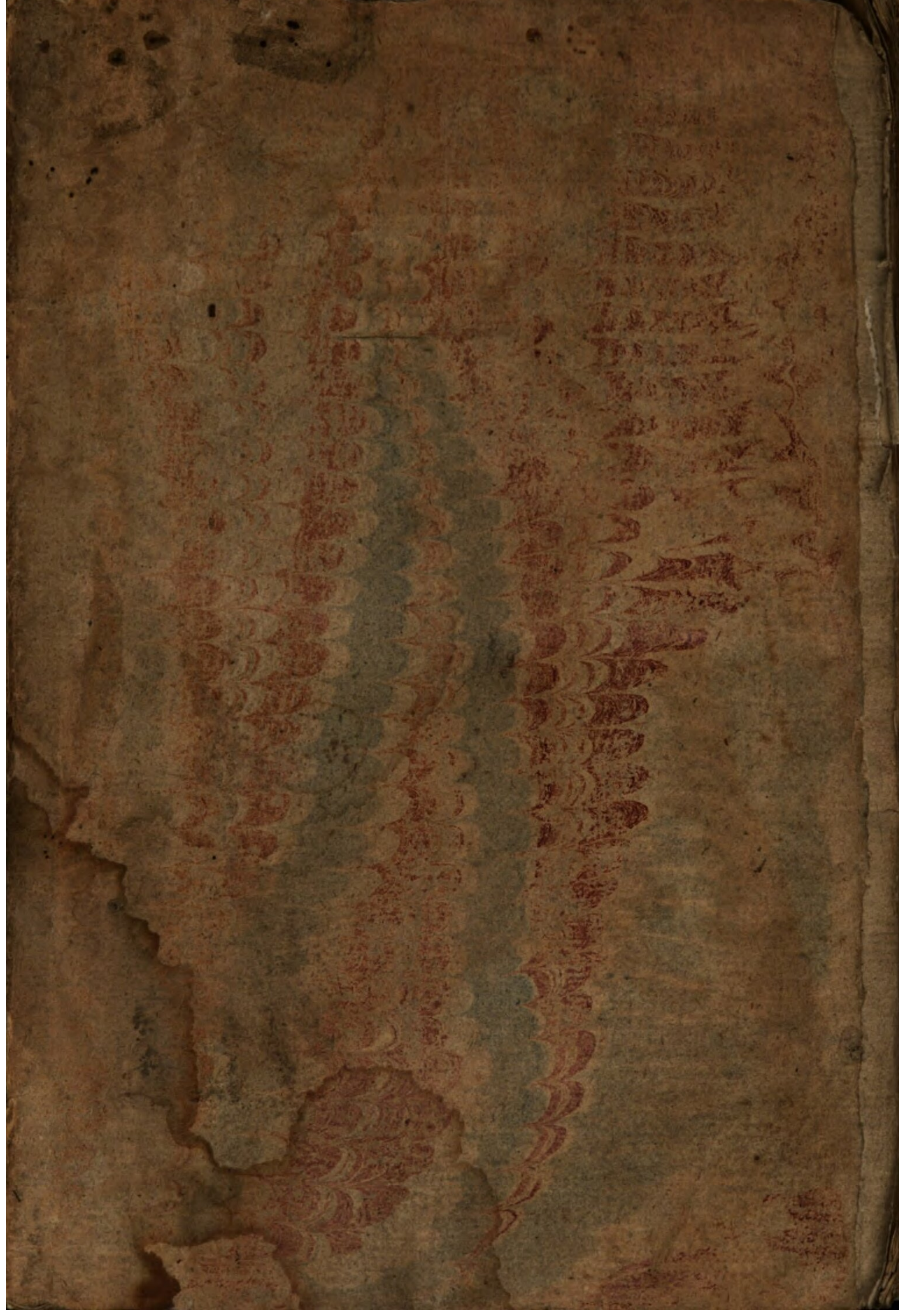




op. 745 (2

Figueiredo

THE

LIBRARY

OF THE

REPUBLICA
ITALIA
ROMANA

OBRAS POSTHUMAS
DE
MANOEL DE FIGUEIREDO,
OFFICIAL DA SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGOCIOS
ESTRANGEIROS, E DA GUERRA,
ENTRE OS ARCADES DE LISBOA
LYCIDAS CYNTHIO.

P ARTE II.



LISBOA
NA IMPRESSÃO REGIA.



M. DCCC. X.

Com Licença.

OBRA POSTHUMA
DE
MANOEL DE FIGUEIREDO

OFFICIAL DA SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGOCIOS

ESTRANGEIROS DA GUERRA

ENTRE OS ARIOS DE LISBOA

LICIDAZ CYNTHIO

PARTE II

LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA

— * —

M. DCCC. X.

Com Licença

O D E I.

CAntarei do Senhor, que os duros ferros
Do nosso cativeiro humilde rompe:
Dos miseros mortaes, a ingrata prole
Nos altos Céos colloca.

O Senhor me remio: sobre mim desça
Hum raio desse fogo, que abrazava
Os Divinos Profetas; meus louvores
Seu poder glorifiquem.

Debil Menino, não Guerreiro forte
Apparece no Mundo: o Rei do Impireo
De Jéhova não traz título invicto,
O seu Nome he Messias.

De humana fragil carne se reveste
O generoso Espirito Impassivel;
Sujeitou-se o Immortal Divino Verbo
A ser Filho da Virgem.

Oh valente humildade, que te ostentas
Não menos estrondosa do que a força
Do Omnipotente Deos: de Deos irado
Contra seus inimigos.

A soberba Carroça, o grande Cabo,
Immensas Legiões, Principes fortes
O braço levantaste: e o mar vermelho
Os vê no fundo pégo.

A rápida corrente em dura massa
Tímida se tornou: por entre as ondas
Os Filhos de Israel, enxutos buscão
A prometida terra.

Na Glória vos metteo, Filhos de Christo,
Em lugar do Poder; o soffrimento
Sobre seus fracos hombros todo o pezo
Do Redemptor segundo.

Triunfaste, Senhor; mas de que forças,
De humanas forças, não tinhas contrario:
Obraste mil prodigios, por hum povo
Que teu Nome adorava.

Mas nosso Redemptor, Filhos de Christo,
As deveis armas traz, he o soffrimento;
Por ingratos peleja, tem no campo
Immortaes inimigos.

A Gloria nos promette: esperai-a tanto,
O' consternada gente, não das iras
Do fulminante Pai, sim da humildade
Do pacífico Filho.

Nasce o pobre Menino, já lhe rendem
As téstas coroadas santos cultos;
E vão cheios de amor, prodigamente
Abrindo seus thesouros.

Lá se conturba Herodes: já se ajuntão
Sacerdotes, e Escribas, que altamente
Grita a voz do Profeta nos ouvidos
De Jerusalem surda!

Que confusão no Principe das trévas!
Insólito terror lhe gela o peito;
Em vão clama, em vão geme, em vão procura
A antiga fortaleza.

As armas cahem da mão dos aggressores
Da natureza humana; o frio susto
Da morte, e do peccado já nos braços
Mil cadeias aperta.

Lá se divide o Céu: oh que risonha!
A candida innocencia os claros olhos
Torna a pôr nos mortaes: apressa, apressa
Esses tímidos passos.

Entre nós viverás eternamente,
O Senhor nos remio: na sua glória
Collocará seu povo, os nossos filhos,
Todo o genero humano.

A mancha do peccado vê desfeita,
Alegre a Natureza, e a pura graça
Dos Céos precipitada, como os rios
Vai inundando a terra.

As agoas faltarão nos vastos mares,
Na tórrida os metaes serão gelados;
Mas sem fim durarão todas as santas
Promessas do Messias.

O D E II.

DO cume do alto monte,
Sem que me invoques (tanto me enteneço)
A coroar te a fronte,
A consolar-te, ó Lycidas, eu deço:
Deixa, deixa do espanto
As imagens crueis, o horror profundo:
Torna de assombro tanto,
He salva a Patria, já respira o mundo.

Tu vês estremecendo
A vil ingratidão, quando a lembrança
(Seus designios prevendo)
Descuidada lhe mostra a confiança:
Mas vês que o monstro irado
Fechando os olhos barbaro acommette,
E já precipitado
A virtude innocente arroja ao Lethe.

Vê a arrogancia esquiva
Contra a fidelidade em vão lutando,
Pois a cabeça altiva
Mais que o poder o amor lhe está pizando:
Porém do vil intento
Já foge da humildade a imagem bella,
E já no atrevimento
Confiada a soberba se rebella.

Revolves na memoria
Os estupendos fastos Lusitanos,
E vês a fé notoria,
Causando inveja a pios, e a tyrannos;
Mas no execrando feito
Vês perdidos... aquella Magestade,
Esse amor, e respeito:
Aonde foi tão negra a atrocidade?

Reparas que a esperança
Se despe das lisonjas, com que aviva
A morta confiança,
Que a face volta a Deosa fugitiva.
Mas o mundo estremece
Quando a torpe cegueira vê armada...
Do Altissimo conhece
Imagem viva a testa coroada.

Deixa inuteis suspiros,
Adora a Providencia attento e mudo:
Os fataes, crueis tiros
Reparados verás no forte escudo,
Desgrenhada e contente
Debaixo d'elle em lagrimas banhado
Para os Céos reverente
A fiel Lysia volta o rosto irado.

Debaixo dos horrores
Que infunde no traidor a sorte escura,
Com pávidos terrores
A verdade fugio da desventura.
O falso zelo inspira
Oraculos fataes contra a evidencia,
Que em vão clama e suspira
Se até lhe punha estorvos a innocencia.

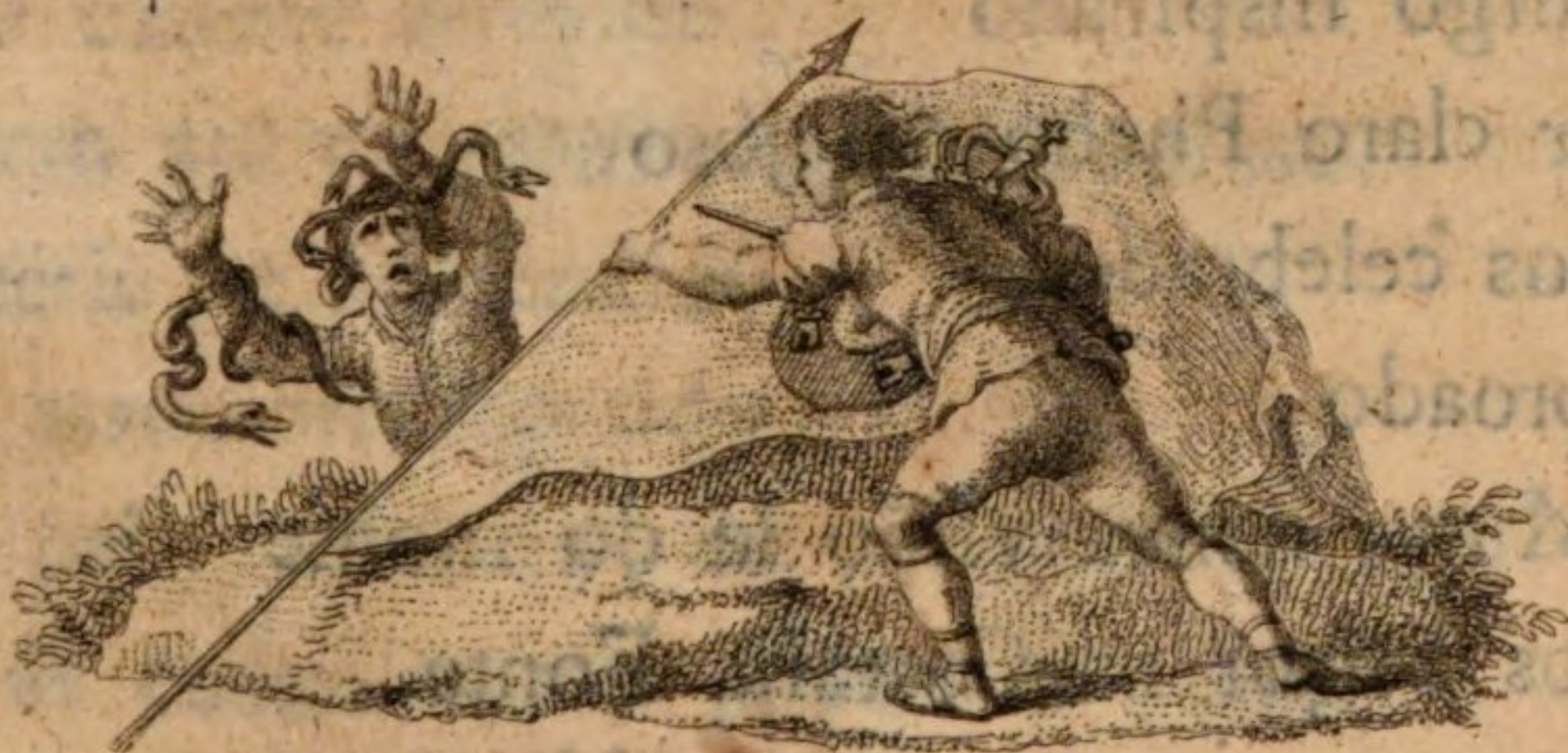
Imagem do desgosto
Parece, vendo o aspecto dos delictos,
Aquelle, que no rosto
Traz os cuidados públicos escritos:
Mas vendo a delicada
Politica os remorsos já defronte,
Em risos disfarçada
Lhe vai cobrindo a pensativa fronte.

Subtil , prudente , e mudo
As estupendas máquinas movia
Com sabio , e novo estudo
O segredo , que astuto presidia.
Ministros são attentos
Os olhos perspicazes do artificio ,
Que a poucos movimentos
De longe vêm brilhar hum claro indício.

Como fere os ouvidos
A triforme garganta do Cerebro !
Não ouves os gemidos
Das fúrias , que devora o monstro fero?
Como se despedaça
Arrastando as prizaões , e de raivoso
Os ferros ameaça !
Já se prostra , já se ergue furioso !

Suspira ternamente
No pacifico Sólío o Rei Augusto :
Tremeo a forte gente ,
Foi nelle horror , e nos vassallos susto :
As santas Leis adora ,
E das quatro virtudes rodeado
Em vão geme , em vão chora
A lânguida miseria o triste fado.

Empunha a fortaleza
Da Justiça os horriveis attributos,
Desmaia a Natureza
Já coberta de lagrimas e lutos;
A enorme atrocidade
Faz na virtude inuteis os suspiros,
Mas a heroica piedade
Lhe banha o rosto ao despedir os tiros.



O D E III.

E U não canto (ó Ministro) arrebatado
Pela doce harmonia
Das sonoras trombetas , se espantado
Da força da alegria ,
Desde o mais fausto dia
Ouço que se vos chamão Grande , e Conde ,
Assim o monte , o bosque lhes responde.

Não tomo a tosca Lyra de invejoso ,
Ou me julgo inspirado
Por haver claro Phebo desejoso
De vêr-vos celebrado ,
Poetas coroado ,
Que as Musas nunca virão lá do monte
Molhar os beijos na Castalia Fonte.

Canto illustres acções, os beneficios,
Que á Lusitana gente
Conseguirão, Senhor, teus bons Offícios:
O zelo independente,
Aquelle amor ardente
He quem me inspira, move o rude accento
Mais do que o premio, o teu merecimento.

Gloria de Roma, crédito de Augusto,
As honras de Mecenas
Não fôrão nas Historias, se do justo
Fundamento as Camenas
Nas Lyras, e nas pennas
Não deixassem Padrões á Eternidade
Referindo as acções de heroicidade.

Mas qu'Heróe, mas qu'acções pretendes, Musa,
Que célebre atrevido,
Quem até na memoria tem confusa
A série, e suspendido
Do assombro repetido,
Ou pela multidão, ou pelo effeito
Só de contallas tem já roto o peito;

Deverei começar pelo motivo,
Que ao pé do Throno Augusto
Co' as lagrimas no rosto, e o pé cativo,
Cheia de assombro, e susto,
Como Protector justo
Te obriga a apresentar a liberdade,
A restaurar as leis da humanidade.

Mas lá se me presenta já defronte
A severa Justiça,
Da soberba pizando a altiva fronte,
A indomita Cobiça,
A lânguida Priguiça,
Da República os monstros mais tyrannos,
Desamparando os Reinos Lusitanos.

Rodeado da misera orfandade,
Por ella enternecido,
Lá te vejo implorar a alta piedade,
E o Rei compadecido,
O teu discurso ouvido,
Faz que enxuguem na púrpura contentes
As lagrimas os pobres innocentes.

Que volume de sábias providencias
Me vai abrindo a Historia?
Não fruto de fataes experiencias,
Devidas á memoria,
Sim porém da notoria
Actividade: ensina-te o presagio
O remedio da fome, e do conragio.

Que plano me presenta a Architectura;
E apenas desenhado,
Já se mostra de sólida estrutura
Em partes levantado,
Em partes adiantado,
De sorte que parece a grande empreza
Já menos grande á vista da presteza.

Em menos confusão, menos ardentes
Os Tyrios vão rompendo
Fortes montes, o estrépito das gentes
Que as penhas vão movendo,
Altos muros erguendo:
Nos ares não fazia tanto estrago,
Quando Enéas pasmou de vêr Carthago.

Oh como livre de servís tributos
Já se ostenta a decencia;
O jugo sacudindo, com que astutos
Amigos na apparencia
Maior nossa indigencia
Fazião; mas já vem por tanto influxo
Servir de utilidade o mesmo luxo!

O pobre Lavrador já reputado
Seu fruto vê contente,
E já corre o estrangeiro interessado
Não como independente;
O Boreas levemente
Impelle seus baixeis, ás poppas vejo,
Que arrima os hombros o membrado Téjo.

Oh que abusos não vemos reformados,
Que excessos reprimidos,
Que arrogantes orgulhos castigados,
Que enganos conhecidos,
Que monstros abatidos,
Impávidos aos golpes dos Atrides,
A' dura clava do esforçado Alcides.

Oh como as sábias Leis vão desterrando
Estranhas subtilezas ,
Que o curso da Justiça perturbando
Com futeis agudezas ,
Fazião nas defezas ,
Mallogradas as próvas mais constantes ,
Obstinados , eternos litigantes.

Por ti nos torna a Idade dos Tibullos ,
Horacios , e Lucullos ,
Dos Ciceros , Terencios , e Catullos ,
Dos Crispos , dos Virgilios ,
Dos Julios , dos Manilios :
Por ti vão conseguir hum premio justo
Sem inveja do seculo de Augusto.

Contempladas nos Atticos modelos
As graças com pureza ,
Não faremos risiveis parallélos ;
Veremos a belleza
Da simples Natureza :
Os Sophocles , Menandros Lusitanos
Vão corrigir paixões , bannir enganos.

Part. II.

B

Já parece que vejo a Mocidade
Ensinando aos Doutores,
Que veneraveis fez a longa idade,
As Leis dos Oradores :
Já taes celebradores
Só do passado tempo conjecturo
Fiéis Panegyristas do futuro.

Já vão (Senhor) as Lyras Portuguezas ,
As Flautas desejando
Celebrar dignamente altas proezas ,
O teu nome invocando :
Seus versos modulando
Sómente pelo tom da voz sonora
Daquelles Cisnes , por que o Téjo chóra.

O' vós sublimes genios , inspirados
Por Divinos furores ,
Atégora sómente ás Musas dados :
Vós , Graças , vós , Amores ,
Dizei , dizei louvores :
O Ménalo vereis , que vai subindo
Levantar a cabeça sobre o Pindo.

Mas que fúrias, que monstros me rodeão?
Que prantos, que gemidos,
Que susurros se escutão? não, não creão
Não creão meus ouvidos
Confusos alaridos:
Já distingo, já vejo que a maldade
Quer subornar com choros a piedade.

Já conheço os effeitos da ignorancia:
Que torpe, que atrevida
Já se mostra a meus olhos; da inconstancia
Levada, e suggerida
Presume conseguida
A victoria alcançada tantas vezes
Contra zelosos sábios Portuguezes.

Vêde a superstição contrafazendo
Aquelle zelo santo,
Que o coração dos Reis enternecendo
Com elles pôde tanto,
Que o mundo encheo de espanto
Em qualquer incidente, em toda a idade
Pelos vêr tão dispostos á piedade.

Sobre hum palmo de terra está chorando
Hum Cidadão, que indigno!
Se o novo plano está desfigurando
Tão regular, tão digno;
Salvando o Rei benigno
As Leis particulares da equidade
Na pública geral utilidade.

Sobre o marmor do Gotico edificio,
Que fôra derribado,
Por ser do falso gosto hum claro indicio,
Em lagrimas banhado
Fica absorto, e pasmado
Outro, que exalta as obras infinitas
Dos barbaros trabalhos das Mesquitas.

Vêde aquelles, que fundão seu juizo
No horror da novidade,
Idólatras fataes do prejuizo,
Sem mais autoridade
Que a vergonhosa idade;
Sem vêrem, ó cegueira, que os augmentos
São filhos da mudança, e dos inventos.

Colhe, acaso, o Cultor por mais astuto,
E por mais que o deseja
Logo que a arvore planta o doce fruto?
Não súa, não forceja
Co' a terra, antes que veja
No fim dos annos com fadiga immensa
Do seu longo trabalho a recompensa?

O Lavrador mais sábio, mais sisudo,
Não he sempre o primeiro,
Que do trigo mais louro, e mais graúdo
Despeja o seu celeiro,
Buscando o verdadeiro
Interesse nas fouces, e no arado
De tanta má colheita esgarmentado?

Cheios de confusão ficai já mudos,
O' monstros de vangloria,
Inimigos da Patria, nos estudos
Buscai, buscai na Historia
Exemplos, bem notoria,
Tantos annos incrivel, mostra a fama
A empreza de Colomb, do illustre Gama.

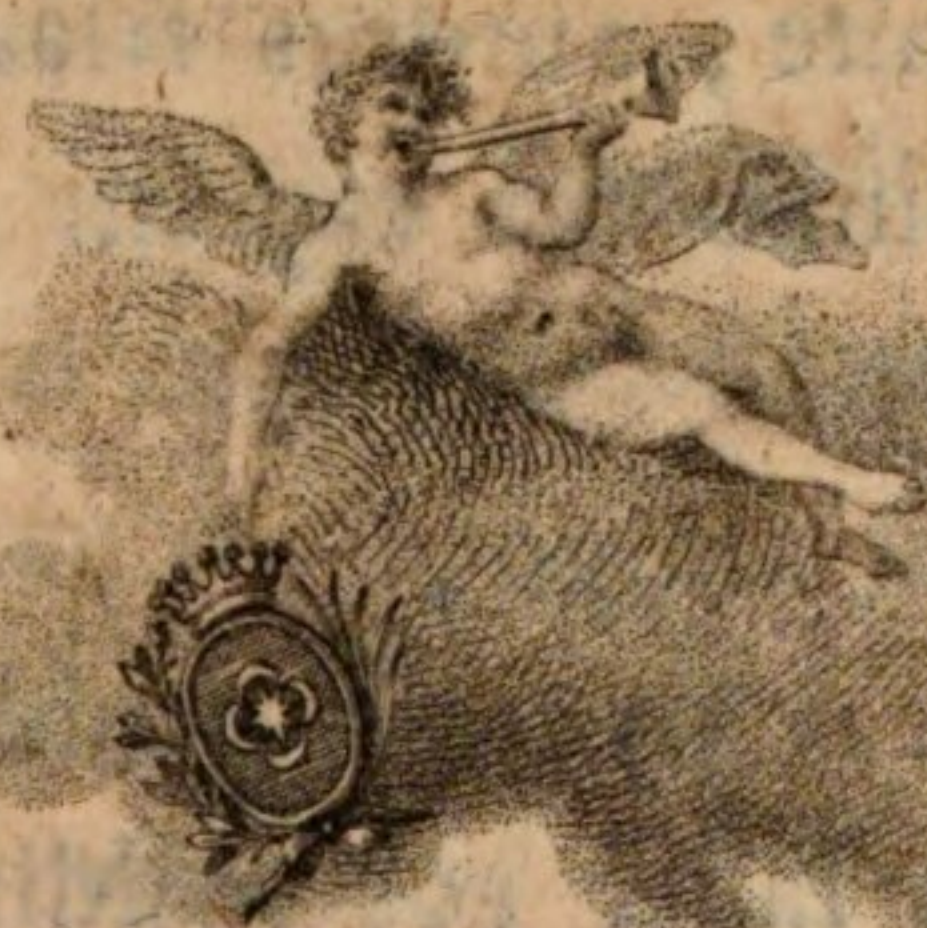
Forão tantos Dominios adquiridos,
O' Castros, ó Meneses!
A' Bandeira de Christo reduzidos
Os póvos tantas vezes,
O' grandes Portuguezes!
Se tantos bens não fossem procurados
Por mares nunca d' antes navegados?

Não jazêra a Moscovia sepultada
Na barbara indolencia,
Que a fez dos póvos cultos ignorada,
Se a grande Providencia,
A célebre advertencia
Do seu famoso Heróe lhe não mudasse
Os costumes, as Leis não derrogasse?

Sem almas evocar do centro escuro
Barbaras, loucas gentes,
Os célebres arcanos do futuro
Verieis já patentes,
Mas vossas fracas mentes
Nem fé conservarião, nem constancia
Se o véo se lhes rompesse da ignorancia.

O' santo amor da Patria , já suspendo :
Politico , e prudente
Calarei os prodigios , que estou vendo ,
Até que descontente
Venha essa ingrata gente ,
Que já pállida escuta estes agouros ,
Restituir ao Téjo os seus thesouros.

Então verás (ó Conde) premiado
O teu merecimento :
Dos trabalhos da Glória rodeado ,
Teu sólido ornamento
Será do Reino o augmento.
E tu Patria , honrarás minha memoria ,
Meus versos cotejando pela Historia.



ODE IV.

HE louca a mocidade:

Certo Pai de familias carrancudo

Me vem dizer por fórma de conselho,

Bem sei que o pede a idade,

Mas sinto vêr hum moço tão sisudo

Todo o dia na casa deste velho;

Faz-se muito vermelho

Se lhe digo que falla toda a gente,

E que olhe, se a casar se não obriga,

Que infama a rapariga.

Assim discorre o pobre padecente,

Que hoje na sésta ardente,

Na tenebrosa noite, auroras frias

A' filha do vizinho faz espias.

Sou muito teu amigo,

Vem Menalcas, ó Lycidas, cuidado,

Não demos que fallar aos maldizentes;

Sou filosofo antigo
Ignorante de amor; mas foi notado
Por damas, e por outras muitas gentes
Sinceras, e innocentes
O excesso da attenção, com que na meza
Indiscreta Lycoris te mostrava;
O quanto desprezava
Outro obsequio qualquer, qualquer fineza,
E guardo a sisudeza,
T'endo-me dito ha tempo a tal Senhora:
Sabes tu que Menalcas me namora?

Em toda a minha vida
(Depois de me insultar de debochado)
Diz Fábio, eu tive sempre hum bom amigo,
Que longe de fingida
Complacencia, ou lisonja descarado
Me dissesse os meus vicios, e o perigo,
Em que algum inimigo
Com malévola, indigna falsidade
Vai maculando o meu procedimento;
Em reconhecimento
Desta minha sincera liberdade,
Dize-me hoje a verdade?

E faz-me esta pergunta (he bem que o diga)
Na presença dos filhos, e da amiga.

Em cólera incendiado
Me faz queixa do filho de Roberto;
Canfio lagrimijando e balbuciente,
E de zelo movido
Volta a casa do pai, pois tem por certo
Que está das travessuras innocente:
Jura que por parente
Jámais o tratará, se o não desterra;
Dizendo, que por brando, descuidado
O vê naquelle estado:
Assim o bom do velho exclama e berra;
E he constante á terra
Que com elle perdeu toda a amizade,
Quem lhe falla dos netos na maldade.

Não tenho a barba branca,
Fúnebre aspecto, rosto macilento,
Nem tão pouco o sobrolho carregado,
A nada fiz carranca;
Soprou-me da fortuna sempre o vento,
Jámais do quarto humor fui atacado,

Fujo desconfiado
Ouvindo hum nescio, hum louco, hum maldizente;
Nada me importa menos do que o mundo,
Nem me espanto, ou confundo
De vêr Pretor Aufidio; antigamente
Ria-se disto a gente;
Mas só me fazem dar volta ao miolo
Certos homens, que vem fazer-me tolo.

Que dizes do Palacio,
Que fez Tifonio? ha menos de seis mezes
Me perguntava certo amigo nosso.
Oh se se lêra Horacio,
De nós se não ririão tantas vezes:
Muito mal se aconselha aquelle moço.
Fez-lhe castello e fosso,
De jaspe lhe colloca nas fachadas
Não as armas de escuros ascendentes,
Sim as mais apparentes
De todas quantas elle vio pintadas
Naquellas celebradas
Memorias, ou fragmentos da Armaria
Lá desses tempos da Cavallaria.

Hontem do meu socego
Me tirou por bons modos, e esquecido
Do que entre nós se tinha celebrado:
Não em latim, ou grego,
Mas em bom portuguez, (fiquei corrido)
Já tenho o meu solar principiado,
Me diz mui confiado.
Já veremos se a célebre estrutura
Dos famosos Palacios de Tifonio,
De Ticio, de Sempronio
Tem á vista daquella Architectura
Prespectiva, ou figura,
E se torna a exaltar a gente louca
Essas obras do Conde de Tarouca.

De hum baixo nascimento
(Outro me vem dizer edificado)
Ninguem póde emendar o vil effeito.
Morro de sentimento
De vêr o nosso amigo contratado
Co' a filha de hum pedreiro: este defeito
Cabia no conceito,
Que faziamos todos geralmente,
Vendo em tantas acções a austeridade

Daquella gravidade.

Neste tom me fallava hum tal demente,

Neto de boa gente,

Que tirou por justiça hum máo focinho

Digna filha de hum cujo ribeirinho.



ODE V.

DOces frutos colhei, mimosas flores,
Adorado Consorte, Esposa cara,
Em quanto a gentil Deosa dos Amores
O Nectar vos prepara.

Nos seus ramos o Inverno respeitava
Esses dourados mimos de Pomona,
E para vós sómente os sazouava
O filho de Latona.

Do fogo, que nos peitos se encobria
Hoje he bem que respire o santo fumo;
Os maiores extremos da alegria
Bebei no roxo gume.

Em quanto os Conductores prigueiros
No Oceano a beber não leva o dia;
Esses castos ardores dos Esposos
Mitigue a neve fria.

QUARTETOS.

COroadas de Era, e Louro
As Nynfas desta espessura,
Dos Consortes a ventura
Cantão com feliz agouro.

Mostra-vos contentamentos
Sinceros nossa alegria,
Na suave melodia
Dos rusticos instrumentos.

Contemplando as perfeições
Destes Noivos adorados,
Os rios estão parados,
Os ventos como em prizões.

Mais ligeiras do que o vento
Hoje as formosas Napéas,
Nas engraçadas Choréas
Mostrão seu contentamento.

O D E VI.

NÃO tires, não, da Aljava esse instrumento
De que peitos humanos
Jámais pudêrão vêr frustrado o intento;
Deixa astutos enganos,
De que se não livraráo prevenidas
As mesmas Divindades offendidas.

Não quero combater de huma belleza
Injustas crueldades,
Deixem as tristes armas da fereza
Súplicas, humildades:
Pudêrão mais na bocca de hum menino
Contra a barbara força do destino.

Vai, adorado Amor, vai ja voando,
Repete a minha historia
Do modo que eu a fico lamentando;
Se tens ainda memoria
De tantas mallogradas alegrias,
Esquece-te de tão ditosos dias.

Dobra os tenros joelhos, e a piedosa
Mão delicada beija.

Illustrissimo Conde, a quem pezada
Seria a condição da alta grandeza
Nas prizões do respeito atormentada :

Que sem faltar ás Leis da Natureza,
Santas Leis ! conheceste que podia
Conservar-se o decóro da Nobreza ;

Ouve effeitos, que não produziria
No livre coração dos homens puros,
Homens, que amão a sã filosofia.

Ouve cousas, Senhor, com que os futuros
Heróe te julgarão de idade de ouro,
Não dos de ferro seculos escuros.

Comtigo fallo : e pende o fausto agouro
Não do Progenitor, que vio tremendo
Na canícula ardente o frio Mouro,

Não daquelle ascendente, que vertendo
Em defesa da Patria o sangue claro,
Está no teu valor resplandecendo:
Não da vasta lição, do engenho raro
Adornão felizmente...



O D E VII.

DE gelado suor os frios membros
Cobrio de todos a fatal proposta,
Que immoveis escutarão
Horrorizados huns, pasmados outros
Da barbara constancia: ultimo e forço
Da humana fortaleza
Do sangue Portuguez nunca esperado,
Jurarão de morrer c'o grande l'reitas,
Ou fosse valeroso, ou temerario.

O' santa Providencia, que virtude
Se vio nunca abatida, quando deve
Faltar-nos a esperanza?
Espirou finalmente a triste vida
Do perseguido Sancho: e o grande Affonso
No throno collocado
Da miseria se doe dos sitiados;
Porém nunca tão fero o altivo Freitas
Os viveres recusa, elRei se pasma.

Da noticia duvida ; e o Soberano
Intacta a Fortaleza deixa em quanto
Sua fé satisfaça :
Em vão lamenta ao Rei defunto
Em Toledo ao abrir a sepultura :
Reconhece-o , o chora , a mão lhe beija ,
E nella do Castello entrega as chaves.

Que desejo tiveste , ó grande Affenso ,
De trocar a Coroa pela glória
Do constante vassallo ?
Quando o viste sahir da Fortaleza
C'os pallidos filhinhos pela mão ,
A valerosa gente moribanda.
Que pouco te alegraste da conquista ?
E vós rebeldes , froxos Portuguezes ,
Respondei , respondei , como ficastes ?

C'os joelhos dobrados fez a entrega
Do Castello ; protesta a vassallagem
Nas mãos do Soberano ;
Lançando maldições ao descendente ,
Que a defender castellos se obrigasse :
E fez gelar o sangue aos que invejosos

Vêm que em sua familia perpetuava
O Rei a Fortaleza,
Sem mais algum jurar fidelidade.

Nós Hymnos não tecemos nem grinaldas
A poderosos Reis, nem á Fortuna
Altars levantamos:
Não celebramos mais do que a virtude,
Immortaes vos farão os nossos Versos;
Este Heróe imitai, ó Portuguezes.



E C L O G A I.

I N T E R L O C T O R E S.

*O Pastor Lycidas, o Pescador Glauco.**Lycidas.*

CAntemos ora, Glauco, sim, cantemos
Do famoso Pastor famosas glórias,
Com que a nossos vindouros espantemos.

Glauco.

Pastor lhe chamas tu, são bem notorias
As façanhas, que fez nos altos mares;
Não nos queiras tirar essas vanglorias.

Lycidas.

Não percas o teu tempo em disputares;
Olha por esses troncos, esculpidos
Seus triunfos, seu nome, e seus pezares.

Glauco.

Volta os olhos ao Téjo, inda esparzidos
Seus cabellos verás, dos Pescadores
Escuta ainda os soluços, e os gemidos.

Tem as divinas Graças , e os Amores
Em vermelho corál no centro frio ,
Com letras de ouro escritos seus louvores.

Lycidas.

Mil vezes no calmoso , e secco Estio
Leva as settas ardentes nesses montes ,
Se fôra Pescador deixára o rio ?

Glauco.

Nos tempos , em que estão gelando as fontes ,
No mar as finas redes estendia ,
Antes que o Sol dourasse os horizontes.

Lycidas.

Passa as compridas noites em vigia ,
Quando os mais do trabalho descansamos ;
Qual outro Maioral isto faria ?

Glauco.

Elle persegue em quanto nós pescamos
Esses monstros fataes , esse inimigo ,
De quem por elle nada receamos.

Lycidas.

Olha como nos livra do perigo
Imminente aos Pastores , mais ao gado ,
Se bem te lembras do fatal castigo.

Glauco.

Olha como nos tem facilitado
Nossa navegação, como desfeito
Esse oiteiro, que o mar tinha entulhado.

Lycidas.

Nem com maior poder, nem com mais geito
A manhosa raposa outro algum caça,
Cs lobos acommette peito a peito.

Glauco.

Quem melhor que elle chumba, estende a naça,
Leva direito o barco estando ao leme
Com qualquer vento, qualquer mar que faça?

Lycidas.

A misera Pastora já não teme
O Satyro immodesto; dos seus tiros
Toda a campina, todo o bosque treme,

Glauco.

As Serêas estão nos seus retirôzinhos
Sempre alternando, em vez do alegre canto
Melancolicos ais, tristes suspiros.

Lycidas.

Elle com seus fallares póde tanto
Nas pezadas discordias dos Pastores,
Que temos quanto diz por justo, e santo.

Glauco.

Temos nelle tal fé, que nas maiores
Contendas entre nós, hum seu aceno
Tem socegado o mar, e os Pescadores.

Lycidas.

He Semideos em todo esse terreno,
Nem he dos nossos cães mais conhecido,
Da Arcadia o Numen nesse monte ameno.

Glauco.

O filho de Saturno de corrido
Vendo o poder, que tinha sobre as ondas,
Larga o Tridente, e o buzio retorcido.

Lycidas.

Calas-e, Pescador, mais não respondas;
Depois que se danarão teus golfinhos,
Quanto lhe debes he melhor que escondas.

Glauco.

Aquelles infernaes monstros marinhos
Por deixar-se levar dos teus Pastores,
He que fôrão tão máos, e tão daninhos.

Lycidas.

Não terão mais rebanho esses traidores;
Bemdito seja quem nos livra os gados
De tão tyrannos, falsos guardadores.

Glauco.

Jámais verás taes monstros, nem pintados;
Bemdito seja quem lhe extingue a casta
Nos nossos mares, mares tão sagrados.

Lycidas.

Pois não temos Juiz em vão se gasta
O tempo em disputar, para outro dia
Deixemos a contenda, o gado pasta,
O barco tens em secco; essa harmonia,
Que move o brando vento de entre as faias,
A levantar a voz nos desafia.

Glauco.

Se da primeira empreza já desmaias,
Como te vens metter n' outro perigo?
Serás riso dos montes, e das praias.

O' Tajedes cantai, cantai comigo;
Já por ouvir-me os mudos nadadores,
Deixão das lapas o mais doce abrigo.

Lycidas.

Cantai comigo, ó Ninfas, os louvores
Do nosso Maioral; após mim vejo
Marchar os gados, gados, e Pastores.

Glauco.

O' Pastores da Arcadia, entrai no Téjo,
Vêde esse busto, vêde esses Altares,
Não tereis mais que vêr, nem mais desejo.

Lycidas.

Sahi, negros Tritões, sahi dos mares,
Vêde essa Estatua, vêde esses Loureiros,
Tereis de que pasmar, e que invejares.

Glauco.

Elles se adornão dos coraes primeiros,
Que lá dos mares, onde nasce o dia,
Trouwêrão grandes nossos Alteeiros.

Lycidas.

Que delles pende tudo quanto cria
A loura Ceres, a divina Flora
No ameno valle, na montanha fria.

Glauco.

Ornãõ a fronte, por que Thetis chora
Bem guarnecidas desse metal louro
As congeladas lagrimas da Aurora.

Lycidas.

Theséo, Pomona com feliz agouro
Frescas grinaldas de mimosas flores,
Mais preciosas que as coroas de ouro.

Glauco.

Alegres cantos nossos Pescadores
Vem modulando...

Lycidas.

Mil devotos Hymnos
Vem entoando todos os Pastores.

Ambos.

Ouçamos ora cantos tão divinos.



E C L O G A II.

A Tempo que Jerolma se partia
Para o valle, em que traz suas ovelhas,
Do monte, que alguns dias habitára
Na amavel companhia dos Pastores
Menandro, Melibeu, Aleixo, e Claudio,
Chega Anfriso á cabana, e rodeada
A querida Pastora vê de quantas
Rebanhos apascentão neste sitio,
Infinitas havia das que morão
Da outra banda do rio, mil Pastores,
Que para dar-lhe aquellas despedidas
Se haverião de ter posto a caminho
Logo que o gado encerrão na tarde antes,
Té da serra lá vi Nataria, e Berta.
Tantas gentes havia que parece
Que era algum grandioso Baptizado.
Olha o que he ser bemquisto, quanto póde
Huma prática branda, hum doce agrado,
Cousa, que tanto val, e nada custa,

E de quão poucas gentes he usada!
A mingoa, com que Anfriso vê que parte
Jerolma, apenas elle ao monte chega,
Se desconta no gosto, que recebe
De vêr sua querida celebrada;
Pois como lhe custou esses extremos,
Que té pôde dizer toda a floresta,
Tantas demonstrações são provas claras
Ainda do muito mais que ella merece,
Que este Pastor não tem o genio de outros,
Que não querem por Deos, que os mais se agradem
Dessa, que lhe consente amor por sorte,
Por temer que lha coma algum c'os olhos:
Forão sempre abençoados seus amores
Fóra da má suspeita do ciúme.
Abraça-a Melibeu, abraça-a Aleixo,
Da mesma sorte os mais se vão seguindo,
Huns menos se detem, outros repetem,
Este lhe beija a testa, aquelle a face;
Ella corresponde huns só com palavras,
Outros abraça, aperta, a muitos beija;
E quando chega a Anfrizo, em quem se agoura
Huma demonstração mais excessiva,
Só lhe disse risonha, *A Deos Anfrizo. (*)*

(*) *Phyllida amo ante alias, nam me discedere flevit.*

Se Menalcas a víra não dissêra,
Que mais ama a que chora á despedida.
Qualquer vai com seus olhos rasos de agoa
Buscando o monte, a serra, o valle, o rio,
E só ficão no sitio alguns Pastores
Que de continuo alli fazem palestra.

Hum compadece Anfrizo pela ausencia,
Outros só pelo modo, com que o deixa;
Hum lhe dá seus remoque, outro culpa
Nas graças de Jerolma este defeito.

Muito deo que fallar o bom do tópe,
Qual diz que foi de Alberto, qual de Ambrosio,
E todos perderião seus rebanhos
Por cousas suas vêr em tal altura.

Mas Beatriz que sabia, cujo era,
E que estava mulando, como Anfrizo,
Disse então, nada sabe dos amores
Quem se deixa enganar do fingimento.

Vós outros, estais cegos, vós não vêdes
Em quem falta este tópe? Ficão mortos
Quando menos o achárão na monteira
Do desprezado Anfrizo; cada hum delles
Já se lembra do nastro, e mais do atado;
Tanto póde a aprensão, que céga as gentes.

Vós que quereis, Beatriz continuava,
Vós que quereis que faça huma Pastora
Modesta, nestes casos? por ventura
Amor está nos beijos, ou nos braços?
Conhecei de Jerolima a travessura,
Mal explicára extremos, se com elle
O mesmo que c'os outros praticára
Fizêra então; que como nelle os dêra
Só com gosto, por isso assim lhe mostra
Que em tudo quanto faz contrafazia
Seu desejo; que máos entendedores
Sois dos segredos da alma enamorada,
Como senão soubesseis, que consiste
O fino dos amores nos disfarces.

Muitos beijos vos deo, muitos abraços,
Satisfeita, cortez, agradecida;
Porque estas innocentes liberdades
São costumes da nossa singelleza.

Mas no tópe de Anfrizo o Amor perfeito,
Colhido antes do Sol aperta o laço.
O malmequer já murcho, e desprezado
Apparece despojo; a verde palma
Já completa a victoria lhe assegura;
A folha de oliveira a paz lhe agoura;
Agora vêde todos lá comvosco
Se lhe quereis, ou não jazer na pelle.

Anfrizo com modestia se desculpa,
Dizendo que não tem merecimentos;
Mas de modo que bem se lhe conhece
Que estava solapado, e que encobria
O gosto, que lhe dava aquelle conto,
Pelo muito que estava escarmentado
Da lisonja de falsas apparencias,
Procurando fazer de hoje em diante
Como aquelle animal, que foi mordido

Part. II.

D

Da fera sanguisuga, que examina
C'os olhos pouco a pouco o precipicio,
Primeiro que no charco metta o beijo
Bem que a sede as entranhas queime, e abraze.

Ausentão-se depois as mais amigas
Do rancho de Jerolma, qualquer deixa
Nos brandos corações signaes de affecto.

Mas logo pela sesta as costumadas
Pastoris diversões vejo no monte,
Qual ri com a Pastora Peregrina,
Qual corre, qual lutava; aquelle dança,
Estoutro joga; em fim como se a causa
Do sentimento fôra extincta. Anfrizo
Quando tal vio ficou mesmo passado;
E chamando Menandro alli de parte,
Principia a fallar desta maneira:

Eu não sei como são estes Pastores;
Se as Pastoras fizêrão estas cousas,
Não se ouvira cantar pela floresta
Mais do que falsidades, inconstancias
De seus genios mudaveis; não me espanto

Que os olhos enxugassem tão depressa,
Mas de que possa estar alegremente
Qualquer quando os amores tem distantes,
Que tenham forças, e arte para os brincos.

Eu por mais que me ensaie, e mais que faça,
Quando Jérólma não tenho presente,
Se á barra tiro, doe-me logo o braço,
Se me ponho a cantar lá desentoo,
Parece a minha frauta a de Marcello,
Quando aposto a correr, Julião me passa;
Se a luta vou jogar quemquer me vence,
Os pés não movo tendo outra parceira,
São minhas fallas grandes tonterias.

Eu não podendo já conter o riso
Por vêr que o tal Pastor torna ás andadas,
Vou metter-me entre outros, e elles fcaõ
Muito Anjinhos de vêr que os escutava.



SATYRA I.

O Ra, Lycidas, basta : ha sete mezes
Que por graça da Chrisma deo a Arcadia,
Como qualquer Doutor de *Tibi quoque*
Eu te vejo Poeta de milagre.
E sete mezes ha que cá por dentro
Escarnecendo estou com risos falsos
A confusão, que vai no teu juizo.
Os abortos, os monstros, as quimeras,
As distracções, as lagrimas, e os pasmos.
Mas senão víra mais pelo interesse
Deste bem gracioso passatempo
Eu me fôra calando; mas quem ouve
Este nome de sátyra, estremeço!
Quando crítica Lycidas, presume
Que Figueiredo falla : pouco a pouco
Eu não quero perder os meus amigos
Por nenhum caso, e menos por indignas
Complacencias... tu riste? e com desprezo
Tratas minhas palavras? pois se queres

Imitar tanto Horacio, ouve-me ao menos
Lá como elle escutava os seus escravos.

Tu a mortos, e vivos satyrizas,
Eu bem sei que no gosto das Sciencias
Muito ha que dizer delles, isso he certo;
Mas quem és tu no mundo litterario?

Tu refórmas costumes; mas aonde
Tens apprendido a E'thica, presumes
Que porque a possuimos *gratis data*
He que a tem desterrado das Escolas?

Não queres que na Arcadia entrem sujeitos
Senão que fação honra á Sociedade:

Tu Lycidas não sabes que és da Arcadia?

Eu hei-de dizer tudo... persuades
Que soffrão, que tolerem as fraquezas
Huns dos outros sisudos? Se eu não fôra
Quando lê seus Acrosticos Narciso,
Quantas vezes ririas como hum doudo.

Quando Mevio repete satisfeito
Nos banquetes, que dá por ter ouvintes
Huma Ode galante, e quando todos
Lhe dão mil parabens, tu entre os dentes
Abaixando a cabeça muito sério,

Dizes para o vizinho mais chegado,
O Poeta de Téos fez bem Odes.

A todos dizes que és principiante,
Se he que isso se não vê das mesmas obras,
E ris como hum patéta, quando Bavio
Perguntado huma vez dos teus progressos,
Na boa fé responde em tom de Mestre,
Se se applicar... talvez... sim... não duvido.

Dizem todos que os Versos tem defeitos
Diffíceis de emendar já nessa idade;
Tu conheces que a lingua tens infecta
Da Castelhana frase, sem vergonha
Confessas que perdeste a acção da propria;
Mas com a autoridade de sincero
Nenhum sabe o que diz, tu te enganavas.

Estremecem da crítica os mais sabios;
E se tem no Soneto hum verso froxo,
Por musica o repetem senão basta;
Como gato por brazas vão saltando
Por encobrir-lhe a *maula*; tu que destes
Hum sem número tens nas tuas Obras,
Só porque tos corrijaõ, quando os dizes
Tomas o tom de Mevio; se os escreves

Sem reparar que são tuas orelhas,
Logo a marca lhe pões do matadouro.

Tu dizes que isto he conhecimento
Dessa mesma ignorancia com que escreves;
Assim o fazes crêr a muita gente.

Mas eu que te penetro, e vejo claro,
Descobrirei que o fazes com malicia,
Pois como tens na idéa que elles passem
Além da tua morte, nesse tempo
Por elles julgarão do teu juizo.

Se souberem que Coridon os nota,
Os corrige, os emenda, nisso mesmo
Asseguras melhor aquella glória;
Pois quem dirá mal delles quando saibão
Que Coridon os lia: que respondes?

Tu mordes-te de inveja quando dizem
Os Poetas, que vem lêr-te os seus versos,
Que naquella manhã, ou na noite antes
Os seus longos Poemas compuzêrão,
Porque vês que não fazes outra cousa
Mais do que corrigir aquellas Obras,
Que davas hum mez antes por completas,
Se as queres lêr na Escola; e se as cotejas
Parece que são feitas ás avéssas.

Porém tu não te espantas como eu faço,
Louvando a prontidão do engenho, e d'arte:
Reparas que Virgilio em bons tres annos
Não fez mais que dez Eclogas; reparas
Que queria queimar o seu Poema,
Que compuzêra em doze, mas do tempo
Não queres fazer caso; essa imprudencia
Já vem de muito longe; certo dia
Riste do curioso, que mostrava
Hum quadro de Jordão, quando pretende
Desculpar os defeitos que lhe achaste,
Com a satisfação, que o Pintor dava
Nas cóstas do Painel. A eternidade
Não sabe distinguir de circumstancias,
Julga só pelas Obras... mas he caso
Que hum tal reparador só não repare
Que fez dezoito sátyras Horacio,
Que o grande Anacreonte só fez Odes,
O célebre Maffei poucas Tragedias,
Moliere sómente fez Comedias,
Fez Eclogas Theócrito; e que o famoso
Despreaux não he Despreaux, quando se aparta
Das composições proprias do seu genio.
Que hum Pintor faz paizes, outro flôres,

Dos bons Pintores fallo; outro figuras;
Arquitecturas outros, outros gados.

E's o *Petrus in cunctis* dos Poetas:
Quererás também pôr na sepultura
O *Pascua, rura, duces* de Virgilio?

Olha quantos Virgilios teve o mundo,
Quantos Camões Hespanha, e quantos Tassos
Essa famosa Italia: não respondes?

Não cuides, Figueiredo, que não tenho
Nessa mesma ignorancia do meu génio
Razão, com que desculpe o atrevimento,
Com que tão cegamente vou batendo
A quantas portas acho nesse Templo
Da famosa Minerva, até que a Deosa
Me deixe entrar sequer por hum postigo.

Não cuides que não tenho fundamentos
Para fazer patente a toda a Arcadia
A semrazão fatal de tanta injúria;
Mas de tudo me esqueço quando vejo
Huma sátyra mais no meu peculio.

*Et loin de m'aveugler sur mes propres caprices
J' ose jusque sur moi faire la guerre aux vices.*

Estando o Autor em Coimbra pelos annos de 1745, o quizêrão levar huns amigos a passear ao penedo da Saudade, estando elle muito triste na ausencia de huma pessoa, que estimava; e respondendo que o divertia mais a sua melancolia, lhe dissêrão que viesse, porque o lugar infundia tristeza; resistiu-lhe, e diz as razões neste

SONETO I.

O Nde querem que vá, duro tormento!
 O' lembranças crueis de hum bem ausente,
 Se se faz o rigor menos vehemente
 Recordando o pezar no sentimento:

Se dar pretendem justo fundamento
 A sentir, duro fado, o mal presente
 A hum peito firme, porque a dôr se augmente,
 Que estímulo maior que o que lamento?

Contra a fé que jurou minha firmeza,
 He buscar ao tormento lenitivo,
 He querer persuadir-me a mais tristeza:

Que offende a producção do affecto vivo
 Mentir no soffrimento a gentileza,
 E não prezar a dôr pelo incentivo.

* *Copiando o Autor huma Imagem de nossa Senhora, lhe dissêrão que estava melhor que o original. Mostra ser impossivel neste*

SONETO II.

E Sse retrato, effeito da ventura,
Que a semelhança deve ás contingencias,
Como póde exceder nas preeminencias
Aquillo mesmo que imitar procura?

Não cabem no limite da figura
Mais que na igualdade as competencias;
Que a porção que lhe augmenta as excellencias,
Contra as imitações as desfigura:

Como o excesso lhe argue desigualdade,
Fica o retrato na dissemelhança
Perdendo toda a singularidade.

He mentido esse crédito que alcança;
Pois mais lhe prova a superioridade
O que lhe faz perder a semelhança.

* *Paixão pelo desenho logo nos primeiros annos, e constante em toda a idade.*

*Felicitando ao Autor no dia dos seus annos,
responde neste*

SONETO III.

O Gosto de viver, oh quanto occulta
A fatal condição do ser humano;
E que possa augmentar-se hum tal engano,
Quando mais o viver se difficulta?

Em occultar a mágoa, que resulta
De ir vivendo no effeito he mais tyranno:
Não hei-de ter na vida o desengano
Vendo que a mesma idade me sepulta?

Os annos venço; e quando no desgosto
Da morte o maior mal na alma conheço,
Do mesmo que me alenta, me desgosto.

Contra a vontade allivios desconheço;
E onde estão os motivos para o gosto,
Aborrecendo aquillo que appeteco?

Passando o senhor Conde de Tarouca por huma rua, onde havia hum grande concurso de gentes, ouvindo as tristes vozes de huns, que agonizavão nas ruinas de humas casas, persuadio que lhe valessem; e dizendo-lhe quem havia de atrever-se ameaçando hum tão evidente perigo? respondeo: Eu, que não aconselho senão o que obro.

SONETO IV.

NÃO suspendas, ó Conde, essa ousadia,
Effeito o mais heroico de piedade,
Que ainda a prudencia em tanta heroicidade
Parece prevenção da cobardia.

Se temeraria a acção lhes parecia,
Não sendo a execução quem a persuade,
Ou os confirma na temeridade,
Ou deixa escrupulosa a valentia.

Mas oh que se te arrojas destemido
Ao mesmo que aconselhas piedoso,
Deixas o esforço então mais conhecido!

Tal he a força de hum caso lastimoso,
Que a não o executares advertido,
Duvidarão se fôras valeroso.

*A Belyssa, que por mirar a Almeno se picó
y salio mucha sangre de la herida.*

SONETO V.

Nunca vi la beldad, nó; sin dureza
Por decreto fatal de mi destino,
Pero con tanto exceso peregrino,
Es solo propiedad de tu belleza.

Para haver de inclinar la gentileza
Nunca falta al que adora extremo fino;
Mas donde amor los meritos previno
Si a su proporcion cresce tu fiereza.

Si en ti misma castigas inhumana
Un exceso, que obraste inadvertida
Contra quien nó serás Clori tirana?

Pues si cuesta mirar sangre vertida
El ver te sin rigor, el ver te humana
Nó se paga con menos que la vida.

*A una hermosa Dama, que mató en el pecho
un impertinente mosquito delante de algu-
nos Cavalleros.*

SONETO VI.

DE essa victima el desconocimiento
Bien que ignora el favor de la hermosura
De acabar a tus manos la ventura
Es invidia para el atrevimiento.

Ni dexa de mostrar vano tu intento,
Para con la innocencia accion tan dura
Si essas venganzas tu beldad procura
Para ser de atrevidos escarmiento.

El rigor, que acredita la inclemencia
Porque tema la invidia el desperdicio
En piedades convierte la violencia.

Que quando no se ignora el precipicio
Mal puede la razon de la inocencia
Quitar la vanidad al sacrificio.

*Descubre un amante el oculto amor, que tenia
a una Dama en esto*

SONETO VII.

EN el alma hasta aqui, dura violencia,
Malogradas las fuerzas del destino,
Ocultar supo de un amor tan fino
La gustosa passion, mi inadvertencia.

Mas oh Deidade quando en la apparenceia
Mentido tu poder así examino,
El callar tanto efecto peregrino
Fuera mas que holocausto irreverencia.

Pero no jusgues, Clori, atrevimiento
No abrasarme de amor la Alma pura
Quando dentro en el pecho un bolcan siento.

Pues tanto el atractivo en ti se apura,
Que aquel, que te disputa el rendimiento,
Mas un trofeo consigue a tu hermosura.

*Embiando a una discreta Dama las Obras
Lyricas de Candamo, que son raras.*

SONETO VIII.

A Tus manos, y nó sin vanagloria
Esse raro volumen passo atento,
Mas que a tu gusto, al desvanecimiento
Que del autor consigue la memoria.

Aunque miro su fama tan notoria,
No es superfluo este elogio a su talento;
Que es tan distinto su merecimiento
Que solo le acredia a questa gloria.

Los constantes aplausos repetidos,
Que muestran del autor justa alabanza
En discretos elogios divididos,

Oy trocara a vivir por la esperanza
De que fueran sus versos bien renidos
Por tu sabia conducta en su enseñanza.

Part. II.

E

*Tardando el Autor en agradecer a una Señora
un pequeño regalo, que le habia hecho, le di-
xieron, que se quexava de su silencio; mues-
tra que devia estimarlo en este*

SONETO IX.

NO' se tenga el calar, nó por vileza
Faltando al generoso el incentivo,
Que el nó agradecer es un motivo,
Que a la dadiva aumenta la pureza.

Mas paga la accion propia la nobleza
Del corazon; que la executa altivo
Que la ruda atencion de un relativo,
Que dexa sospechosa la grandeza.

Si pues de el noble pecho el animoso
Dexa el agradecido equivocado
Con el ser liberal quando es forçoso.

De la ingratitud naca un desagrado,
Mas nó del corazon, que es generoso
Pareca el beneficio respetado.

Mata-se Osmia, mostrando ao marido a cabeça do adúltero.

SONETO X.

E Ste barbaro, perfido instrumento
Da violencia do affecto mais sagrado,
A's minhas mãos cadaver já tornado
As vanglorias sepulta no escarmento.

O mesmo generoso casto alento,
Que deixa tanto insulto castigado,
Deste modo tambem justificado
Te deixará do meu consentimento.

Este Padrão da nossa desventura,
Bem que autorize a minha infeliz sorte,
Desterra da infamia a conjectura:

Neste segundo impulso da Consorte,
Ah desgraçado esposo! se assegura
A generosa causa desta morte.

*Mostrando Osmia a seu marido a cabeça do
adultero, que degolára por impedir que se lou-
vasse daquella deshonra, se matou immédia-
tamente diante delle por tirar-lhe a suspeita
do consentimento. (Falla o marido)*

SONETO . XI.

Que importa que me livre da suspeita
Contra a innocencia tanta heroicidade,
Se he precisa a lembrança da maldade
A deixar a virtude satisfeita.

Quanto essa illustre acção mais se respeita,
Tanto mais leva a offensa á eternidade;
E nunca a prevenção contra a vaidade
Lhe póde escurecer a injúria feita.

Se de horror acabára com mais glória,
Ficaria observado o casto rito
Não me deixando infamias na memoria;

Que esse mesmo despojo do conflicto,
Quando a minha deshonra faz notoria,
He menor a vingança que o delicto.

SONETO XII.

E Spirou Benedicto. Oh Vaticano!
Pela dôr não distingo a Christandade;
Não he preciso ás luzes da verdade
Ser Catholico, basta ser humano.

O fiel Povo o chóra, e mais tyranno
Lhe faz o golpe a fé que a realidade:
Aquelle, que lhe nega a santidade,
Em culto da virtude torna o engano.

He mais universal o sentimento
Do que a veneração, porque lhe veja
A mesma obstinação merecimento.

Tal virtude no Sólío sempre esteja
Que a fé se tornará conhecimento,
Chorando os Papas quem não louva a Igreja?

SONETO XIII.

TU queres ter amor, e não ter zelos?
Me perguntou Cupido; eu perturbado
Lhe respondi: Senhor, não vês o estado
Em que elles me tem posto? hei-de querellos?

Compadeceo-se; e vendo os meus desvelos
Jurou de me livrar de tal cuidado
Se lhe posso amostrar hum namorado,
Hum só, que se não queixe de soffrellos.

Alegre os olhos volto aos circunstantes,
Que se achavão no Templo, presumindo
Ouvir em meu favor dois mil amantes.

Porém todos se fôrão despedindo,
Banhando em terno pranto os seus semblantes,
E o Deos, de vêr-me absorto, ficou rindo.

SONETO XIV.

DEixai de combater, ó Mocidade,
As brandas settas, com que Amor vos tira:
Que menos mal será que hoje vos fira,
Que lá no tempo da madura idade.

Dizer que lhe resiste á crueldade
O peito dos humanos he mentira:
Aquelle foge, estoutro se retira,
Mas entregão por fim a liberdade.

Bons seis lustros me ri da travessura,
Com que o tyranno Deos em tanta empreza
Pretendia render-me á formosura.

Oh se então me rendêra! Esta firmeza
Fôra menos estranha, se he loucura;
Teria mais desculpa, se he fraqueza.

SONETO XV.

Quantos dignos Heróes vês collocados
Pela Fama no Templo da Memoria,
Tantos humildemente o amor da Glória
Defronte do meu Throno vio prostrados:

Mas este que se acclama, desprezados
Os meus cultos, altivo faz vangloria
De conseguir o premio da victoria,
Ultrajando o cruel poder dos Fados.

Isto disse a Fortuna; e o negro rosto
Cobrindo perturbada sem alento,
Sobre a roda fatal cahe de desgosto.

E que premio sem este documento
Podia ser motivo ao nosso gosto,
Ou credito do teu merecimento?

F. sentido de vêr a...

SONETO XVI.

Caro me tem custado o fingimento,
O' adorado bem, lindos amores!
Esse instante que creste meus rigores,
Bem descontado está no sentimento.

Cada vez que me vem ao pensamento
Que cheguei a causar-te dissabores,
Terias dó de vêr-me; oh Ceos, que horrores!
Se pudêra explicar-te o meu tormento:

Mas a emenda do genio sempre exposto,
Vendo aquelles effeitos deshumanos,
Hum crédito será do meu desgosto.

Desde agora verás, longe de enganos,
Na lingua o coração, alma no rosto;
Juro pelos teus olhos soberanos.

*Lycidas aos P. do Téjo, que estranhão sua
tristeza depois da retirada que fez á
Provincia Transtagana.*

SONETO XVII.

O Mesmo Céu, os mesmos campos vejo,
E nédio, como d'antes o meu gado,
Nestas Ninfas encontro o mesmo agrado,
Tenho conveniencias de sobejo:

As forças, nem a voz de outros invejo,
Nenhum Pastor tem cão mais alentado,
Sou dos Sabios querido, e procurado,
Forão minhas delicias sempre o Téjo:

Mas vós que de amor viveis mimosos,
Julgais esses motivos de alegria
Bastantes a fazer-nos venturosos?

Figurai que vos falta a companhia
Das Pastoras, que amais tão extremos,
Natural vos será minha agonia.

SONETO XVIII.

Aqui vejo com sangue rubricado
Pelo nosso Menalcas o divino
Nome da gentil Marcia, aqui examino
O de Thyse cruel também gravado:

Alli deixou Menandro escarmentado
A memoria fatal do seu destino;
Aqui leio mal pago o extremo fino
Dos amores de Anfryso desgraçado.

Levai-me adonde estão, sábios Pastores,
Escritos com suave, e molle penna
De Paris, e de Piramo os Amores;

Que alli ao som da triste Filomena
Eu cantarei de Amor brandos louvores,
Lycori escreverei ao pé de Helena.

SONETO XIX.

N Aõ és, ó Tempo, aquelle que corrias
Nessas horas do meu contentamento,
Com tão ligeiros pés que o pensamento
Mais veloz, me parece que excedias.

Como agora, cruel, que as agonias
Já não podem caber no soffrimento,
Affectas esse tardo movimento,
Que divide por seculos os dias?

Pois entende, infeliz, senão voares
Como ligeiro vento desde agora,
Que pouco te rirás dos meus pezares:

Com a fouce que tudo em fim devora,
De Amor te deitarei junto aos altares
A' vista de Lonia as azas fóra.

SONETO XX.

NEm são raios do Sol, nem são dourados,
O' formosa Lycori os teus cabellos,
Quaes os pintão fantasticos desvelos
Na mente dos Poetas namorados.

Não são no nosso Téjo celebrados
Por verdes, nem azues teus olhos bellos;
Nem eu digo que Amor cegou de vêllos,
Nem tem outros effeitos decantados.

Negros cabellos tens, negros, e vivos
Teus olhos são; nem raros pelas côres,
Nem tambem como a luz do Sol activos:

Que fôra deslustrar os meus amores
Achar na semelhança os incentivos,
Fundar na raridade os teus louvores.

SONETO XXI.

Rendido o coração, preza a vontade
Nas cadeias gentís da formosura,
Não julgava no mundo mais ventura
Que aquelle cativoiro: oh bella idade!

Porém logo do bem da liberdade
Me fazem tal idéa, e tal pintura,
Que eu julgava, rompendo a prizão dura,
Conseguir a maior felicidade.

Mas fiquei como aquelle passarinho,
Que do uso das pennas innocente
Ao carcere passou desde o seu ninho:

Pois se alguma vez fuge, descontente
Por tornar a prender-se, coitadinho!
Dá giros á gaióla impaciente.

SONETO XXII.

A Mor me surpredeo quando acabava
Esses versos que leste, e cruelmente
Me mostrou nesta mão hum facho ardente,
E na direita huma espantosa clava:

Com voz trémula altivo me ordenava
De queimar o Poema em continente;
E porque me detenho, diligente
Para ferir-me a vara Herculea alcava.

Impávido, lhe disse, descarrega,
O' temerario, mas vê que dessa sorte
O golpe mais cruel em ti se emprega.

As azas bate o Deos astuto, forte,
Vendo que o seu fatal poder lhe nega
Mais do que o meu Soneto a minha morte.

SONETO XXIII.

A Fflijó-me de vêr sempre a teu lado
Esse Pastor ; não falles , eu bem vejo
Que he de quantos abriga o nosso Téjo ,
O menos digno , o mais mal encarado :

Confesso que me teus tão premiado ,
Que dás provas da fé tão de sobejo ,
Que mil vezes além do meu desejo
Tens as fallas de muitos evitado :

Não tem causa , Lycori , os meus terrores ,
Nem de ti minha idéa mal presume ,
Bem seguro me tem tantos penhores :

Não me digas que choro por costume ,
Em não haver razão para os temores ,
He que está a natureza do ciúme .

SONETO XXIV.

NÃO te lembra, Lycori, aquelle dia,
Em que huma negra cordeira tosquiavas,
E do Pastor, que a tornou de entre humas favas,
Quando ella com as peias te fugia?

Não te lembras da calma, que fazia
A' sésta do Suão, que te abrazavas,
E hum Pastor á cabana, aonde estavas,
Huma infusa te trouxe de agoa fria?

Pois eu fui; de tão longe o meu tormento
Pela tua galharda formosura
Traz o seu vaidoso nascimento:

Vê se he facilidade, se he loucura
Presumir-te bastante fundamento
Para se desculpar minha ventura.

SONETO XXV.

P Oz Amor dependente a minha vida
 Dos rigores de hum tal apartamento:
 Vê qual será, Lycori, o meu tormento,
 Quando me exponho ao risco da partida?

De zelos tão crueis sinto ferida
 Esta alma, que me obriga o sentimento
 A trocar hum ingrato sofrimento
 Pelo susto de vêr a fé perdida.

Porém se te offendi no triste engano,
 E se tímido sou, morrer de forte
 Hoje pretendo ás mãos do desengano;

Se te offendê a suspeita desta sorte, tyranno,
 Te fizêra inconstante a minha morte.

SONETO XXVI.

VO's que estais dos ciúmes offendidos,
Não suspireis aos pés de huma tyranna;
Porque se lisonjea a mais humana
De vér os seus triunfos repetidos;

Por effeitos de Amor tão conhecidos
São já no mundo os zelos, que se engana
Quem não julga que tornão mais ufana
Qualquer belleza as ancias, e os gemidos:

Fugi logo, se tendes a alma forte,
Vereis como descobre o sentimento
As semrazões da vossa ingrata sorte.

Lycori, que zombou do meu tormento,
Chegando-lhe a mostrar zelos de morte,
As causas extinguiu no apartamento.

SONETO XXVII.

DA constancia de Lycidas duvida
Lycori, que por elle se abrazava,
Vendo que do rival já supportava
O caro amante a vista aborrecida.

Amor lhe representa a fé perdida
Por vêr que a côr do rosto não mudava,
Nem já mostra os signaes, que em vão buscava
Encobrir á tyranna prevenida:

Ella já de constante, ou de piedosa
Dos zelos apartava o sentimento,
Desprezando o contrario rigorosa:

Mas não bastava aquelle fundamento,
He na louca paixão menos forçosa
A prova da razão que o documento.

SONETO XXVIII.

HE possível, ó cara liberdade,
Que depois de tão longo cativoiro
Occupes no meu peito esse primeiro
Lugar, que te usurpava outra Deidade?

Tanto póde emprenhender huma vontade,
Já suspeita de Amor tão verdadeiro,
E conservar no impulso derradeiro
O mesmo ardor, a mesma actividade!

Enxuga o bello rosto, não suspires,
Aparta a triste imagem dos horrores,
Se elles fazem que tímida respires;

E se fundas no exemplo esses terrores,
Lembra-te. tu, Lycori, quando vires
Que me chego a abraçar de outros amores.

SONETO XXIX.

SIm, Menalcas, he certo que eu cantava
Com tão brandos accentos algum dia,
Que a gente se pasmava, porque via
Que o Téjo por ouvir-me atrás tornava;

No meio da cantiga se calava
O triste rouxinol quando me ouvia;
Tal fogo tinha eu, tal harmonia,
Que Córidon meus versos escutava.

Parece que de assombros, e de medo,
Se acaso a rouca voz levanto agora,
Até de mim se aparta esse rochedo;

Mas se a causa fatal de ti se ignora,
Escrita a pódes vên neste penedo,
Dize que ta decifre essa Pastora.

SONETO XXX.

Q Uem viu chorar Anfryso, se espantava
Depois que satisfeito, e alegre o via;
E qualquer que o seu mesmo mal sentia,
O modo de o curar lhe perguntava.

Nos encantos da rima lhes mostrava
O remedio feliz; mas ninguem cria
Que da ingrata Jerolma se esquecia
A' proporção que ás Musas se entregava.

Já duvidar não posso que conheço
No meu peito mais raros, e maiores
Effeitos causa Apollo que estremeço;

Pois em quanto me inflammão seus furores,
Nem me lembra Lycori; olhai que excesso,
Lycori, que por mim morre de amores.

SONETO XXXI.

P Rimeiro os altos chopos excedidos
Hão-de ser des humildes medronheiros,
Do que vejas em mim tão verdadeiros,
Extremosos affectos esquecidos.

Primeiro aquelles montes mais subidos
Hão-de inundar os áridos ribeiros,
Do que vejão na selva os Pegureiros
Nossos peitos amantes divididos.

E se da Natureza a variedade
Praticando impossiveis conjectura
Algum dia mudar minha vontade:

Porque fique a esperança bem segura,
Não tens lá preza a triste liberdade
Nas cadeias da tua formosura?

SONETO XXXII.

OU escandalizada, ou delirante
Tuas cartas mil vezes me pediste,
Porém nunca tyranna as conseguiste'
Em quanto era razão que eu fosse amante:

Mas logo que era injúria ser constante,
Ah deshumana! em teu poder as viste,
E então he que extremosa te fingiste
Por salvar o defeito de inconstante:

Guarda embora o desposito enganoso,
Reliquias fiéis do cativoiro,
Que fizeste depois tão vergonhoso:

Para crédito desse amor primeiro,
Mais do que teu affecto mentiroso
Póde o meu sentimento verdadeiro.

SONETO XXXIII.

SE causo por mudavel teus enfados,
E se viver sem ti não posso hum dia,
Acabe-se a funesta antipathia,
Que nossos peitos tem tão magoados:

De meus finos affectos namorados
Triunfos não logrou tua porfia;
E nunca minha errada fantasia
Escarmenta de teus golpes irados.

Eu sempre hei-de inclinar-me á formosura
Por huma propensão da Natureza,
Que fez meu coração todo brandura:

Mas tu nos attractivos da belleza
A rara condição de huma fé pura,
Então verás, Amor, minha firmeza.

SONETO XXXIV.

DEpois de tantos modos de tormento
Por ti, barbaro Deos, excogitado,
Quem poderia crêr que inda guardado
Me tinhas hum destino mais violento:

Ingratidões, ciumes, fingimento,
Tem sempre meus affectos maltratado,
Mas nunca vi entregue a meu cuidado
As duras semrazões de hum peito isento.

As settas, com que d'antes me ferias,
Vinhão tintas do sangue lastimoso
Desses corações, donde as despias:

Mas hoje sinto o effeito venenoso,
Sem que possam as proprias agonias
Fazer meu sentimento venturoso.

SONETO XXXV.

DE mil loucas paixões a Natureza
Formou este mortal composto humano,
Que no logro feliz de hum doce engano
Podessem relevar nossa tristeza;

Porém temendo extremos por defeza
O nosso abuso, monstro deshumano,
De hum raio desse lume soberano
Lhe fechou da razão a fortaleza.

Entrega-me ditoso á formosura
Paixão, que me consegue o esquecimento,
Da condição dos homens triste e dura;

Mas na força de tal contentamento,
Nunca póde acordar-se na ventura
O meu amor, e o meu entendimento.

SONETO XXXVI.

QUanto escrevo, mortaes, e quanto digo
Contra a cega paixão; porque a innocencia
Sem as próvas da triste experiencia
Conheça as falsidades, e o perigo:

Não he vingança, queixa, nem castigo;
Que em mim do ingrato bem a inclemencia
Faltára das verdades a evidencia,
Se tivêra esse Deos por inimigo.

Vive de mim tão longe o sentimento,
Quando assim contra amor inspiro e clamo,
Que amor foi sempre o meu contentamento.

E se hoje da razão minha alma inflammo,
Justifique-se mais o documento,
Confundi-vos de todo, ó mortaes, amo.

SONETO XXXVII.

EU neste ingrato mundo contemplava
Com tão sérios horrores certo dia,
Que a fonte, que dos olhos me corria
Do Téjo as mansas agoas alterava:

Nem de Lycori a vista socegava
Esta minha cruel melancolia,
Nem aquella moral Filosofia,
Que no sábio Democrito estudava.

O Deos da Medicina, que o lamento
Escutava tão triste, e tão profundo
A Poesia me põe no pensamento:

Quando vejo o remedio me confundo;
Mas foi tão efficaz medicamento,
Que principiei logo a rir do mundo.

SONETO XXXVIII.

B Ramia a terra lá do mais profundo,
 Vião-se os altos montes ondeando,
 Fôrão-se os edificios debruçando,
 Já se lamenta o Povo moribundo:

No resto dos mortaes horror segundo
 Lembrava o Sol, que vião desmaiando;
 Mas por salvar a vida, agonizando
 Intentavão fugir, fugir do mundo.

Eu, que as causas discorro só comigo,
 Entretanto cadaver tenho alento
 De supportar immovel o castigo.

Da grandeza de Deos hum tal portentoso
 Via na triste imagem, que o perigo
 Fez menos impressão, que o documento.

SONETO XXXIX.

E Sse poder, que tinha a formosura,
He victima do illustre nascimento;
Tanto triunfo, tanto vencimento
Hoje passa no mundo por loucura:

Não se estima virtude clara e pura,
Soberano, immortal merecimento,
Porque tenham as Damas valimento
Cobrem de diamantes a figura.

Avarento não sou, nem vaidoso,
O teu gentil semblante Amor me inspira,
A virtude me faz só venturoso.

E se humana razão sempre delira,
De ouro me engana o século formoso
Por quem tanto o de ferro em vão suspira.

SONETO XXXX.

Porque foges, Menalcas, esquecido
Da choça, dos cachorros, e do gado?
Será porque se vio hoje no Prado
Amor de agudas settas guarnecido?

Ah misero Pastor, que vás perdido,
Hum passo não dês mais; acachapado
Agora vi detrás desse vallado
Outro monstro mais fero, mais temido.

Anda-vos espantando lá no monte
Com terrivel, fantastica armadura
Por fazer-vos baixar áquella fonte:

Com elle a liberdade está segura;
Volta, volta, que já te pões defronte
Dos raios, que despede a formosura.

SONETO XXXXI.

EM quanto chóra Lycidas amante
Da formosa Lycori a ausencia dura,
Occultando-se Amor, ella procura
Ostentar mais alegre o seu semblante:

O Deos já presentido, e vigilante
De outra Nynfa tomou logo a figura,
E da areia, que piza na espessura
Nos olhos lhe lançou cópia bastante:

De lagrimas dous rios vão cobrindo
O lindo rosto, e nos nevados peitos
Já das purpureas faces vão cahindo;

Mas da vingança errados os conceitos
No cégo amante Amor ficou sentindo,
Que em vez de os estimar, chóra os effeitos.

SONETO XXXXII.

TU , que al passo , que notas los defectos
Las bellezas conoces , y advertido
Más que en las complacencias del oído
Te detienes de la alma en los affectos:

Tu , que te agradas más de los perfectos
Modelos preservados del olvido ,
Que de esos con que el gusto prevertido
Suele engañar los menos circunspectos.

Verás en mis informes producciones
No tragica invencion , genio sublime ,
Que contraste el furor de las passiones ;

Mas porque mi demerito se anime
A lo menos verás que los oprime
Si no dexas de ver los corazones.

SONETO XXXXIII.

NAõ chores, não suspires, que o meu peito
Por tanta crueldade endurecido
Bem se póde mostrar compadecido,
Porém nunca, ó tyranna, satisfeito:

Enxuga o bello rosto, o brando effeito
Das lagrimas não queiras vêr perdido,
Que não desfaz o pranto enternecido
As manchas, que puzeste no respeito.

Nesse mesmo lugar tanto choraste
Vendo túbios os meus finos ardores,
Que as feras, e os penedos abrandaste;

Até por desfazer os meus temores
Já por mim, já por ti cruel juraste,
Juraste pela fé dos teus amores.

SONETO XXXIV.

Senhora, se teu claro entendimento
De profana intenção tal culpa exime,
Castigas obstinada hum leve crime,
Em que não teve parte o pensamento;

Bem que seja innocente o atrevimento
O discreto pudor sempre o reprime;
Mas quanto mortifica, quanto opprime,
Hum instante do teu desabrimento?

De méra indiscrição debeis vapores
Não manchão da pureza da Deidade
Os brilhantes, divinos esplendores;

E fôra em ti culpavel impiedade
Tratar a inadvertencia, e os rigores
Só dignos de huma vil temeridade.

Satisfação sincera a desattenções politicas.

SONETO XXXV.

A Treveo-se á Deidade o mal tyranno ;
Oh sacrilega acção da Natureza !
Vás procurar o extremo da belleza ,
Porque se não mallogre o desengano ?

Em desmentir o horror fôra inhumano
Quem não víra frustrada aquella empreza :
Porém eu que previ certa a defeza ,
A minha fé não troco pelo engano.

Da Natureza vendo a iniquidade
Chegára a autorizar-lhe o atrevimento ,
Quando compadecesse a Divindade ;

E se lhe presumíra vencimento ,
Da dôr mal explicára a actividade
Se me deixára acôrdo o sentimento.

S O N E T O XXXVI.

TU me rendeste, Amor, mas dependente
Do meu capricho tens huma vontade,
Que em desconto da minha liberdade
Quanto eu della quizer, tanto consente.

Tão confiada vive, e tão contente
A misera belleza, que a piedade
Move o meu coração; e quem não ha-de
Ter horror de enganar huma innocente?

Ou me tira a razão, ou torna impia
Aquella desgraçada formosura,
Que de vozes amantes se confia:

Pois se terá desculpa a travessura
Na traição, que merece a tyrannia,
Ou nos cegos impulsos da loucura.

SONETO XXXVII.

A Gentil Eritréa em vão procura
Desgostar-nos cruel contra a innocencia,
Pois desfaz dos rigores a apparencia
Nos affectos, que move a formosura.

Em vão o fino Ernesto, em vão se apúra
Em fazer-nos sentir tanta inclemencia,
Pois dando aos fingimentos evidencia
Suspende nos assombros a ternura.

Mas para duplicar contentamentos
Faz a Dama agradaveis os rigores,
Alegres o Galan os sentimentos;

Mostra qualquer o effeito dos amores
Naquella horriavel scena dos tormentos,
Movendo compaixões, movendo horrores.

*D. Ignez de Castro, vendo enternecido a
elRei D. Affonso.*

SONETO XXXVIII.

SE te vejo, Senhor, arrependido,
Contente morrerei, que essa violencia
Sepulta dos delictos a apparencia
Na fraqueza, que mostras suggerido.

Deixas o casto amor desvanecido
Nesses mesmos impulsos da clemencia;
Para justificar minha innocencia
Basta-me vêr-te, Affonso, enternecido:

Não dilates o golpe, que he forçoso
Apartar dos castigos a piedade
Por não deixar o crime suspeito;

Olha que está gemendo a Magestade;
E se te não mostrares rigoroso,
Parece que he temor a atrocidade.

A elRei nosso Senhor.

S O N E T O XXXIX.

NOs Vassallos infunde hum tal conceito
Da Magestade a santa idolatria,
Que preservão no Sólío a tyrannia
O sagrado temor, o alto respeito:

Seguro de traições o Régio peito
Domina escandaloso a Monarquia,
Pois faz o vil horror da aleivosia
Que pareça virtude o que he defeito.

Se tão religioso, e sábio culto
Conserva a Natureza, e a Divindade
Nos corações mais barbaros occulto,

Qual será o terror da atrocidade,
Quando vemos, ó Rei, que neste insulto
Soffre mais que o respeito a humanidade?

Figueiredo.

Descobrimo Sua Magestade a traição.

SONETO L.

NA traição contra a vossa Augusta vida,
Que tem o mundo todo horrorizado,
Não só vós, Senhor, fostes o aggravado,
Tambem se queixa a Patria de offendida.

Queixa se, e com razão, porque applaudida
Foi sempre de fiel; e este attentado
Tem-lhe em fórma esse timbre deslustrado,
Que a glória lhe deixou desvanecida.

Dessa crueldade atroz, perfida, immensa,
Que aos mesmos fementidos foi agouro,
Seja o castigo justa recompensa:

Contra as traições cingi triunfante o louro,
Pois não só castigais a vossa offensa,
Tambem vingais á Patria o seu desdouro.

SONETO LI.

Vo's, ó Ninfas do Téjo, costumadas
A's lagrimas de tantos mil Pastores,
Espantais-vos de ouvir tristes clamores,
Escutais meus suspiros magoadas?

Ou não fôrão por elles bem contadas
As causas, que lhes dêrão seus amores,
Ou talvez as que eu tenho por maiores,
São mais dignas de serem mais choradas.

Isto será (ó Ninfas) certamente,
Pois algum entre tantos saberia
Dizer-vos suas queixas ternamente.

Porém mover-vos tanto não podia
Nem Camões, nem Ferreira antigamente
Se Lycori no Téjo não havia.

SONETO LII.

SE me chegasse a vêr livre algum dia
Destas duras prizões , fero tormento ,
Seria tal o meu contentamento ,
Que logo de prazer acabaria.

Mas se acaso escapasse , ficaria
Presente na memoria o documento
De tal sorte , que nunca o pensamento
Pudesse duvidar de que vivia.

Porém Amor concebe taes horrores ,
Quando chega nos ferros a lembrar-me
Do modo de zombar dos seus rigores ,

Que nem com a certeza de matar-me
O meu contentamento , os seus temores
Lhe permitem valor para soltar-me.

SONETO LIII.

O' Formosa Lycori, onde perdeste
Aquelle brando olhar, e doce riso,
Que novo encanto foi do meu juizo
Assim que os lindos olhos me puzeste.

De tal melancolia se revestê
Aquelle gracioso teu sorriso,
Que já no bello rosto nem diviso
A desculpa do mal, que me fizeste.

Não já por mim, por ti, torna a mostrar-me
O plácido semblante, bem que opposto
Teu coração conspire por matar-me.

Não deve supportar a alma o desgosto
De entender-se que póde sujeitar-me
Mais a minha cegueira que o teu rosto.

SONETO LIV:

COm os olhos cahidos no regaço
Me recebes, Lycori, ha muitos dias,
E caprichosa no rigor porfias,
Só por veres se tenho o peito de aço.

Eu desdenhoso, ingrata, contrafaço
Minhas mortaes, extremas agonias,
Só por vêr se era certo que excedias
A paixão, em que amante me desfaço:

Desenganado estou já da loucura,
O pranto de meus olhos se despede,
Tu deixas-te ficar nessa postura:

Teimosa ainda assim me não concede
O teu genio a victoria? Por ventura
Não he o que mais ama o que mais cede?

SONETO LV.

Viver inteiramente distrahido,
Amar a solidão, fugir da gente,
Vêr quanto aos mais agrada indifferente,
Ter sempre a mesma cousa no sentido:

Estar de antigas glórias esquecido,
Não lembrar-se de amigo, nem parente,
Presumir-se no mesmo independente,
Não invejar o mais favorecido:

Passar compridas noites desvelado,
Viver tão satisfeito com tão pouco,
E têr-se pelo mais afortunado.

Ser ás injúrias cêgo, aos zelos mouco,
Estimar por fineza hum mero agrado;
Se isto não he paixão, dou-me por louco.

*Vendo F. hum mão retrato de F. ausente,
chorou.*

SONETO LVI.

SEnão vêdes na cópia semelhança,
Porque chorais meus olhos? a figura,
Que desmente de Anarda a formosura,
Como póde excitar-vos a lembrança?

Se o motivo da dôr só bem se alcança
Na memoria do objecto da pintura,
Dará claros indícios a ternura,
Mais que da saudade, da mudança?

Mas aí, que pouco importa que a fraqueza
Do pincel não lograsse o nobre intento,
Quando a imaginação supre a destreza.

Chorai pois olhos meus vosso tormento,
Que desperta a memoria da belleza
Mais do que a semelhança o sentimento.

Ao Duque de Aveiro.

SONETO LVII.

DO nada fez a Mão Omnipotente
Hum Anjo a quem deo a primazia,
Dominando huma, e outra Gerarquia,
Tendo no Céu assim Lugar-Tenente.

Fez cá na terra o Rei da Lysia gente
De hum quasi nada hum Grande, e bem se via
Nos lugares, e póstos, que exercia
Ser factuta de hum Rei sábio e prudente.

Este hum para os dous já se perdeo
Pela louca ambição, que em tudo erra,
Em querer cada hum mais do que he seu.

A razão toda a dúvida desterra,
Por ser aquelle ingrato ao Rei do Céu;
E este ser traidor ao Rei da terra.

*Melhora F. com a noticia de que Lycori sentia
o seu mal.*

S O N E T O LVIII.

A Dorada Lycori, eu bem sabia,
Depois que Amor nos une docemente,
Que foi dos teus affectos dependente
Minha consolação, minha alegria:

Mas nunca tal virtude presumia
Na tua compaixão, que de repente
A violencia do mal, que o peito sente,
Cedesse áquella dôr, que em ti movia:

Providencia de Amor! Porque se dura
O motivo da pena, desgraçado
Acabára aos effeitos da ternura:

Acabára infeliz, desesperado;
Não soffrendo na minha desventura
A parte, que tem nella o teu cuidado.

SONETO LIX.

HE verdade, meus olhos, meus amores,
Que o genio, que te mostro indifferente
Parece, bella Thyrese, que desmente
A fina estimação dos teus favores:

Não duvido que cheia de temores,
Queixosa, arrependida, ou descontente
Aquelle meu desdém te não consente
As finezas, que espero ainda maiores.

Porém se tu te esqueces desse agrado,
E mil vezes cruel, tyranna, impia
Me tratas como o mais vil desprezado,

Por lisonja na offensa consentia:
Que se eu não affectára o desagrado,
Não tivêra desculpa a tyrannia.

SONETO LX.

Cahio Paulo, Senhora, e em continente
Os olhos levantou já convertido;
Cahio Pedro, Senhora, e arrependido
Chóra a culpa também de renitente;

O primeiro dos homens delinquente
Foi da quéda maior homem perdido;
Mas he também feliz, pois vê remido
O mal, em que envolveo tanto innocente.

Que notaveis agouros não alcança
Nestes fáceis soccorros da memoria,
Quem pondera as razões da semelhança:

Accrescendo de mais na nova Historia
Para os prontos remorsos da mudança
O lugar da Tragedia, ou da victoria.

SONETO LXI.

DE hum destino fatal compadecida
Encontrei venturoso a gentileza,
Desterrando-me a fúnebre tristeza,
A que minha alma vi quasi rendida;

Mas apenas do mal convalescida
Consagra illustres votos á belleza,
Da chamma, que em teus olhos via acceza,
Amor lhe fulminou mortal ferida.

Livras-te-me benigna dos rigores,
Que da tyranna sorte a atrocidade
Me causava na inveja dos favores;

Mas se vês acabar-me sem piedade,
Senão has-de apagar estes ardores,
Aquella compaixão foi crueldade.

SONETO LXII.

Quando imagino o como se procura
Impedir ou por força, ou por destreza
Que a minhas mãos chegueis, huma alta empreza
Presume conseguir minha ventura:

Mas quando vejo flores sem verdura,
Tão vulgares, sem cheiro, e sem belleza,
O lograllas depois de tal defeza
He só prova da minha desventura:

Ah não temais por isso hum duro trato
Do novo agricultor, nem que algum dia
Se chegue a ornar com vosco peito ingrato!

Que costumado a amar a tyrannia,
Na vossa duração tem hum retrato
Dos eternos rigores de Leonia.

Amante raivoso da formosura da Dama.

SONETO LXIII.

EU bem sei que de amor mais conseguira
Se da minha Pastora mais quizêra,
Mas lembro-me também do que perdêra
Se della mais prendado amor me vira,

Pela sua virtude hoje suspira
A razão, que sómente a considera;
Porém se ella obrigado me tivêra
Os motivos do affecto confundira

No seu merecimento conjectura
Sem pretender favor, minha vanglória
Mostrar todo o poder da formosura;

E quando a obrigação fôra notória,
Nesses mesmos extremos da ventura
Ficaria perdida toda a glória.

N Aõ presumas , temerario,
Porque o voto bem consagres
Que fez hoje estes milagres
ElRei , ou o Secretario :
Murmura o juizo vário
Que fizesses a primeira
Figura na derradeira
Sessão : e picado Apollo
Para embaçar tanto tolo
He que te deo a Cadeira:

Que este nosso Povo falto
Daquillo a que chamão siso,
Julga que tem mais juizo
Quem lhe falla de mais alto.

A Quellas cantigas,
Todo o teu cuidado,
Vi eu n'um toucado,
Que pena, que dôr!

Ai, não foi nada,
Socega, coitada:
Tu mudas de côr?

Não foi Antonica
Dar logo com ellas?
E as cantigas bellas,
Vê onde as foi pôr!

Ai, não foi nada,
Socega, coitada:
Tu mudas de côr?

Mas eu mal as vejo
Tomei tanto fogo!
Deitei-lhe as mãos logo,
Porém foi peor.

Ai, não foi nada,
Socega, coitada:
Tu mudas de côr?

Foge a tutenegra
Com ellas na bocca,
Andão á matroca,
E eu n'um tremor.

Ai, não foi nada,
Socega, coitada:
Tu mudas de côr?

Por ti magoada,
Mais raivosa que ella;
Botei-me á cadella
Com ancia, e furor.

Ai, não foi nada,
Socega, coitada:
Tu mudas de côr?

Saquei-lhas da bocca
Todas babujadas,
Porém não rasgadas;
Do mal o menor.

Ai, não foi nada,
Socega, coitada:
Tu mudas de côr?

Sem lêllas, nem mesmo
 Querer copiallas,
 Depois de livrallas,
 Depois de me expôr.

Ai, não foi nada,
 Socega, coitada:
 Tu mudas de côr?

Aqui tas entrego,
 Toma-as, não te piques;
 São os meus despiques,
 Despiques de amor.

Ai, não foi nada,
 Socega, coitada:
 Tu mudas de côr?

Senão queres dar-mas
 Não faço violencia,
 Terei paciencia,
 Mas guarda-as melhor.

Ai, não foi nada,
 Socega, coitada:
 Não mudes de côr.

D Ignissima Prelada, Illustre, Grande,
Em quem virtudes taes se considerão,
Que o tronco dos Heróes, que o mundo acclama;
Ornando estás vencendo a Natureza.

Que importa que nascesses invejando
A sorte dos Varões para as proezas,
Se nunca fôrão mais dignas de gloria
As acções do valor que as da prudencia?

Huns fôrão generosos imitando
Os Eugenios, os Pedros, e os Turennas;
E políticos outros conseguindo
Do Reino os interesses e a grandeza.

Tu mais discretamente virtuosa
Te vás desempenhando da alta empreza
De repetir exemplos, que deixarão
As Monicas, as Ritas, e as Theresas.

Co' as armas do poder, e do respeito
Elles gentes indomitas governão;
Tu com as da prudencia, e da brandura
Fazes que a liberdade se aborreça.

Desculpa generosa hum desgraçado,
Que contra ti formou inuteis queixas,
Se tacs atrevimentos no motivo
Não levão a desculpa quando offendem.

Obrigado me vejo, e confundido
Pelos dignos effeitos da inteireza;
Para o conhecimento da virtude
Não me tira o discurso a justa pena:

Mas se me satisfazes, se me obrigas
Por attenta, Senhora, quando negas,
Já pódes comprehender por generoso
Que effeitos na minha alma não fizêras?

O costume infeliz da ingrata sorte
O meu constante genio nunca altera;
Mas golpes tão crueis, tão repetidos
Não cabem nos limites da paciencia.

Viverás em meus versos decantada,
Elles dignos serão de fama eterna;
Porque a veneração, com que os tributo,
O teu nome feliz tanto os eleva.

Memorial, que fizêrão as Freiras da Conceição de Béja ao Senado da mesma Cidade para se fazerem defronte das suas janellas as funções do Arrajal, que a mesma Cidade fez em demonstração da sua alegria pelo Desposorio da Rainha nossa Senhora com o Senhor Infante D. Pedro em o anno de 1760.

SE tiveramos essa liberdade,
Que talvez por desgraça
Tem qualquer individuo da Cidade,
Porque se satisfaça
Este nosso fiel contentamento,
Corrêramos ligeiras como o vento,
* Pizando a neve fria,
Ou soffrendo o calor do meio dia:
No mais hórrido Inverno alegremente
Na Canicula ardente
Sem distinguir de sitio, ou de distancia,
Tal he nosso prazer, nossa constancia,
Que poderá allegar-nos em contrario
Tanta malevolencia
De tão grosseiro vulgo temerario?

2. *Por seima de querer aproveitar.*

Perde a magnificencia
Em ser vista por nós tanta grandeza,
Ou a presumir chega que he baixeza,
Que se veja alterado
Agora esse costume inveterado
Pelo attento motivo, que o respeito
Acha em vosso conceito?
Pois sem exaggerar nossos louvores
Os autorizão taes espectadores.
Poderoso, magnifico Senado,
Que intentais advertido
Deixar o vosso nome eternizado,
Fazendo que esculpido
Se veja nos extremos de alegria
O mais célebre, o mais ditoso dia,
Por que já suspirava
A triste Lysia afflicta, que julgava
De Pedro na virtude preeminente
Esta a mais excellente
Princeza Augusta só bem empregada,
E o mesmo Céu lha tinha destinada.

Não deixeis que do vulgo a competencia
Nos tire aquella glória,

Que temos deste applauso na assistencia.

Já vos será notoria

Aquella grande parte, que tivemos

No público alvoroço, e se fizemos

Mil súplicas, e votos.

Com fé viva, com animos devotos,

Porque benigno o Céu nos concedesse

Este grande interesse:

Responderão talvez se os perguntares

As imagens, que vêdes nos Altares.

Apenas elegestes para o culto

Nosso ditoso Templo,

Vistes que o celebramos como indulto:

E fôra sem exemplo,

E da vossa attenção contrario indício

O deixar incompleto hum beneficio.

Que percão a fereza

Os brutos não temais, nem que a destreza

Chegue a faltar ao bravo Cavalleiro

No calido terreiro:

Tal nunca fez formosa, nem discreta

Supposto que o dissesse algum Poeta.

Não he divertimento estranho a Freiras
Qualquer dos intentados;
Somos Cómicas nós, somos Toureiras:
Que fogos decantados
Nos não fazem, Senhores, cada dia
Nas Grades, Locutorio, e Portaria?
Por mascarados temos
Quasi quantos ouvimos, quantos vemos;
Quem mais sciencia tem, quem mais entende,
Muito melhor attende.
Agora vêde lá, que he bem notório,
Quanto perdeis, perdendo este Auditorio?

Benigna despachai em continente
Huma súpplica tão justa,
Que vos faz este Claustro reverente.
Que cousa menos custa
A espiritos tão nobres elevados
Que servir Damas, que fazer-lhe agrados?
Coroas teceremos,
Todas vossas virtudes cantaremos.
Sereis com pedra branca distinguido
Magistrado luzido:
Deixaremos de vós memorias santas,
Juramos-vo-lo assim nós as Infantas.

G L O S A S.

P Or serem tão perseguidas
As virtudes consummadas,
Vejo mais que as relaxadas
As Beatas distrahidas:
Com apparencias fingidas
Seus affectos entretem,
Sem que cuidado lhes dê
As Portarias, ou rodas;
E vindo a amar como todas,
Namorão como ninguem.

As mais Freiras nunca encobrem
Os affectos sem receio,
Mas guardão no impuro seio
Essas faltas que descobrem:
Para que finezas obrem
Já da modestia despidas,
Cuidão tão persuadidas
Do seu hypocrito engano,
Que não julga algum profano
As Beatas distrahidas.

Conhecem de amor o encanto
Sem fugir do rendimento,
E que o seu fingimento
Lhe guarda o character santo:
Porém eu que vejo tanto
Cá por dentro o mal, e o bem,
Sem que diga como, e quem:
Com apparencia de ingratas,
Asseguro que as Beatas
Namorão como ninguém.



MAizinha, aqui manda
Manoel hum carta:
Quer dar-me licença
Para que eu a abra?

Manda juntamente
Com ella hum lata,
Cuido que he de fofos:
Poetas que mandão?

A carta está vista,
Veja, não diz nada:
Vamos ao presente,
He da mesma massa.

Manda pão, e queijo?
Senhora, que sátira!
Trata-me este tonto
Tambem de criança?

Mas não sabe ao menos
Que eu que sou fidalga?
Isto he hum almoço
Bom para Serranas!

Não lho merecia,
Que eu o estimava :
Deo c'o pé na peia ;
Mas he velho , e basta.

Estou receando
De encontrar borracha ;
Porque neste almoço
He só o que falta.

Manda-me dous livros ;
Porém que encebadas
(Minha rica Mãi)
Não trazem as pastas !

A Corte na Aldeia !
Outra bufonada :
Eu sou montezinha !
Tão rustica me acha !

Não teve outro tomo
De Camões o lámina ,
Manda-me as Comedias ;
Que não valem nada.

M

Manda-me dous livros ;
Porém que encebadas
(Minha rica Mãi)
Não trazem as pastas !

Manda-me dous livros ;
Porém que encebadas
(Minha rica Mãi)
Não trazem as pastas !

Manda-me dous livros ;
Porém que encebadas
(Minha rica Mãi)
Não trazem as pastas !

Manda-me dous livros ;
Porém que encebadas
(Minha rica Mãi)
Não trazem as pastas !

Manda-me dous livros ;
Porém que encebadas
(Minha rica Mãi)
Não trazem as pastas !

As Rimas de Matos
Tambem me mandava,
Se a Tia Theresa
Cá não pernoitava.

Elle equivocou-se,
Sim, na sobre-carta:
Toma-o lá Antonica,
Maria da Paz.

Eu sempre lhe digo
Como a Mãi passára;
Mas em tudo o mais
Nem huma palavra.



OITAVAS.

REfere, ó Musa, a misera constancia
De Lycidas, que póde em duro peito,
A pezar das defezas da inconstancia,
Introduzir de amor o brando effeito,
E que póde supprir com mais jactancia
Por não sabidas artes, e por geito
Aquella proporção, que não havia,
A que chama a ignorancia sympathia.

E tu, que viste alegre o fino amante
Soffrer as inconstancias da belleza
E outras vezes olhaste com semblante
Desdenhoso os extremos da dureza.
Faze que a todos seja interessante
Este exemplo tão raro da firmeza:
Que se prestas benigna attento ouvido,
Verás do canto o mundo suspendido.

Essa veloz Deidade já deixava
O violento exercicio da trombeta,
Nem o cego rapaz guarda na aljava
Para imprevisto acaso alguma setta :
Nos altares de Chipre já faltava
Quem votos faça , adorações prometta ;
O resto dos mortaes tinha esquecido
Por Cynthia a Fama , Venus , e Cupido.

Em vão ganha estandartes o guerreiro ,
Vencendo bravo as forças do destino :
Em vão de amor no doce cativoiro
Faz prodigio mais raro o amante fino :
Nem aquelle consegue applauso inteiro ,
Nem este invejas causa ao mais indino ,
Que a Conquista de Cynthia alta victoria
Não deixa outro caminho para gloria.

Porém do altivo génio tão mal pagos
Erão já por costume os rendimentos ,
Que se encontram nos miseros estragos
Primeiro que a esperança os escarmentos :

Céga a paixão faz mil discursos vagos,
Faltão nos corações atrevimentos,
E Cynthia, que nos olhos a alma via,
Conter o riso ingrata não podia.



Nota. Estas Oitavas tem a extravagancia de se acharem escritas no fim do Acto IV. do borrão da Tragedia de Viriato com hum risco em volta, que as separa das Strophes do fim do dito Acto.

OITAVAS.

ANtes de ver a Cynthia soube a Fama
Pintar-ma, ou fosse Amor, com tal viveza,
Que do lume da fé se fôrma a chamma,
Que só produz a vista da belleza.
A alma toda abrazada o peito inflamma,
E já quasi rendida a natureza
Nos seus olhos espera todo o alento,
Mas dobrão-lhe os seus olhos o tormento.

Sabes como elles são, Venus divina,
Não queiras que pretenda retratallos;
Quem os teus bellos olhos examina,
Não póde impedir-se de chorallos;
Que sentimento, que ancia, que ruina,
Se alguma vez em mim chega a empregallos?
E quando a alma consegue o que appetitece,
Então o sentimento, então mais cresce.

Já rendida á paixão de outros amores
O escutar meus suspiros a maltrata;
E perdida a esperança dos favores
Permittiste que a visse, ó Deosa ingrata;
Mas a razão lhe culpa seus rigores
Bem que a paixão cruel de zelos mata:
Que amor não tem poder no illustre peito,
Quando chega a infamallo de hum defeito.

Conhecendo o destino, longe della
Achei na aspereza deste monte
Senão todo o motivo de esquecella,
Mil gostos, com que a pena se desconte.
Contemplo o luzimento de huma estrella,
Adormeço ao murmúrio de huma fonte,
E de amor sobre effeitos bem diversos,
Componho á rude frauta moraes versos.

Tu que viste a discordia entre os amantes,
E quasi no meu peito extincto o fogo,
Por me veres tornar ao tempo de antes
A Beliza, cruel, juntaste o rogo.
Eu rendi-me, e os affectos tão constantes
Entre nós se mostrarão desde logo,
Que conheci que aquelle apartamento
A Cynthia, como a mim, fôra violento.

Amor me concedeo quanto queria,
Mas compaixão não foi, foi crueldade,
Por vêr que de outro modo não podia
Tirar-me o bem da doce liberdade.
Eu não sabia, Deosa, o que pedia,
Enganou-me a cegueira da vontade;
E se amor fez cruel minha jactancia,
Mova-te a compaixão minha ignorancia.

Não he, Divina Deosa, não, fraqueza
Apartar da minha alma este tormento:
He não querer que seja á natureza
Horroroso, e fatal meu sentimento.
Os amantes presumem na firmeza
Das Nynfas seu maior contentamento,
Vê dos tristes humanos que seria
Perdendo estas idéas de alegria!

Hum susurro no Templo se levanta,
Morre a chamma nas Aras de repente,
Aquelle desfalece, este se espanta,
E á porta o desengano, a honra á frente
Traz a luz da razão discreta e santa,
Com que o Templo illumina, e illustra a gente;
E a Deosa, que antes era tão formosa,
Aos olhos dos mortaes fica horrorosa.

OITAVAS.

EM quanto os corações brandos feria
 * O cruel filho astuto em seus enganos,
 A Mãe por encobrir-lhe a tyrannia
 As queixas escutava dos humanos :
 A seus pés todo o mundo alli gemia,
 Mostrando-lhe os fataes golpes tyrannos ;
 Mas de Lycidas vendo o sentimento ,
 Qualquer se consolava em seu tormento.

Longe de Cynthia Lycidas amante
 Com tanta dôr as lagrimas vertia,
 Que a voz, que lhe fiava o juizo errante,
 Inutil outra vez ao peito envia ;
 Quanto mais o consolão, mais constante
 Nelle demostra o excesso da agonia,
 Sem que encontre a razão de Amor no Templo
 Desengano, que possa dar-lhe exemplo.

* Implicuitque suos circum mea colla lacertos,
 Et quæ me perdunt, oscula mille dedit . . .
 Utile propositum est sævas extinguere flammæ.

Ovid. de R. Am. L. 1.

Qualquer de estranhos casos faz memoria,
 E de Daphne esquiva lembrão-lhe os rigores: A
 E de Piramo lendo a triste Historia,
 Outro lhe mostra o engano dos amores.
 Hum diz que da inconstancia faz vangloria,
 Canta da liberdade outro os louvores;
 Mas se na fé de Cynthia se fallava,
 Com mais desgosto Lycidas chorava.

Abre-lhe o Tempo o Livro do destino,
 Em que fica aos mortaes menos escuro
 Esse abysmo, em que occulta o Ser Divino
 A fatal contingencia do futuro:
 Aqui Lycidas pasma, aqui examino,
 Que em vão deter-lhe as lagrimas procuro,
 Porque vejo nos gestos, e no rosto
 Que nasce da razão tanto desgosto.

Cheia de espanto a Deosa dos Amores,
 Que o motivo das lagrimas presume,
 Effeito dos estragos, que os rigores
 Do filho ingrato causão no ciúme:
 Ou na ausencia fatal, que mais ardores
 No peito amante ajunta ao vivo lume,
 Empregou toda a força do artificio
 Por conseguir tão raro sacrificio.

Oh misero mortal! a Deosa injusta,
A quem se rende toda a Natureza,
Lhe diz enternecida, que te assusta?
Que sentimento causa essa tristeza?
Eu não te mostrei já quanto me custa
Soffrer no mundo ingrata huma belleza?
Pois que reccio pôde atormentar-te,
Quando sabes que estou da tua parte?

Que chorasses em quanto a paixão viva
Pelos seus bellos olhos te abrazava,
E apenas se mostrava compassiva,
Quando ella teus suspiros escutava;
Que chorasses em quanto a chamma activa
De outro fogo os ardores occultava,
Que hoje Cynthia descobre no teu peito,
Era causa de amor, de amor effeito.

Mas agora que sabes que a fé pura
No livre sacrificio da vontade
Tanta felicidade te procura,
Mais que por sugeição, por liberdade;
Agora que a fineza está segura
Desse extremo na illustre qualidade,
Chorar com tal excesso a Cynthia ausente,
He querer ultrajalla irreverente.

Ella por ti suspira a todo instante ;
E porque seus extremos bem comprendas,
Jámais plácido mostra seu semblante,
Senão a quem lhe lembra tuas prendas :
Esse mesmo rival , que morre amante
Pela vêr acceitar suas offrendas ,
Esse mesmo infeliz por agradalla
Mil vezes lisonjeiro em ti lhe falla.

Entretida sómente na leitura
De teus versos applaude os teus conceitos ;
E taes intelligencias lhe procura,
Que até faz agradaveis seus defeitos.
Quando dos teus cuidados a assegura
Qualquer demonstração de teus respeitos :
Por explicar o gosto na agonia
As lagrimas reveste de alegria.

Em distracção contínua vive amante ;
E por mais que disfarce o sentimento ,
Ora o descobre a lingua , ora o semblante ,
Interpretes fiéis do pensamento.
O teu nome repete a cada instante ,
Sem a alma disso ter conhecimento ,
Senão pelos agrados repetidos ,
Que os doces éccos deixão nos ouvidos.

Hoje entrava a banhar-se a Nynfa bella
Nas agoas da Acidalia, onde Cupido
Desejando zeloso sorprendella
Estava entre as mais Nynfas escondido.
Com seus afagos soube adormecella;
Porém ficou do engano arrependido,
Pois quando entre seus braços o apertava,
Ella a Cupido Lycidas chamava.

Mais suspiras, ingrato? A que ventura
Maior póde aspirar tua fineza?
Quando tens visto unida á formosura
A rara qualidade da firmeza:
Que mais fizêras tu sendo perjura?
Olha que mudar póde a natureza;
Que me he proprio fazer no mesmo instante
A Nynfa mais cruel da mais amante.

O' soberana Deosa (aqui interrompe
Lycidas o discurso, porque via
Que as causas lhe perverte, e lhe corrompe
Quando lhe lembra o horror da tyrannia)
O' soberana Deosa, rompe, rompe
O cego nó da amante sympathia
A taes vozes, que todos estranhárão,
Olhando huns para os outros se espantárão.

Dissimula no rosto o mesmo effeito
Venus, que em vão espantos encobria,
E o coração saltando no seu peito
Pular o lindo seio lhe fazia.

Ora affavel, irada, e sem conceito
Mil vezes o discurso principia,
No estudo, com que a dôr dissimulava
Mais se via a surpresa, com que estava.

A Lycidas, de Venus já voltárão
Os olhos, os mortaes estremecendo;
E por ouvilho só se interessavão,
Todos do seu discurso estão pendendo:
No profundo silencio que guardavão,
Mudamente qualquer lhe está dizendo:
E qualquer impaciente vêr queria,
Quando para fallar a bocca abria.

Reprime, torna Lycidas, reprime
A amante propensão de teus favores,
E este indigno mortal irada opprime
Com justa indignação de teus furores.
Pune, bella Deidade, pune hum crime,
Com que infeliz o mundo encho de horrores;
Que este exemplo fatal de meus pezares
Deixará sem offrendas teus altares.

QUARTETOS.

Ao Amcr.

SE és tão sábio jardineiro,
Que fazes de troncos plantas,
Põe essas tuas mãos santas
No trabalho deste obreiro.

Tempos ha, dispuz dois olhos
De cravos com bem desvelos;
E quando fui a colhellos,
Achei espinhos e abrolhos.

Tu porém com tanto geito
Trataste huma planta secca,
Que quando a esperava pêca
Produz hum amor perfeito.

Em que o mysterio se encerra
Dize, Amor; se he tal indicio
Natureza, se artificio,
Se vai de ti, ou da terra.

Dize se do sol os raios,
Se estas lagrimas tão puras
Lhe augmentarão as verduras,
Ou lhe causarão desmaios.

Em perpétua sentinella
Guarda essa flôr por mil modos:
Porque vejo, Amor, que todos
Andão já c' os olhos nella.

Todo o prazer vejo ausente
De minha alma, e a côr do rosto,
Quando me imagino exposto
A perdella de repente.

Adormeço hoje á sésta,
E em sonhos estremecia,
Porque junto della via
. . . ladrões da floresta.

Melhor, dirá meu desgosto
Antão, que me acorda afflicto,
E já fóra do conflicto
Me via chorar de gosto.

O bom amigo, amarello
Ficou daquella aventura,
Presumindo tal loucura
Effeitos do pezadelo.

Hoje te mostra a belleza,
Que meus desdens excessivos
Erão falta de motivos
Mais que natural fereza.

Que n'uma planta grosseira
Gastar tempo, e pôr cuidado
Mais que teu poder sagrado
He mostrar tua cegueira.

O' Amor, se me premeias,
Se a dar-me essa flôr te inclinas,
Das mais graciosas boninas
Te prometto mil cadeias.

Mil cadeias, que as Pastoras
Do meu gesto enamoradas,
Colhêrão nas madrugadas,
Amantes competidoras.

Olha esta condição dura
Da minha alma em brando affecto,
Pelas bellezas do objecto
Desfeita em doce ternura.

Sim, Amor, não te arrependas;
Que se és duro a meus pezares,
Fugirão de teus Altares
As victimas, e as offrendas.

Compadece meus suspiros,
Basta: fere estoutro peito,
Assim fere, sinta o effeito
De teus poderosos tiros.



SE eu tivêra tanto conhecimento da bondade de v. m. como tenho do seu talento, ou se attendesse mais o meu particular interesse do que a utilidade pública, para não escrupulizar de distrahilllo de tão illustres applicações com a fastidiosa correcção dos meus disformes escritos, sem defeitos sahiria á luz do mundo o Elogio, que tenho a honra de remetter a v. m.; esperando que aquellas considerações, e este reconhecimento mereção a v. m. aquellas advertencias.

1758.

Recommendação feita pelo Elogio da Serenissima Senhora D. Maria Barbara de Portugal, Rainha de Hespanha, que se acha reimpresso na primeira parte das Obras Lyricas do Autor.

DISCURSO I.

AMABILÍSSIMOS SOCIOS

NAõ me infunde a autoridade deste lugar a presumpção de dar-vos regras; muitas prõvas tendes da minha modestia: nem o desejo de satisfazer a obrigação de Presidente, vendo os progressos da nossa Arcadia, me estimula a animar-vos aos estudos Academicos. Permite-me sim a docilidade, com que ouvistes as advertencias, que vos fizêrão os meus predecessores; permite-me dizer tambem o meu parecer sobre os assumptos, em que deveis empregar os vossos admiraveis talentos.

Neste lugar successivamente ouvi persuadi-vos, que cantasseis acções heroicas de illustres Portuguezes; que elogiasseis a virtude; que traduzissemos os primeiros Poetas; que os imitasseis; que mostrasseis as bellezas dos nossos Antigos:

que outra cousa se vê nas vossas composições Poeticas?

Agora, Senhores, o que eu queria persuadir-vos era que escrevesseis em prosa: temos mais Poetas que Historiadores; que estes sejam mais precisos á República do que aquelles, escuso mostrar-vo-lo; vêdes o mundo cheio de Academias da Historia, não apontareis huma de Poesia que floresça.

Os vossos grandes espiritos me persuadem que estas vossas composições são huns ensaios paraprehenderdes Epopéas; semelhantes os quizêra vêr para escreverdes dignamente a Historia: imitai, Senhores, o estilo dos grandes homens neste assumpto; imitai a belleza das pinturas do nosso Fr. Luís de Sousa; o admiravel modo de persuadir que vêdes no Discurso, que fez a seu amo o Aio d'elRei D. Sebastião no dia que tomou posse do governo do Reino; as Fallas que lêdes em Jacintho Freire, e alguns pedaços menos affectados do nosso Vieira.

Com aquella liberdade, que nos dá o Instituto desta Academia, podeis suppôr a alma em qualquer estado, e tirar da mesma Historia, ou

fingir na vossa imaginação as circumstancias que vos parecerem , para produzir o discurso : este não he preciso que seja grande , bem pelo contrario , o sublime não se póde sustentar muito tempo. São curtas as passagens , que nos arrebatão ainda nos primeiros homens. Quatro palavras bastão para desterrar o terror pánico de hum exercito ; poucas regras nos dão muitas vezes segundo o caso mais perfeita idéa , do que huma descripção muito circumstanciada ; e quantas vezes huma negociação da primeira importancia muda de face pela travessura , com que a descreve o habil Ministro.

O conhecimento dos vossos sublimes genios me obriga a fazer-vos esta lembrança , porque não chore Portugal na posteridade o vosso descuido , como lamenta inconsolavel o de muitos admiraveis talentos , que como vós podião enriquecer a nossa lingoa , e immortalizar o seu nome em utilidade da Patria.



DISCURSO II.

A Confusão, em que vos pôz a lembrança que a Arcadia teve da vossa pessoa para occupardes o lugar de hum de seus Socios, he a maior confirmação que lhe podieis dar do seu acerto; porque sendo o louvor a mais infallivel preocupação dos homens, que idéa se não deve fazer dos poucos, que com elle se perturbão? O progresso que tendes feito na vossa laboriosa Faculdade em hum, e outro Direito; o amor que mostrastes sempre ás bellas letras, e as circumstancias civís de que vos ornais, farião inculpavel a vossa satisfação, assim como justificão a eleição da Academia: porém a modestia, com que vos apresentais, nos está mais venturosamente mostrando, que nem a vossa discrição se deixou persuadir de que o juizo desta Academia era bastante a dar-vos o crédito de sábio para esfriardes nas vossas applicações litterarias, nem a vossa politica deixou de estimar a lembrança, que este Corpo Litterario

teve do vosso merecimento para vos fazerdes grosseiramente remisso na frequencia das suas Sessões. Não se julga a Academia tão qualificada, que mereça aquelle conceito; nem se deve presumir tão pouco respeitavel, que soffra este esquecimento.

A Arcadia he hum Congresso de homens applicados e civís, que unicamente convocou o amor das bellas letras. Ella subsiste sem a protecção do Principe, sem o interesse do premio, e sem a vaidade das acclamações. A glória que resulta do seu estabelecimento, não comprehende mais a hum que a outro individuo; e como a ambição, as paixões dos homens são regularmente os fiadores da sua constancia, e dos seus trabalhos, que louvores não merecem aquelles a quem a virtude unicamente obriga, e recompensa, e que no amor da Sciencia tem o estímulo, e o premio. Por este juizo, que precede á eleição, que a Arcadia faz de seus Alumnos, merece a urbanidade do vosso agradecimento; e a confiança que tem em que a vossa recepção lhe sirva não só de hum grande lustre pelos vossos

conhecidos talentos, mas de hum immortal crédito pelo espirito sociavel, que reconhece nas vossas expressões, a lisonjeia de que se lhe repitão cada dia motivos de applaudir mais, e mais o acerto, com que vos elegeo.



DISCURSO III.

NÃO he esta , eruditos Arcades , a primeira vez que eu subo a tão distincto lugar ; porém nunca me vi mais combatido de temor , e de receio , pois a differente situação , em que se achão os progressos da Arcadia , violenta o meu pacifico genio , estimulando-me a romper os limites daquella modestia com que nos annos , em que tenho tido a honra de fallar diante de vós , nem com a discreta liberdade , que permite a boa educação , e o espirito de sociedade , huma só palavra disse sobre as vossas accções , huma só vez me atrevi a dar arbitrio sobre os vossos estudos ; nunca ouvistes o meu parecer sobre as differentes deliberações , que a Academia tem tomado , ainda quando vós benignamente o solicitaveis : mas este systema tão util á boa união , que eu imaginava seguir sempre , não já porque sem elle me expunha a perder tão proveitoso adiantamento , como me resulta da vossa companhia ,

mas porque huma vez que me tinheis admittido nella, mais a honra do que a sciencia me obrigava a contribuir para a conservação de huma Assembléa tão util á Patria, tão decorosa ás pessoas de que ella se compõe. Este systema, amantissimos Socios, he o que hoje me vejo precisado a deixar pela mesma razão, por que o adoptava; pois são taes os ameaços da total ruina da Arcadia, que vós os que a estabelecestes, vós os que a fortificastes, pasmados contemplais a sua decadencia, e já principiais a sentir a vergonhosa consequencia da sua falta. Huns julgando-a irremediavel sem o valente reparo da protecção Régia, e outros querendo pôr-lhe os violentos remedios da severidade: mas nem os vossos clamores conseguem aquelle suspirado estabelecimento, nem a vossa prudencia deixa de considerar o quanto são arriscadas as deliberações da ultima desesperação: e nesta perplexidade todos lamentais, todos sentis, e todos clamaes; mas irremediavelmente vêdes espirar a maior obra, o projecto das mais bem fundadas esperanças, que virão as bellas letras em Portugal: e o que he mais huma Academia, que vós erigistes unicamente

por amor da Sciencia ; por zelo , por generosidade , e por bem da Patria.

Oh não seja verdade que os mesmos homens , que principiárão huma tal obra sejam aquelles , que a destruição , não só quando as differentes conjuncturas do tempo , ou a inconstancia do mundo os fazem desconfiar do premeditado effeito , mas quando os acasos da fortuna lhe anticipárão huma glória , a que elles sem temeridade poderiam unicamente aspirar no fim dos annos , a puzêrão na consideração do Ministro , no agrado do Principe , na attenção de todos.

Confesso-vos , Senhores , que quando olho para cada hum de vós , julgo impossivel a decadencia da Arcadia ; mas volto os olhos ao Ménalo , vejo-o sem Pastores : se eu esperára que a força da eloquencia vos animasse , bem tem mostrado a minha modestia , que nem sendo eu dotado da efficacia de Demosthenes me atrevêra a levantar a voz em semelhante concurso ; porém como a honra he a que ha de persuadir-vos , que culpavel não fôra a minha indifferença , que effeito não devo esperar de minha oração.

Não desconfieis , Senhores , do estado , em
Part. II.

L

que vêdes presentemente a Arcadia , ainda que elle vos pareça o mais proximo da sua ruina. O que atégora lhe causou a sua decadencia , he o que deve fundar as mais firmes esperanças para o futuro. Não me podereis negar que a vossa froxidão em satisfazer áquellas obrigações a que vós livremente vos sujeitastes , aquellas que nascêrão comvosco , he que unicamente tem causado esses irremediaveis males , que lamentais no corpo desta Academia : porque se a pesar do vosso esforço por satisfazellas se experimentasse o mesmo damno , o que he impossivel , nenhuma razão nos ficava para esperarmos que elle se restabelecesse.

Não me digais , Senhores , que não conheço as differentes paixões do espirito dos homens , que me esqueço do pouco , que sempre durarão semelhantes ajuntamentos entre os nossos Patricios , de que ainda os mais célebres corpos de Comunidade não subsistirião sem protecção , sem premio , sem castigo : porque não podereis deixar de convir em que a honra he hum meio mais efficaz que todos para sujeitar , e para conduzir os homens ainda contra o seu perdominante genio , contra os seus interesses , e contra o seu mesmo discurso.

De que homens se compõe o Corpo desta Assembléa, certamente me respondereis que unicamente de homens eruditos: para que fôrão admittidos nella? para que são chamados? para nenhuma outra cousa mais que para darem exercicio aos seus talentos, para os polirem, para os fortificarem. Entrai, Senhores, nesses Theatros, lá vereis todos os apaixonados de Musica: apparecei em hum baile, achareis nelle quantos dancadores tem Lisboa: olhai para as casas de jogo, vêllas-heis cheias: não ignorais que a paixão por aquelles divertimentos os obriga não só a pagallos por alto preço, mas a passar muitas vezes pelo pejo de sermos vistos em semelhantes lugares: e vós que amais as Sciencias, não haveis de frequentar as Academias, onde achais as portas abertas, onde vos dá credito a entrada? Vós, que se sois convidados por huma, ou outra pessoa, e talvez por cumprimento a este, ou áquelle ridiculo passatempo, precipitais vossos negocios, furtais o tempo ao sono, deferis as dependencias de menos importancia; e senão podeis com tudo vencellas, ou vos sobrevem qualquer incidente, dais mil desculpas, desfazei-vos em sa-

tisfações por salvar a palavra que déstes : prometteis a huma Assembléa de fazerdes tudo o que ella vos determinar ; recebeis huma carta , por que vos chama huma , e outra vez ; e huma , e muitas , e todas deixais de vir : e qual he a satisfação que dais ? que desculpas verosimeis podeis allegar ? como salvareis a injúria pública que fazeis a tantos homens de bem , que vos esperão ?

Hum só não poderá justificar duas faltas successivas , e não vos enche de confusão vêr que o Ministro , o Professor público , o dependente ; em huma palavra , os mais occupados são os que mais frequentão esta Sociedade ; são os mais escrupulosos em justificar as suas notorias desculpas. Estimais em pouco esta Sociedade : que conceito fazeis daquelles poucos homens , que a tratão com semelhante delicadeza ? parece-vos que serião capazes de supportar huma só vez estas grosserias , se o assumpto fôra ridiculo ? E sobre tudo não sois vós os mesmos homens , que mostrastes no principio tanto amor á Sciencia , tanto desejo de entrar nesta Sociedade , tanta satisfação em a frequentar ? Pois que proposito tinheis nesse tempo , que razão tendes agora para

perder aquelle gosto , aquella esperanza , que vos animava ?

Era protector desta Academia algum Grande que vos lisonjeasse , que vos promettesse o seu patrocínio , que vos enchesse de vaidade , quando chegasse á vossa porta a pedir-vos que não faltasseis á sua Assembléa ? Dava-vos algum premio a Academia , quando lieis nella os vossos papeis ? multava-vos quando faltaveis ás suas Sessões ? Erão as suas leis mais favoraveis ? fez-vos alguma promessa a que vos tenha faltado ? perdeu-se nella aquelle governo Republicano ; aquella alternativa ; aquella liberdade , que sem distincção de qualidade , sem consideração de merecimento , sem respeito de antiguidade vos faz a todos iguaes nas occupações , nos assumptos , e na autoridade ? faz particular a cada hum de vós a glória commua , que resulta a esta Sociedade tanto pelo seu estabelecimento , pela sua duração , pelo seu progresso.

Imaginaveis acaso que os vossos particulares interesses se facilitarião com vos matriculardes nos livros da Arcadia ? desgostou-vos a consideração , que merecêrão alguns de nossos Socios ?

tarda-vos já o premio ao vosso merecimento? Que serviços tendes feito á Republica? Que utilidade se póde tirar dos vossos escritos? que idéa nos dais da vossa applicação, do vosso talento, dos vossos costumes? Ah quanto temo que este meio tão proprio para fazerdes patentes as vossas boas qualidades, os vossos talentos uteis á Republica, quanto temo que venha a prejudicar ao vosso particular merecimento, fazendo-se pública a vossa pouca applicação, a vossa falta de constancia, e os vossos espiritos insociaveis!

Quereis a protecção Régia? E parece-vos que assentará bem a particular consideração do Principe em huns homens, que depois que merecêrão a attenção do Público, o applauso das primeiras pessoas da Corte, os louvores do Ministro, ou se enchêrão de orgulho para pretenderem a primeira contemplação, ou conhecerão tão pouco a honra que lográrão, que nem politicamente fizerão por sustentar aquelle conceito. Eu, amantissimos Arcades; eu que a nenhum de vós cedo no desejo de vêr condecorado este Corpo Literario, vos asseguro que seria preciso violentar o meu entendimento para achar na deliberação Ré-

gia, que nos recebesse debaixo da sua protecção, o acerto que evidentemente se me representa em todas as resoluções do Ministerio.

Que quereis que se responda ao Ministro, quando perguntar pelos progressos da Arcadia? Não he preciso mostra-vos o quanto elle he solícito em informar-se dos talentos dos homens, pois constantemente estais vendo que para os cargos da República faz a nossa felicidade que precedão não as súplicas dos Pretendentes, mas a indagação particular das pessoas habeis para occupallos. Que quereis que se responda? Que está extincta? E não vos cobris de confusão? Pois isso he evidente. Mas entrando no exame do motivo, ainda dirão mais que a verdade: dirão... mas evitai-me o pejo de o referir, vós o ouvireis; e não sei se já he decoroso aos homens sérios o nome de Arcades.

Mas se nesta Sociedade reinára a boa união, o fervor da applicação, aquella civilidade, que serve de ornamento á sciencia: em huma palavra, se se frequentassem as nossas Sessões, que honras não devíamos esperar, que protecção não alcançaríamos de hum Mecenas, que tanto nos tem

mostrado a sua propensão , de hum Ministro , que na occurrencia de negocios da maior ponderação , huma e outra vez nos quiz ouvir , nos agradeceo , e nos recommendou a continuação de nossos estudos , dando-nos os conselhos mais sólidos , mais prudentes para se conseguir o fructo , que elle via se poderia colher deste bem principiado estabelecimento. Perguntai , Senhores , a quantas pessoas tem a honra da communicação deste Ministro , com que elogios não honrava esta Academia ? Com que satisfação se não lembrava do merecimento de algumas obras ? Que esperanças não fundava nos genios de muitos de vós ? A mim que não tenho a fortuna de vêr a Sua Excellencia senão na occurrencia das suas maiores occupaões , e bem alheias deste assumpto , a mim me disse , passados tempos , tal era a impressão que lhe tinham feito as vossas obras : são as palavras = Alli ha muitos admiraveis.

Agora discorrei , não como applicados , como homens de bem , se vos fica decorosa a froxidão que mostrais , o esquecimento das vossas obrigações Academicas , e a incivilidade com que tratais a Arcadia. Vêde se acaso seria prudente

encarregar esta Assembléa de qualquer incumbencia Litteraria : e quando se fizesse , qual de nós teria a confiança de esperar hum digno desempenho ? Eu tremo só de o imaginar, vendo que a vossa deserção tem a origem na falta de applicação : a ultima cousa que vos lembra , são as Sciencias.

que ainda conservo a mesma individualidade
e alguns povos civilizados , de modo de pensar
dada a falta de ignorancia , ou estimo de por
ta , e de Religião : digo tanto de barbaridade
ou estimo de ignorancia , pois nemhamas
coisa estando por povos civilizados mais que as
que interpreto a Natureza pelos olhos da Fi-
losophia Juiz e a Natureza Juiz



DISCURSO IV.

EU não questiono se aquelle supersticioso melindre sobre o decóro , e reputação de suas familias , que ainda conservão muitos individuos entre alguns póvos civilizados , he resto de barbaridade , effeito de ignorancia , ou estímulo de honra , e de Religião : digo resto de barbaridade , ou effeito de ignorancia , pois nenhuma outra cousa entendo por póvos civilizados mais que os que interpretão a Natureza pelos oráculos da Filosofia , Justiça e Humanidade.

Não questiono tal. Mas que argumento ri-

Nota. Este Discurso , e os quatro que se seguem , deverião ir juntos ás cinco Cartas , que já estão impressas no Tomo XII. do Theatro , da correspondencia , que o Autor teve com o seu Collega ; mas o receio de me faltar o tempo , como faltou , fez que se imprimissem sómente as cinco Cartas , o que fez o Tomo tão volumoso ; pois devião principiar a formar o Tomo XIII. , por pertencerem tanto os Discursos , como as mesmas Cartas ao Theatro já impresso.

diculo, e que prova tão séria não he das falsas idéas, que os homens tem das cousas mais palpaveis, e que julgão do seu primeiro interesse, digo os homens honrados; a sensibilidade, com que se doem até da sombra; e o rancor, com que vingão até os ápices!

Sabem por estímulo, por experiencia, pela mesma constituição do mundo que a propensão dos sexos he tão natural, tão constante, e tão precisa, que sem ella não existíra, nem se continuára a especie humana. Desta Lei he que elles não só querem, mas dão por izentas, sem distincção de idade, nem de sexo, todas as pessoas, que a Providencia confiou á sua tutela. Tal he a estranheza, que lhes fazem os primeiros surros de que a Natureza se dá a entender, ou principia a explicar-se em qualquer dellas: tal a violencia de os acreditar, e tal a cegueira, com que não só temerariamente, mas como Quixotes passam a punir pela honra, e a vingar a affronta.

Da mesma sorte que o homem de probidade, e mesmo de virtude com vangloria se faz tyranno, inexoravel, e ferino, quando com as cartas na mão põe os seus semelliantes por portas,

ou deixa em camiza o seu maior amigo , cuja ruina evitára por qualquer outro desastre , expondo todo o seu cabedal : assim o que preocupado do mais leve indicio contra o decóro da sua casa , de circunspecto se torna imprudente ; de humano cruel ; de religioso perjuro ; de pacífico despropositado ; de honrado louco ; e de discreto tonto , conveniente , e vil : mal reputando por fim , e prostituindo muitas vezes a honestidade da filha innocente , ou cobrindo-a de huma infamia immortal , de que a prudencia , e a humanidade a preservára.

Todo o Tutor , e todo o Pai conhece que o estado das filhas he que as põe unicamente ao abrigo daquelles sobresaltos. Este he o unico meio , que elles não põe em prática. *Eu hei-de andar offerecendo a minha pupilla , ou a minha filha !* Respondem sentenciosos unanimemente. Tanto prescindem do essencial motivo , que deveria obrigarlos a casallas , que sem melhorarem de fortuna assentão em não dallas ; fiquem ou não sem hum pão , e expostas pela sua falta , que póde ser hoje , a perderem-se á manhã. Esperão que os que tem filhos , fazenda de melhor sahi-

da, e preservada da avaria, a que a sua está exposta, a venhão a negociar com elles, e ainda como que lhes fallão em contrato de que toda a utilidade he propria: que polidos que são!

Mas que diligencia não faz qualquer daquelles por despejar o celleiro, receando o gorgulho; se está eminente o mez, em que elle costuma picar, perdendo tantos, e quantos em cada moio de trigo com medo de que lho fure em casa? Se encommenda huma remessa, sonha no Estio com as tormentas do Inverno, e lá manda seguralla. Apertão os frios; vai ter com o Estrangeiro para que com avanço lhe compre os pomares com medo das geadas: mas negociar o casamento das filhas, cuja desgraça he para elles a maior perda; o que fazem Principes, e Grandes com menos interesse não está bem á honra de semelhantes homens: e deixando a derrota menos exposta, de preocupação em preocupação, quando o mais circunspecto cuida que tem seguro o barco: *Incidit in Scyllam qui vult vitare Charybdis.*

Esta reflexão, que ainda a ser imprudente, não tiraria a consequencia ponderada em huma

Comedia, nem feita por mim mudaria systemas, ainda sendo crítica, me forneceo as Scenas deste Drama. Os intelligentes, ou os que quizerem decidirão se he Comedia *Larmoyante*; se Tragedia *Bourgeoise*; se talvez natural representação da vida humana; pois a esperança, a volubilidade, as paixões, e mesmo a extravagancia dos acasos instantaneamente nos fazem passar das lagrimas ao riso, e pelo contrario.



DISCURSO V.

Muitos dias ha que eu tenho concluida esta Fabula, sem que chegue a meus ouvidos cousa, que dê materia a huma daquellas introduccões, com que as costume regularmente acompanhar; mas eis-que entra pela porta dentro a rir-se aquella unica pessoa, a quem eu fallo nestas cousas com o coração nas mãos; a sua amizade, a sua sinceridade, os seus grandes conhecimentos da fraqueza do coração humano; e sobre tudo a circumstancia de não haver feito na sua vida hum verso, me obrigão a tratallo sem aquellas reservas, que guardão os homens por não parecer imprudentes, sem que possa attribuir-se-lhes falta de sinceridade. Em fim as extravagancias, e fa-tuidades, que me passam pela imaginação doente, e agitada, todas lhe ponho patentes, todas servem para reflectirmos, e acabarmos de conhecer quanto de instante para instante he o homem

differente de si mesmo, ou totalmente outro homem.

Entrou, como digo, a rir-se, pois sahia de huma conversação, em que havião atacado o meu Theatro (não já como tantos Filósofos doutos, e timoratos o tem feito, e farão em quanto o houver, com quem eu não entrarei nunca em questão, por serem os de que recebi maiores luzes para escrever o meu) mas por ser poesia futil, sem reputação alguma no mundo, e ainda indigna da applicação de hum homemzinho como eu: dobrou a gargalhada; mas logo com todo o seu sério me disse que queria, e que era preciso que naquelles meus Discursos eu tocasse, e dissesse alguma cousa neste ponto; porque as pessoas, que fizêrão o que me referia, não erão das que se ouvem sem dar pelo que ellas dizem.

Em que hei-de eu tocar, ou o que hei-de referir a semelhantes pessoas? lhe respondi, sem me embarçar, segundo o meu louvavel costume, nem de perguntar com quem se parecião. Se ellas depois de vêr cinco Theatros em Lisboa, e hum pelo menos em todas as Cortes, Capitaes, e Villas populosas da Europa se atre-

vem a deixar estas proposições pela bocca fóra! Senão conhecem que o Theatro he hum accessorio dos Magistrados Ecclesiastico, e Civil, (*) e que entende com aquellas cousas a que a alçada delles se não estende: cousas que não são de tão pouco momento, que senão derem a conhecellas, se faltarem ao homem para evitallas, por mais Religioso, e observante das Leis que elle seja, não deixará de ser máo no sentimento do Filosofo; porque será ou ridiculo, ou sem costumes, ou sem virtude, aindaque muito bom Catholico: se achão o Theatro indigno da applicação de hum pobre pedante, como eu, vendo que Aristoteles compoz huma Poetica, mendigando noticias em todos os Dramaticos, e no grande Homero pai desta parte de Poesia, com cançadissimo estudo, e profunda meditação, e vendo que Socrates o maior dos Filosofos metteo a mão nas Tragedias de Euripides. Se dizem que esta parte de Poesia he inferior ás outras na reputação, sem vêr que nem a Lyrica, nem a Epica

Part. II.

M

(*) Moliere fut, si on ose le dire, un legislateur des bienséances du monde. *Mr. de Volt.*

tem Aula , nem Sessões públicas no mundo ; nem reflectir em que nos melhores tempos d'elle , e ainda hoje a Poesia Dramatica foi a que se estimou por excellencia , de que o mesmo Horacio se queixa a Augusto : sem olhar que o instituto desta he fazer os homens melhores , e corrigir os vicios , e que assim , ou assim sempre o tem seguido ; (*) e que as outras pelo contrario se empregão em corromper o genero humano , mercenarias da lisonja , da vaidade , do interesse , dando Apotheosis aos vicios , e fatuidades , que a outra devora , e põe por terra ? Se ellas não tem olhos , nem entendimento para vêr , e reflectir nestas cousas ; e se os tem , e dizem aquellas só para abater o meu Theatro , com o enfase de me acharem talento para cousas mais uteis , de que serve refutar eu as que dizem ? Se este seu argumento tem alguma força , que cousa poderá dizer o mais ignorante a respeito do meu Theatro , que não a tenha ? E que cousa , que tenha melhores contras ?

(*) Aindaque , como diz a Ode , e diz a verdade =
Le Terence François corrigea moins de vices , qu'il ne
corromput de vertus.

Não quiz accommodar-se sem que eu dissesse que. (*)

Nota. Isto era no principio da lauda deixando em branco todo o resto ; e no fim da que se segue he que continuou a escrever *A Introducção*, etc.

A Introducção está feita ; porém como humas cousas puxão pelas outras , agora me occorre que hoje nos paizes estranhos , como daqui a hum par de annos no nosso , notando-se-me esta comichão de fazer Prologos , se estranhará cançar eu os meus Leitores com repulsas a reparos , que não fazem móssa no meu Theatro ; e que deixe de apontar , ou responder a algum , que entre esses no espaço de tres annos se não deixará de ter feito digno da Nação , digno do seculo , e digno dos eruditos : principalmente sendo eu tão pouco supersticioso com o conceito geral do público , e dos seculos , que não poupo nem hum só dos Poetas que hum , e outros canonizarão.

Respondo com a minha costumada ingenuidade , que atégora me não chegou aos ouvidos nem hum só reparo daquella gerarquia , e digo-o em consciencia. E para os não haverem feito além das duas razões fundamentaes , que são não haver nunca entre nós officiaes do meu officio , nem ter acceitação o meu Theatro , ha muitas outras de congruencia. Seja a primeira a Nota , que escrevi no fim do Prologo delle , pedindo aos eru-

ditos que suspendessem as suas judiciosas críticas, até que vissem impressos os cinco Tomos : isto demoraria não só os reparos dos Sábios, mas as misérias dos que se dão por taes ; pois effectivamente por huma, ou duas Comedias não se pôde fazer juizo dos talentos poeticos de hum homem ; o mundo está tão cheio de ridiculo, que huma assembléa pôde dar de si huma fabula cómica, e tão regular, que o Poeta não tenha mais que escrevella ; assim como a Historia pôde dar hum Poema Tragico, em que o Poeta não tenha mais parte nelle que a versificação ; mas se lisonjeado dellas entra a fingir em outras, então he que dá a conhecer a sua fraqueza, e a sua ignorancia. Moliere he o Poeta, que tem quatro, ou cinco Comedias a que chamão boas ; outro Poeta tem duas ; outro tem huma ; outro, que não escreveria mais que huma, lamenta a gente, que não escrevesse mais, e talvez que não prestassem para nada.

Seja a segunda razão conhecerem que este Theatro he huma cousa nova não só entre nós, mas no mundo : todos tem fallado de reformação de Theatro, ou de hum Theatro Christão,

mas ninguém atégora o escreveo ; e que assim como todos os Theatros tivêrão, differentes especies de accções Dramaticas , poderia ser que o burlesco que falta na Comedia viesse nas Farças , e nos Poemas irregulares , ou *petites pieces* , como chamão os Francezes , que já lhes annunciavão os titulos de Censores do Theatro , de Ensaio Cómico , de Marido , que enceta o queijo , de Grifaria , etc.

Seja a terceira razão lembrarem-se os homens de proposito de que Roma se não fez n'um dia ; e de que os inventores , ou os primeiros em qualquer faculdade sempre merecêrão contemplação , pelo menos huma interina contemplação ; e que se eu não tenho a graça , e a viveza que pede o Theatro , virá outro que a tenha ; mas que se eu não escrevesse Poemas Dramaticos , zombando de tantas ridicularias , que encontrão sempre os Poetas no vulgo , e nos Cómicos , que tem pela prôa , elles se não atreverião , e se perderião talvez muitos genios , como de facto ha trinta annos se terão perdido por aquelle terror pánico , que poderião dar crédito á Nação , que não fica sem desar , sustentando-se o seu Thea-

tro vinte, ou trinta annos com essas raes fábulas estranhas ; o Theatro de huma Nação cheia de enthusiasmo , e em que faz versos ainda quem não sabe que elles tem huma medida.

Que Portugal tem conhecedores , provo-o com trezentos exeinplares do meu Theatro que pistribuo , em cujo número entrão ainda muitas pessoas com quem nunca fallei , e distribuiria outros tantos se fosse confiado : provo-o pela reputação , que deo ás minhas fábulas a Meza Censoria , que ignorava quem era o Autor : provo o pela analyse , que no anno de 1776 me fez das que lhe forão a censurar , creio algum membro daquelle Tribunal ; e desde então estimei a minha Ignez , e a Apologia das Damas , como não estimava até alli.

Provo-o pela submissão com que corriji nellas o que me notárão tres , ou quatro pessoas , e nenhuma faz versos ; e pela resignação , com que desde o segundo tomo as ponho na mão de outra , que tem a bondade de criticar-mas , obrigação para mim impagavel. Não haverá *Rechi-lieux* , nem *Escuderis* , *Montfleurys* , nem *Chevaliers* , porque eu não sou *Corneille* , nem *Mo-*

liere ; mas quando o meu Theatro der toda a idéa do plano do Autor , verá o mundo que sem ser , nem ter sido nunca o Theatro o enthusiasmo da minha Nação , ha nella conhecedores desta parte de Poesia , e genios capazes de a pôr em prática , e dar modelos , não só como vemos em quasi todas as Nações civilizadas , mas como ainda hoje admiramos na antiga , e célebre Athenas.

E seja huma prova irrefragavel do que acabo de dizer a commemoração , que faço nos Censores do Theatro dos intelligentes , e conhecedores delle ; e o que digo no Discurso do Poeta em annos de Prosa ao mesmo respeito , e na Dedicatória , que lhes faço das minhas Traducções. Acabarei dizendo da minha Nação , como esse Escriitor Francez nos diz em sonhos da sua , falando com hum deste seculo , mas lá no de 25.

Nous sommes sortis de la barbarie , ou vous etiez plongés ; quelles têtes furent d'abord éclairées , mais la nation en gros etoit inconsequente , et puerile.

DISCURSO VI.

Como fui annos martyr deste Poema, permittir-se-me-ha como desafogo dizer, porque esta acção de engeitar ingrato, e desconhecido o meu pai, a quem elle deo o ser, foi para mim hum triumpho, como para Goldoni o acolhimento, que fez o público ao seu Belisario.

Annos ha que no sitio de Pancas hum Camarista de Sua Magestade, que me honra, me ama, e até me estima, me deo dous Poemas, que elRei nosso Senhor lhe mandára lêr para ouvir o que lhe parecião, pois desejava vêr no seu Theatro huma boa Tragedia; querendo que eu entretivesse com elles aquella tarde, e que lhos entregasse á noite com o meu voto, porque elle só no dia seguinte podia lêllos; a mim parecia-me que o tinha, e contra vontade lhe disse, que voto póde ser o meu nestes assumptos? mas disse-lho. Sua Excellencia sorrio-se, montou a cavallo, e partio.

Abro, e vejo dous impressos, que nem brochura erão; hum dizia Belisario, e outro Zaire, ambos escritos em verso; metto este na algibeira era muito meu conhecido, e com alvoroço entrei a lêr o outro, não pela novidade, porque isso he o peor que estes Poemas tem, estão no caso dos paineis; mas porque se me excitárão as especies do Belisario attribuido a Mr. de Marmon-
tel, cujos pensamentos me enchêrão a alma de huma grandeza digna dos Poemas de Corneille, e me arrancárão lagrimas.

Mas supposto que estava só, e que lia de manso, me fiz vermelho ao principio (que eu naturalmente sou modesto) ri pelo Poema adiante, encolerizei-me, e acabei com os cabellos erriçados. Fui ao segundo, que tinha muitos bons versos.

Vou á noite dar conta dos meus estudos, e disse que a Zaire era de Voltaire, e que ainda que tinha pomposos versos, eu gostára muito de huma traducção em prosa cuido que feita em Luca; não a dava por melhor, porque a minha memoria não ma punha tão presente, que pudes-
se decidir, mas que seria preciso cotejallas.

E quanto ao Belisario que era torpe , que era horroroso , que era mal conduzido , e parecia hum pastucio de incidentes sacados de pessimos Dramas Castelhanos , e mal cirzidos , ou mal embutidos por algum remendão Italiano : sorrio-se o bom do Fidalgo , e disse-me que passava por composição do Marquez Maffei. Eu que tenho cá a minha bitóla , porque méço os Poetas do Theatro , nem lhe disse que me não parecia ; mas senti que aquelle curiosissimo Cavalheiro não fosse Euripides , ou Aristoteles para lhe mostrar o que era o Belisario : sempre lhe disse que era máo aindaque fosse de Sophocles. Sorrio-se mais ; e passados dias depois de Sua Excellencia os vêr , me voltou que não o achára máo , e que se asentava que era de Maffei.

Vimos a Lisboa , debalde fiz diligencia por saber quem era o Autor do Poema , e apenas achei noticia de que o havia : passados tempos , visitando a senhora Cecilia Rosa a achei vestindo-se para ir ao ensaio , e fallando-se em assumptos de Theatro me disse que se punha na scena o Belisario vertido pelo mesmo Poeta , que traduzíra em Portuguez a Comedia Castelhana ,

Reinar despues de morir, que tempos antes me havia emprestado para lêr. Fez a casualidade que tivesse alli o Poema, vi o principio, e louvei logo o Traductor por lhe tirar a torpeza do adulterio; a hora do ensaio era chegada, despedi-me, ella partio.

A poucos dias vejo toda Lisboa *fanatica* com o Belisario, passei differentes noites pelas ruas vizinhas do Theatro entulhadas de seges, hia meu caminho olhando para ellas a rir. Vossê já vio este Belisario? vinhão huns. Vossê ha-de ir comigo vêr o Belisario, dizião outros. De huma vez que o li me arrependo eu, he o que por fim respondia a todos. Como a minha Comedia, *Peregrinos da Educação* havia poucos tempos que tinha cahido no mesmo Theatro, discorra-se que assumpto de riso, e de mófa não seria aquelle meu dito entre gentes, que estavam loucas com o Belisario, e que sabem de cór o Theatro dos bonectos?

Fez a casualidade que achando-me a jogar ao anoitecer em casa de hum amigo com quem jantára em Lisboa, se movesse a conversação sobre o Belisario; e estranhando eu que ainda du-

rasse, me respondeo hum Doutor Medico, = e durará sempre; nunca se vio obra como aquella para quem entende do Tragico, = e disse-o com valentia. Eu que nunca mais pude pôr olhos no Doutor sem vêr-me tentado de hum froxo de riso para que já não tinha disfarce, acabei o rober, e parti para o Theatro.

A taes horas fui, que já não havia fumos de Cobrador; sempre encontrei hum que recebesse o dinheiro; mas o Theatro, não obstante as muitas récitas, se achava ainda preamar pelas hervas, pois estava hum grupo de gentes em pé no corredor; ao romper por ella fiquei vexado por entender que não representavão a Tragedia, ouvindo huma risada semelhante á que presenciei em outra occasião, quando no Esposo fingido appareceo o burro no Theatro. Com effeito porém era o Belisario o que os fazia rir.

Assentei-me ainda que mal, e alguns dos que guarnecião as forçuras se fôrão acotovelando, e mostrando-me aos outros, como quem diz, a inveja com que estará este pobre de semelhantes applausos, vendo cahir o outro dia a sua Comedia; nenhum pôde cortejar-me sem sorriso; alli

ouvi o que digo nos Censores do Theatro, cuja conversação me atalhou a dança; e a má musica, que junto a mim se hia levantando, me fez sahir mais depressa, pois hum Official de Cavallaria chamado Mr. Luís de Chermon, tão desembaraçado como nada tonto, virtudes, que Portugal tem visto em toda aquella digna Familia, exclamou, mettendo em ridiculo o Poema, e os que o celebravão; o que me obrigou a apressar o passo para ganhar a sege, sahindo do Theatro como os Espectadores da minha dita Comedia, repetindo até Alcolena: o que he o mundo!

Passados tempos a aragem, que teve o Theatro de Belém por se conservar fechado o da Cidade, e por entrar naquelle hum Empresario habil, fizêrão que não só della concorressem gentes, mas que ainda a Grandeza ou por divertir-se, ou por favorecer aquelles miseraveis, que todo o anno a entretinhão, se dignasse de assistir aos seus beneficios.

Em hum destes se deo o Belisario nas Papeletas com a authentica do *encontro*, que tinha achado nos Espectaculos da Cidade; ou me déssem chave, ou me convidassem, achei-me em hu-

ma forçura vizinha ao camarote, em que estavam muitas Senhoras da Corte; ainda o Belisario me pareceo peor que quando o li; mas as risadas, e os applausos erão os mesmos que no outro Theatro; eu embuchado desejando alli o Official, que me fizêra sahir do outro.

Prodigiosamente huma voz, que vinha do alto, e que não era de homem, mal peccado, me consolou os ouvidos, pois articulava estas palavras: *Vossês não sabem a afflicção em que estou.* Levanto os olhos, e vejo a Excellentissima S. D. M. F. de D.: esqueço-me do Drama, e dou ouvidos á crítica. Escuto dahi a pouco: *Estou desejando dar muita bofetada naquella mulher* dahi a nada: *Eilos ahi tornão* Chega o Belisario, e depois os que querem sacar-lhe a mulher . . . *Já não posso mais . . .* e isto dizia a Senhora senão com ira, com aborrecimento.

Muitos tempos havia que eu tinha geralmente ouvido fallar do muito espirito desta Senhora, e sem a motejarem de Filosofa, nem de pedante, que posso dizer víra em mantilhas pouco antes do Terremoto; mas S. E. me pareceo a Sa-

pho , e a Melpomene dos nossos dias. Retirei-me com humna satisfação , que não posso explicar ; porque ou fosse a natureza , ou a instrução , que fallassem naquella Fidalga , enchi-me de consolação por achar no nosso mundo , e no nosso seculo humna alma que sentisse , e que discorresse como a minha.

Tornei ao meu silencio (e com quem havia eu de fallar nestas cousas depois de vêr o que via , e de ouvir o que ouvia ?) Passados tempos chegando a casa daquelle amigo , que disse onde quer que foi , que me dêra o Tomo X. de Goldoni , e fôra quem ultimamente me assegurou que o Belisario era daquelle Poeta , fallando a respeito das Seccaturas , que se continuavão a pôr na Scena , me disse : *Nem a Portugueza Osmia põe essas gentes no Theatro ? Tomára saber o porque ?*

Respondi-lhe eu : *Porque se não parece com o Belisario Italiano. E essa he a verdade* (me voltou o amigo) mas console-se , e reconciliar-se ha com Goldoni , vendo o que elle diz desse Poema no Prologo ao XIII. Tomo , que me chegou ; e vossê ha-de levar para vêr tambem ,

e admirar a vasta imaginação deste Poeta, achando com que continuar a Esposa Persiana, ou a Ircana em duas Comedias mais a qual melhor.

Trouxe o Tomo; e por encurtar razões não só achei o que me disse, mas a mais refinada sátira ao seculo para que escreveo, fazendo em quanto durar o seu nome immortal a ignorancia, pois tira o contentamento, e o bom agouro, figuras allegoricas, que sustentão no frontispicio o Cartaz das suas obras da acceitação de hum Poema, que elle teve vergonha de imprimir.

Nem podia deixar este insigne Poeta de reconciliar-se com os eruditos, e intelligentes, como fez Moliere nas suas Lamentações; Corneille nos exames dos seus Poemas; e Racine nos seus Prologos: nenhum Sábio quer passar por ignorante por si, nem entre os doutos, aindaque quantos fatuos tem o mundo o acclamem pelo primeiro homem.

Deo-lhe rijo, he verdade, mas tudo he pouco para despicar os Sábios, e attestados da insolencia, com que hum Juiz insensato, qual he a multidão, se faz tyranno dos talentos do homem, e da glória das Nações.

Part. II.

N

Leião o Prologo , e acharão não só o que disse , mas desde o principio até ao fim huma lição para Espectadores , Comicos , e Poetas , que devia metter-se nos papeis publicos , affixar-se á porta dos Theatros , e não admittir Comico sem que a soubesse de cór : então darião todos menos assumptos ridiculos de que huns , e outros se rissem no Theatro.



DISCURSO VII.

MAs com isso está que cerrarei o meu Theatro com a certeza de que assim como agora que nem Theatro temos, me succede com os meus Nacionaes, sem tirar nem pôr, o que ao Abbade de Aubignac succedeo com os pobres Francezes, quando já tinham o seu em grande estimação: assim me succederá por fim o que a elle, aindaque daqui a cem ou duzentos annos, e dou-me por contente, diz o Abbade na sua Prática do Theatro, e o meu trabalho por bem empregado.

Quando tive a fortuna de chegar á presença do Cardeal de Richelieu, achei alli o Theatro já em grande estimação, mas cheio de todos os defeitos *da Arte*, e principalmente a respeito da unidade do tempo, isto he, do que devia durar a Tragedia: soffria com a maior paciencia os máos Dramas dos nossos Collegios, e ainda os que se representavão nos Theatros públicos; mas con-

fesso que não pude vêr por fim á bocca calada huma falta, ou hum erro tão grosseiro em Poemas, que levavão os applausos de toda a Corte. Mas todos geralmente me contradissêrão, e (passo pela vergonha de o dizer) me ridiculizárão tanto os Poetas, que os compunhão com reputação, e os Actores, que os representavão com utilidade, como o resto que os ouvia com gosto, e basbacaria. Em fim esta regra da unidade do tempo lhe parecia tão extravagante á primeira vista, que tomárão quanto eu dizia por sonhos de hum homem, que posto á banca formára a idéa de huma Tragedia que nunca houve, nem poderia haver sem que perdesse todo o sabor, e toda a graça. E quando eu mui concho lhe allegava com os antigos, cuja arte lhe não servira de embaraço para que as suas obras tivessem a glória de sobreviver a tantos seculos, elles me refrescavão com a genuina resposta: *De que os antigos tinham escrito bem para o seu tempo, mas que neste passarião por huns ridiculos.* (*) Como se a razão caducasse com os annos!

(*) Hum Doutor que faz versos, e dizem-me que com bastante geito, quando outro, que tambem he mor.

Bem longe de enfraquecer-se, vemos que pouco a pouco pôde vencer as preocupações da ignorancia ... Os Francezes não sabião então que o seu tempo nesta parte era como hoje o nosso, o mesmo que tinha precedido ao do bom gosto de Athenas; dizemos, isso já não he para o nosso tempo; devendo dizer, isso ainda não he para nós, ou ainda não chegou o nosso bom tempo.

Eu fallei com a minha paixão quando disse daqui a cem, ou a duzentos annos; porque daqui a hum par delles hão-de dizer estes mesmos Portuguezes, que fallão como os Francezes Censores do Theatro, v. g. que eu lhes não disse nada de novo, que sempre estiverão nisto; e em eu fechando o olho, hão-de tratar de mentecapto o que fizer hum monólogo de quatro versos, e hum á parte de dous. Deos lhe dê dinheiro, e os faça santos; que ainda mal para nenhuma destas

dido da bicha, lhe perguntou se tinha visto o men Theatro logo que sahio o primeiro Tomo, respondeo-lhe: Vi sim... já meio desconfiado... segundou o outro... e que tal? Muitos Plautos, muitos Plautos... e he dos que responderão mais *àposité*; e não mo neguem que o provarei imprimindo os ditos, e os nomes dos Doutores,

cousas serve ter juizo, nem fazer versos; dos pobres de espirito he o Reino do Céu; e quanto mais besta mais peixe. Olhem para o Comparsa da Comedia: = Poeta em annos de prosa.

Devo fazer tres Notas no fim deste Theatro, porque não sei se me animarei a acabar a Historia delle, que tenho principiada mais cómica, eu lho juro, do que sahio o Theatro. A primeira, para que me não julguem tão louco com a minha criança, que lhe não conheça defeitos. A segunda, para que não padeça a reputação alheia por eu de algum modo querer palliar a minha. A terceira em fim, por não parecer ingrato ás judiciosas advertencias dos bons amigos, que me aconselharão seriamente sobre este mesmo assumpto.

1.^a O meu Theatro tem o maior defeito que podem ter os Poemas Dramaticos; não o teria porém se eu escrevesse daqui a cem annos. Este defeito he a parte didáctica, que nelle ha sempre insupportavel na scena (e sem desculpa nos que hoje compõe para outra Nação, e que tanto mais do que eu a carregarão) não pude porém accommodar aos meus espectadores o proverbio,

que diz: *Intelligenti pauca*; e eu não sou como aquelles Mestres de Grammatica, que passam para a Rhetorica os rapazes, que não sabem construir nem Missal por fazer o gosto ás mãis. E para os fazer rir a fluxo, tem elles Dramas como nenhuma outra Nação. Não cuidem que isto he huma reflexão, que me suggerio a crítica de dizerem que o meu Theatro he secco, e pezado; mas foi a grande necessidade em que me achava, abrindo o Theatro a huma Nação ao mesmo tempo que se lhe mettião nas mãos os primeiros documentos da Vida Civil, a Ethica, e obrigações do homem a huma Nação ainda sem idéas nem do solido, nem do ridiculo, mas apenas do sério, e do burlesco: vejam a Dedicatoria, e desenganar-se-hão de que eu já sabia qual era o enfase comico digno da arte, e proprio de hum auditorio instruido, e que disse da grande parte do nosso: *Nem compara, nem infere, nem entende se lhe não fallão no seu caso, se a não chamão pelo seu nome. Eu ouço-a discorrer.* Isto he quanto ao Theatro Comico; que quanto ao Tragico, escrevi como se o fizesse para o Theatro de Athenas, sem mais consideração que me atasse, ou

contivesse para contar os seus Tragicos, do que a falta de magnificencia dos Theatros modernos. Não fiz melhores Tragedias porque não soube; mas eu sou vão, pois ainda me parece que se algum Portuguez as escrevesse boas, a emulação poderia ser fizesse algum dos seus milagres no meu juizo, e que eu era capaz de as fazer melhores do que as quatro que imprimi, e talvez do que elle.

2.^a Passarão todos os meus Poemas á excepção dos que contém o primeiro Tomo pela Censura da unica pessoa, que eu conheço que em Portugal fizesse estudo sério, e nas fontes Gregas, e Latinas sobre este assumpto; e da mesma sorte huma grande, e erudita meditação sobre a nossa lingua. A sua modestia, e costumes nunca me deixarão valor para apresentar-lhe algum dos meus Poemas sem passar antes pelas Licenças; e nenhum reparo me fez sobre a moral o pejo, e a decencia, que forão muitos, a que eu não assentisse immediatamente sem lembrar-me das risadas, e das palmadas dos Espectadores, elle o dirá, e elles o mostrarão. Não foi porém assim em quanto á composição da Fabula, e defeitos da

locução; conservei palavras, e ainda frases, que elle não qualificava por Portuguezas, nem ainda por bastantemente adoptadas pelo Legislador, que he o uso. Conservei ainda periodos, que elle me disse francamente: *Não entendo*. Como póde vir a sonhar-se que passárão por taes olhos os meus Poemas; faço esta nota, para que assim como dizem admiro-me de que Fulano cahisse em usar desta frase, que não he Portugueza v. g.; não responda dalli outro, disso me não admiro eu que o conheço, mas sim de que Sicrano a deixou passar. Será a mesma talvez que elle me disse que não era Portugueza, e assim do mais. Este Sábio nunca se contentou das suas obras, e muitas de poucos versos deixou de acabar por não occorrer-lhe cousa, que o satisfizesse para ajuntar ao que havia escrito. E isto me disse antes de encarregallo do trabalho. Eu que o percebi, e pouco tinha que perceber, respondi-lhe que me succedia o mesmo, e de mais a mais que nenhuma dos outros me agradavão totalmente; que esta era a razão, por que me animára a compôr, e agora a imprimir; que as corrigisse não como suas, mas como minhas. Aqui está de mais a mais

o juizo, que o tal amigo fazia dellas. Com que não ha que attribuir-lhe nem indulgencia, nem lisonja á vista dos defeitos da obra.

3.^a Alguns bons amigos, e das pessoas mais habéis, e intelligentes na materia, que eu conheço, me buscarão depois de ler a minha Osmia; não passarão de dous para lamentar o descuido de metter versos, ou já esdrúxulos, ou já agudos, ou já huns, e outros naquelles Poemas sem ao menos olhar para a moderação, com que os nossos antigos o fizêrão, pondo-me diante dos olhos a prática dos modernos a traducção da Athalia do nosso Candido Lusitano, a prática inalteravel dos bons Italianos dos mais chegados a nós. Houve hum em fim, (1) que por eu me desculpar com a minha preguiça se me obrigou a mudar todos aquelles versos dos Poemas Tragicos, que eu tivesse composto, e se me não satisfizesse se não perdía nada; que fizessemos a experiencia; e protesto ingenuamente, e mesmo assentei que o faria, restituindo ao Poema toda a harmonia, que elles lhe tiravão; que esta obrigação no meu

(1) José Basilio da Gama.

conceito he daquellas, que hum Poeta nunca deveo a outro; mas a mania que eu padeço de que os mais formosos, heroicos, e armoniosos versos que tem qualquer Nação, ou póde fazer o melhor Poeta, e versificador della, nunca fôrão, nem devem ser os que se empreguem nos Poemas Dramaticos, ou para explicar-me, devem ser os que se não empreguem nelles; chega a tal extremo que merio quando ouço dizer a Tragedia de Fulano tem bons versos, como havia eu de corrigir os meus por não serem os mais armoniosos?

Isto não he pela pedantaria, ou pela vaidade de que se diga de mim o que se dizia daquelle famoso Italiano: *Quelli Anapesti, e quelli Ellenici e que' Giambi dal Gravine introdotti sono una immaginazione di chi farnetica còlla testa ne' Greci*: mas sim vêr que nem Gregos na boa Tragedia, nem Latinos nas suas (que he o mais) empregárão os maiores, e melhores versos que tinham; nem na boa Comedia os mesmos da Tragedia sem justissima crítica quanto aos Latinos; daqui inferi que aquelles judiciosos homens buscárão imitar a natureza, e (deixem-me explicar assim) suppuzerão para o Theatro huma lin-

goagem em metro (como os Italianos suppõe huma em Musica nas Operas) deixarão o metro mais armonioso para os Poetas, o immediato para os Heróes, outro mais inferior para as pessoas inferiores, etc.

Sabe-se que debatida a célebre questão de que se os versos da Tragedia devião ser grandes, se pequenos, rimados, ou não rimados, misturados huns com outros com preceito, ou sem preceito, com rima de quando em quando tambem *ad libitum* para produzir juntamente o prazer do ouvido, e o maravilhoso do entendimento; se assentou entre os modernos, olhando para a verdade da imitação, que não convinha a rima, e para a seriedade do Poema, que tambem não era propria a mistura dos versos grandes e pequenos, ainda que os curtos cortassem, ou temperassem a armonia poetica dos grandes.

A sua razão foi esta; porque o hendecasyllabo em si póde variar a armonia á vontade do Poema, e do Poeta com a diversidade das pausas, ou como nós dizemos, dos accentos, que não constituem a medida do verso. Ora isto he o que nós poderíamos vêr no Poema épico, na

Tragedia, na Comedia, na Ecloga, na Sátira, e ainda no Entremez sem mudar de metro; se quem compõe estes Poemas se lembrasse de que o Poeta por excellencia he o que falla no Poema épico, e que nestes só he que os versos nem hão-de cheirar a Prosa, e que todos os mais que disse he preciso que o pareção; os do Rei, do Principe, do Heróe. Prosa de Heróe; os do Cidadão, do homem bem creado, bem nascido, do Sábio, Prosa de Cidadão... Do pastor mais vizinho das grandes aldeias; do lavrador rico, Prosa de Pastor, etc. Escuso mostrar como os Latinos satisfizêrão a isto nos seus versos hexametros em tão diversos, e oppostos Poemas; e escuso tambem de dizer como nelles (fallo até dos de Virgilio) hum, ou dous monosyllabos, em que acabem os versos, a cesura depois do terceiro, e quarto pé; os epíthetos póstos neste, ou naquelle lugar; os versos acabados em dicções de quatro, ou cinco syllabas, etc. fazem aquelles versos tanto ou mais defeituosos que os esdrúxulos, e agudos em hum Poema nas lingoas vivas, que deve parecer escrito em Prosa: e como o maior defeito, que póde resultar com elles ao Poema

Dramatico não he outro : não aconselho a ninguém que o faça , nem o tenho por melhor ; mas não rejeito a expressão que a verdade , a natureza , e a paixão me põe na bocca ; e por dar ouvidos aos críticos , que põe o merecimento das Tragedias nos versos , eu me explico , por serem como os da Eneida de Virgilio ; e muito menos porque os nossos Espectadores , e maior parte dos Leitores ainda não sabem gabar os Poemas Dramaticos , juro que não lhes ouvi dizer delles outra cousa senão por esta frase = Tem bons versos , he bem discreta , he bem fallada , tem bons lances. Cada loco con su tema ; porém não nos demos por tão Poeta que não sejamos sensíveis , e estremeçamos mais pela amizade , e pela reputação alheia , que pelo nosso capricho , ou mania.

Eu que sou hum pouco curioso de pintura , sempre estimei mais os esboços , que os paineis bem acabados ; alli vejo mais a natureza , e o que a arte tem de divino , e tenho huma razão mais que qualquer outro versejador para deixar passar os esdrúxulos , e agudos , e he huma especie de negação , que sempre tive para tornear poetica

e heroicamente os meus versos, e por isso aquelles farão menos differença entre os outros, que entre os de Poetas, que tenham aquelle dom. A prova disto he que na Arcadia quando a Poesia Lyrica estava na sua fermentação inutilmente humana, e outra vez me provei, e tornei-me muito depressa á Sátira para confirmação disto, e por justificar-me de que nem o humor dos annos em fazer armoniosos, e heroicos versos, nem outro algum motivo engendrou em mim esta acrimonia, sahindo furioso a escrever naquelle gosto depois de passarem doze annos sem fazer hum verso, sendo inalteravel e incontestavelmente o meu trato senão o mais sociavel, nada brusco; imprimirei no fim desta Tragedia, e do Theatro cinco Sátiras, (*) que conservo das que li naquella Academia: vejam se ellas mostrão na versificação a infinita distancia, em que a minha está do sublime do metro; nos assumptos o quanto elles são compativeis com a sociedade civil; e nos pensamentos, e genero de Poesia se as malditas das Sátiras estavam já prenhes deste dia lúgubre

(*) Já estão impressas na primeira parte das Obras Posthumas.

em que principiei a escrever o Theatro filho del-
las, como enteado do gosto Portuguez, de que
Deos nos livre. Nem fallar nisso he bom; porque
se não rião de nós todos os nossos Netos, como
já o fazião muitos de nossos Avós, que isso he
o mais que eu sinto. Chegámos onde todas as
outras Nações, mas tornámos para trás, e ellas
aindaque a troncos, e assim ou assim, sempre
fôrão por diante; tem sim povo como nós temos,
mas não chamão, como nós gosto do Theatro da
sua Nação ao sórdido, e fátuo da plebe univer-
sal do mundo, tudo.



DISCURSO VII.

Que todo o homem de propósito envista com a Poesia em geral, he dar tambem huma prova da sua probidade; basta olharmos para os Poetas; bem nos desenganão que aquella mania, ou veia he huma especie de paralyisia de espirito, que deixa o homem fóra de commercio: ninguém de mais tenros annos teve tão claras idéas de tão perniciosos effeitos. Antes de eu cumprir os quinze, appareci com dous, ou quatro versos latinos a que chamava epigramma, e não sei com quantos portuguezes, nem como lhes chamava, em huma Academia, ou ajuntamento, em que eu era, creio que o mais velho; fallou-se nas minhas poesias como nas más; chamou-me meu Padrinho, pedio-mos sorrindo-se, leo-os, e restituiu-mos dizendo-me, que aquella era huma prenda estimavel nos homens, porém que os lisonjeava demasiado, e consequentemente lhe fazia desagradaveis as applicações uteis: que estimaria que eu me

Part. II.

O

deixasse de fazer versos, e que cuidasse naquelles estudos, que me poderiam dar de comer. O meu genio não era tão poetico que me fizesse violencia o preceito de hum senhor, que a menor razão que eu tinha para venerallo, era ser meu Padrinho, e não ter outro que me protegesse, nem me fizesse gente se lhe desagradasse: esfriei, e esfriei de sorte que se passarão dezesete, ou dezoito annos, em que comporia cem versos. Erigio-se a Arcadia de Lisboa, todos sabem quanto custou a meu amigo P. A. G. reduzir-me para fazer número a entrar naquelle digno ajuntamento, e ninguem ignora que fui dos primeiros que dissertarão, como tambem que a poesia dramatica era a em que eu tinha feito algum estudo, pois li seis (1) Discursos sobre a Comedia, e alli apresentei hum Edipo, (2) que não sei a que folhas vai, e compuz nesse mesmo tempo huma Tragedia da morte de Viriato, (3) que

(1) O não ter achado o sexto Discurso sobre a Comedia, que o Autor accusa ter lido na Arcadia, foi quem me obrigou a buscar todos os papeis, que desde o anno de 64 estiverão confundidos até Setembro de 1802.

(2) Appareceo.

(3) Appareceo em muito máo estado.

levou o mesmo caminho, e não me fazem saudades: passarão-se doze, ou treze annos sem fazer hum verso; e cada vez se me avivavão mais as vozes do oraculo, que ouvira havia trinta annos, pois o justificavão a geral aversão á poesia entre gente de proposito, a raridade, com que se via algum poema, em que se pudesse pôr olhos, e sobre tudo a desgraça dos poetas, e o ridiculo original, que dava de si o enthusiasmo. Mas a Poesia Dramatica trabalhava me, e trabalhava-me tanto, que já nem podia ir aos Theatros, nem lêr mais que Gregos, e os dous Comicos Latinos.

Fecha-se o Theatro Portuguez: as noites de Pancas, de Pinheiro, de Salvaterra, depois de doze annos de disputas ao Wisth, já se não podião aturar: (1) pégo na penna, escrevo o Prologo da Escóla da Mocidade, principio a Comedia; dahi a dias visitei (2) o Bispo de Béja, falla se nas composições, em que gastavão o tempo os moços de genio que tinha Lisboa, pois naquel-

(1) Pelos annos de 1767.

(2) O Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel do Cenaculo Villas-Boas.

le se devoravão com sátyras huns aos outros, e o Theatro sustendo-se com traducções; metti a minha colherada, desejando empurrar o Prologo, o que fiz sem todo o preparo; vê-o Sua Excelencia; anima-me, caio na fofa, e entro a escrever de véras. Este nome de Poeta, que eu hia ter, a aversão que se lhe tinha, o meu Theatro inteiramente opposto ás idéas, que a minha Nação tinha d'elle assustavão-me: eu pela graça de Deos não passava até alli por Poeta; os desgostos, que havião de dar-me ignorantes, e o que eu havia de dar aos homens de proposito, que me não julgavão até então totalmente patéta, a ridicularia de imprimir hum Tomo, e parar segundo o costume entre nós, me obrigarão a sérias reflexões; assentei por fim em não imprimir sem ter ao menos os cinco Tomos completos, e dado as suas fabulas no indice, para que a honra me obrigasse a dallos ao público: achei tudo o que esperava, menos a opposição das pessoas intelligentes, e daquelles sugeitos, aindaque Poetas, que entre nós por algum modo se distinguem; e ainda achei mais; porque achei huma pessoa, que não lê de poesias de Theatro senão os Dra-

mas Gregos; os dous Poetas Latinos, e alguma vez em Corneille: achei outra pessoa a mais seriamente occupada em Lisboa, e que não sei que faça versos, folheando Castelvetro; li em Mr. Formei que a explicação, que lhe fazia hum pedante das Comedias de Terencio, cujas lições não passarião de doze horas em cada hum anno, lhe abrião o espirito, e lhe inspiravão o gosto, mais que toda a doutrina, que elle tinha recebido em todas as classes. Digão agora o que quizerem quantas pessoas ha no mundo sobre a futilidade da poesia de Theatro.



PRÉFACIO DA OBRA.

O P E R A.

O P E R A

PREFACIO DA OPERA.

DE todas as composições dramaticas he a Opera a que menos me interessa, e he absolutamente impossivel que o genio possa supprir a ignorancia dos preceitos da musica, razões por que devia abster-me de a emprehender; porém não julgo o Público interessado em alguma das minhas Obras; e sendo-lhe igualmente indifferente huma Opera, ou huma Tragedia, satisfaço a inconstancia do meu genio, e o desejo de hum amigo, que me obrigou a compôr esta, a quem devi aquellas precisas advertencias para que se lhe pudesse accommodar a musica. Esta paixão, quanto a mim, he a que leva as gentes a semelhantes espectaculos, e as excellentes decorações, com que elles se ennobrecem; resultando toda a glória do trabalho dos Poetas do nosso tempo ao Compositor da musica, aos Architectos, e aos Actores.

Esta que he huma das razões, porque he preciso aos que não nascêrão em Italia ter tão

pouco amor proprio como eu , para se expôr por capricho a compôr Operas , sem a idéa de fazer por ellas a sua fortuna ; parecerá tambem o motivo , por que não imitei na duração os seus melhores Autores ; porém não foi esta a razão , mas sim a de julgar verdadeiro em todo o mundo o proverbio dos Francezes , chamando Opera a qualquer cousa cançada , e impertinente ; e parecendo-me que na musica , como em tudo o mais , a variedade he a que diverte , em vinte árias tem os verdadeiros apaixonados bastante em que satisfazer-se , e o Compositor dilatado motivo para variar as suas idéas , sujeitando eu a minha aos preceitos do metro que lhe he mais proprio , e livrando aos ouvintes de longos recitados , em que não ha variedade.

Conhecendo todos os Tragicos os episodios amantes não só difficultosos em semelhantes assumptos , mas repugnantes , achei nesta composição , em que se não attende ao que diz o Poeta , o lugar menos improprio para os empregar , fiado com tudo em que não diria delles Mr. Dacier o que diz dos de Edipo de Corneille.

Como sei que a Historia se deve accommodar

ao Drama , e não pelo contrario , fui tão pouco escrupuloso em averiguar a verdade do que serve de assumpto a este como aos mais , talvez podendo evitar-me o trabalho da invenção ; mas como desta he que pretendo , e espero adquirir o nome de Poeta , não se me dá que pelos Dramas me julguem máo Historiador.

de Dumas, e não pelo contrario, e se
escrupuloso em averiguar a verdade do que
presumpto a este como se fosse, e se
do evitar me o trabalho da inexactidão, mas como
desta he que puz, e se me da que pelos Dumas me
de Dumas, e não se me da que pelos Dumas me
julgaem mais Hicet.

OPERA
DE
DIOMEDES.

A R G U M E N T O.

DIomedes voltando á Grecia depois da destruição de Troia naufragou na Libya , onde Lyco sacrificava a Marte os estrangeiros : Calirrohe, filha de Lyco , enamorada do hospede lhe salvou a vida ; elle porém esquecido da desprezada Autora de tanto beneficio , deixou a Princeza , a qual combatida pelo amor , e pela ingratidão se matou.

Epit. Offic. Joan. Rav. Text.

INTERLOCUTORES.

Lyco Rei na Libya.

Callirhoe Sua filha, herdeira do Throno, amante de
Diomedes.

Cloris Supposta filha de Lyco.

Diomedes Principe da Etolia, e Amante de Nise.

Principe Promettido Esposo de Cloris, e amante de
Callirhoe.

A Scena se representa no Palacio de Lyco.

Em 1757.

Nota. Não se achando vestigio algum do principio desta Opera por ter apodrecido, pois até a casualidade fez que as Scenas do primeiro Acto não fossem numeradas, e ignorão-se as que faltão, as personagens forão tiradas pelo decurso da Peça; o Argumento por estar no fim do caderno estava em bom estado; o Prefacio por se achar em meia folha de papel avulso estava completo. O desejo de conservar esta memoria fez aproveitar o que se achou no borrão.

Pôde obrigar-te, quando a Divindade
 Por defender a vida,
 Faz no mundo innocente a atrocidade.
 Não sou digna de affecto.

Diom. Indifferente

Ninguém poderá vêr tanta belleza.

Callir. Não sou digna do sceptro.

Diom. A tua virtude,
 A clara descendencia, o teu destino
 A meus olhos te mostra
 Tão digna successora deste Imperio...

Callir. Pois que desculpa, ingrato, a minha affronta?
 Responde, injusto.

Diom. Oh Deoses!

Callir. Que inhumano!

Dos preclaros triunfos esquecido
 Sujeitas-te a morrer como hum cobarde.
 Não te lembras cruel dos teus vassallos,
 Deixas o Reino exposto,
 Escarmentado amor, a heroicidade
 Criminosa, responde?

Diom. Ah vil destino!

Callir. Ah tyranno dirás, culpas o fado,
 E tu mesmo te fazes desgraçado.

A sorte he delinquente
 Do crime do innocente:
 Morrer ingrato intentas,
 Não tens á culpa horror.

Jámais verás no fado
 O crime desculpado,
 Se barbaro, e prescito
 Te faz o teu rigor.

S C E N A

Diomedes.

I Ngrato, deshumano, escandaloso
Hoje me faz amor; ao mesmo tempo
Que me deixa constante, e generoso
No injusto sacrificio voluntario,
Que ao meu primeiro affecto,
Como puro holocausto da firmeza
Amante infeliz rendo: oh se dissêra
Do meu delicto a causa, fôra ao menos
O mesmo amor desculpa do delicto:
Mas devo descobrir a huma deidade,
(Amante, compassiva, e generosa,
Que executa por mim tanta fineza)
Mais distincto o poder de outra belleza?
Se grato ao beneficio evito a morte
Suspeita dá á virtude o amor da vida
Na traidora inconstancia,
Em mais estimo a vida que a constancia.
Se a morrer me sujeito, toda a glória
Perco na ignorancia do motivo,
Deixando nos horrores da piedade
Queixoso amor, culpada heroicidade.
Mas vença-me a virtude, e satisfeita
Fique em si mesma; ó Deos, embóra
Murmure o mundo, estranhe-se o meu trato,
Se he forçoso que morra, e morra ingrato.

Morro constante, ó Nise,
Victima da firmeza:
Mal pago huma fineza
Faço á piedade horror.

Queixa-te, ó gloria, e dize
Que he barbara a constancia:
Mal haja essa ignorancia,
Que fez virtude amor.

SCENA (1)

Principe, Lyco.

Princ. A Demora, Senhor, do sacrificio
Interpreta ignorante o Povo injusto
Contra a razão piedosa, que te obriga
A vêr se de algum modo
Pódes livrar da morte indispensavel
Este hospede infeliz.

Lyc. Pois que presume
Esse barbaro vulgo?

Princ. Conhecendo a paixão, com que a Princeza
Se interessa em salvallo, se imagina
Subdito já de hum Principe estrangeiro.

Lyc. Em que póde fundar tão vil suspeita,
Quando no meu Reinado
Lei alguma não tenho derogado.
Compadece-me a sorte de Diomedes,
Conheço que he forçoso o sacrificio.
Enternecem-me os rogos da Princeza,
Que horrorosa me fôra a Magestade,
Fazendo-me esquecer da humanidade.

(1) Mutação.

Part. II.

SCENA

Diomedes, Lyco, e Principe.

Diom. Que lei barbara, ó Principe, consentes
Contra a hospitalidade?

Que pánico terror, que indigno medo
Te obriga ao sacrificio escandaloso
De hum misero infeliz, que perseguido
A' violencia dos mares
De Jupiter procura nos altares
Religioso, e devoto
Render adoração, cumprir o voto?

Lyc. Principe desgraçado, eu me enteneço
Do teu fatal destino, eu me horrorizo
De firmar a sentença;
Mas clama a Divindade,
O povo já murmura, sou tyranno,
Quando na compaixão falto á justiça.

Diom. He justiça o castigo da innocencia?

Lyc. Queixa-te do destino.

Diom. A lei barbara culpo indifferente,
Que o morrer innocente he mais vangloria
Que castigo nas almas generosas.
Perdêra o Reino, a vida
Por não ser de innocentes homicida.

Lyc. A lei me obriga.

Diom. He barbara, he tyranna.

Lyc. Faz-te o oraculo réo.

Diom. Mal se interpreta.

Lyc. Justifica-me o exemplo.

Diom. He indigno o susto.

Lyc. Todo o povo te culpa.

Diom. He injusto o povo.

Lyc. Eu conheço infeliz, que és innocente,
Mas serei, se te absolvo, delinquente.

No meu constante peito
Bem mostra a humanidade
Das compaixões no effeito
A glória de reinar.

A lei da Magestade,
Que barbaro preceito!
Quebranto se a piedade
Intento praticar.

S C E N A

Diomedes, e Principe.

Diom. **E** Orão sempre do asylo as leis sagradas
Inviolaveis no mundo entre inimigos
Mil vezes praticadas....

Princ. Depois do indigno abuso, que Timanthes
Fez da hospitalidade neste Reino,
Contra o Principe os povos rebellando
Até vêr-se no throno; a Divindade
Sem distinguir dos casos,
Réos de morte crimina os infelices,
Que neste Reino aportão,
Ou seja por acaso, ou por destino,
Em quanto a augusta mão de alguma herdeira
Possa levar ao Solio outro tyranno.

Diom. Dos humanos a barbara impiedade
Até faz criminosa a Divindade,
Por desculpar-se injusta,
Quando o tremendo horror dos seus delictos

Repugna às santas leis da Natureza.

Ah louca presumpção da humanidade,

Superstição cruel religiosa,

Que interpretas a sábia intelligencia

Não pela compaixão, pela violencia!

Princ. He constante a razão de hum tal castigo.

Diom. Em que póde fundar-se?

Princ. Em preservar o Reino de outro acaso.

Diom. Que indiscreto discorres, na vingança

Inevitavel julgo o precipicio:

A fé dos meus vassallos,

O commum interesse, o mesmo insulto

Contra o Rei moverá todo Universo.

Podendo generoso,

Amparando benigno os desgraçados,

Fazellos pelo Reino interessados.

Princ. Funda-se a lei no exemplo, e fôra culpa

Derogalla sómente

Pelo terror, que infunde o delinquente.

Sujeita-se ao destino

O Reino, o Soberano,

O Principe tyranno,

O compassivo Rei.

Mas julgarei divino

Quem mostra acautelado

Que lhe usurpa o Estado

A força desta lei.

S C E N A

Diomedes.

CRiminosa ambição, barbaro affecto,
 Se soubêras que Nise, ó bella Nise!
 Me obriga a desprezar toda a fineza
 Do objecto que idolátras:
 Perigoso rival não presumiras
 Este infeliz, ó Deoses, nem temêras
 Que ambicioso de Imperios
 Te quizêra usurpar, louca vaidade!
 Hum Reino, que defende a crueldade.
 Mas nem fôras por isso
 Menos tyranno, menos rigoroso,
 Que na paixão de amor, louco delirio,
 Os desprezos do objecto que se adora,
 Fazem no amante peito
 Do vingativo zelo o duro effeito.

S C E N A

Cloris, e Diomedes.

Clor. **P** Rincipe, mas que vejo!

Diom. Eu me retiro.

Clor. O Principe buscava.

Diom. Neste instante

Daqui se aparta Cloris, mas a sorte
 Apresenta a teus olhos...

Clor. Ainda, ingrato,
 Presistes obstinado?

Diom. De sorte nunca muda o desgraçado.

S C E N A

*Principe, Cloris.**Princ.* **O**H que molesto encontro!*Clor.* Oh que fortuna

A sorte me permite neste encontro!

(Conheça o meu desprezo.)

Princ. A buscar-te, Senhora, eu vinha agora

Da Princeza infeliz compadecido,

Querendo interessar-te em dissuadilla

Do criminoso affecto,

Com que adora Diomedes.

Clor. Ah tyranno!

Bem que zelosa, ó Principe, mil vezes

Daquelle amor injusto dissuadilla

Intentei generosa;

Mas sem fructo ficou sempre a porfia,

Onde he causa do amor a sympathia.

Princ. Que escuto, ó Ceos!*Clor.* Diomedes

Por Callirhoe se abraza; ella estremece;

E ainda julga, infeliz, que o não merece.

Princ. Morro de sentimento.*Clor.* E eu satisfeita.

Ingrato, na vingança
 Respiro; e tu culpado
 Nem deste injusto agrado
 Te podes contentar.

Desprezos sinto injustos,
 Tu soffres iguaes sustos;
 Mas vendo que me alegra,
 Tyranno, o teu pezar.

S C E N A

Principe, Callirhoe.

Cal. O Diomedes? Que vejo!

Princ. Que delicto

Commetti contra a fé quando juraste...

Callir. Eu jurei-te constancia?

Princ. Me enganavas cruel, e a mão ditosa

Me foi (mentida glória) prometida.

Foste acaso obrigada?

Callir. Obrigada não fui, nem persuadida,

Mas no feliz estado da innocencia

O que era indifferente hoje he violencia!

Princ. Mais me offendes, ingrata, na desculpa,

Que na barbara offensa.

Callir. Que ignorancia!

Se amor nasce de occultat sympathia,

Como póde queixar-se o apaixonado

Do objecto idolatrado,

Porque o affecto não vê correspondido?

Princ. Por vêr se indignamente preferido.

Callir. O teu zelo te occulta, cego amante,

Quanto o rival merece.

Princ. Apaixonada

Por virtudes lhe estimas os defeitos.

Callir. He Principe Diomedes, he guerreiro,

Discreto, generoso, activo; e quando

Nenhuma circumstancia lhe encontrára,

Me está dizendo amor que ingrato o amára.

Princ. Oh senão fôra ingrato,

Póde ser que soffrêra o mesmo effeito,

Que padece a constancia do meu peito.

Callir. Póde ser; porque amor nunca regula

(Injusta liberdade) os seus affectos
 Pelos merecimentos da firmeza;
 Muitas vezes adora indifferente,
 E sem correspondencia
 Deixa exposta a decencia,
 Desprezando no affecto de hum rendido
 As vanglorias de ser appetecido.

Princ. Senão fôras ingrata, não tivêras
 Tão crueis sentimentos, encontrâras
 Para a razão do affecto
 Todo o merecimento na constancia.
 Quanto sinto o destino,
 Que ainda me obriga amante
 A ser constante.

Callir. Nunca se mostra ingrata a que aborrece
 A rendida expressão do fino amante,
 Supposto que no amor sempre a vangloria
 Merecimentos faz da propria glória.

Se á paixão, que a adorar-me te obriga,
 Dás razão no teu gosto, e teu fado,
 Não me pôde obrigar o agrado,
 Se o meu gosto, e o meu fado não quer.

Nem me chames ingrata, inimiga
 Se no affecto não vês igualdade,
 Que então fôra qualquer liberdade
 Dependente de alheio querer.

SCENA

Principe.

EU te juro, inconstante, e presumida,
 Que a teus olhos verás sacrificado

O criminoso amante.

Eu te prometto, ingrata, que tu mesma
Lhe apresses o castigo.

A compaixão de Lyco em crueldade
Verás trocada injusta: os fiéis vassallos
Indigna te verão de dominallos.

Serás qual guerreiro ousado,

Que seguro da victoria

Impaciente, e descuidado,

Ambicioso de mais glória

Na mudança do combate

Logo a vio precipitar.

Do tyranno a injusta vida

Salvarás compadecida,

Mas se amante a empreza intentas

O farás sacrificar.

A C T O II.

S C E N A I.

Principe, e Lyco.

Lyc. Diomedes morrerá: que mais pretendes?

Princ. Da prompta execução dos criminosos
Está pendente o exemplo do castigo,
Differida a sentença
Parece já vingança o que he justiça,
Permittida a infracção de huma lei, quasi
Que de outra se desculpa o injusto abuso.

Lyc. Diomedes morrerá.

Princ. Morra Diomedes.

Lyc. Mas, orgulhoso Principe, eu não devo
Mostrar quando a justiça
Administro severo, que regulo
A sua execução por teus arbitrios.
Em quanto empunho o sceptro justiceiro,
De Rei perdêra a augusta qualidade
Se fizêra servil a Magestade.

Conheço a precisão das leis sagradas,
Observadas verás sempre as do Reino;
Mas não barbaridade,
Com que as faz praticar hum Soberano,
As mesmas leis o accusão de tyranno.

Princ. Mas castiga a Deidade essa vangloria,
Se quer interpretar-se a lei sagrada.

Lyc. De que modo? Ah tyranno!

Princ. Permittindo,
Que Callirhoe se abraze por Diomedes,
E que intente aleivoso,
No consorcio feliz e criminoso
Roubar-me aquella mão, tirar-te o Reino.

Lyc. As ambições do Throno he que te movem
A perverter injusto huma piedade,
Que da Princeza o augusto sentimento
Interessa a favor de hum desgraçado;
Depois que indigno amante
Essa mesma ambição te fez culpado
Nos desprezos de Cloris quando viste,
Pela morte do Esposo de Callirhoe,
Que poderás lograr o augusto sceptro.

Princ. Da passada inconstancia
Contradizer não posso a vil fraqueza:
Se he fraqueza, Senhor, á Magestade
Sacrificar o affecto,
Quando igualdade d'amor acha objecto,
Mas Cloris justifique o amor injusto.

S C E N A II.

Cloris, Principe, Lyco.

Clor. A Mor, astucia.

Lyc. He certo que Diomedes, e prejura
Callirhoe, contra as leis do Reino, oh Deoses!
Hymenêo se contratão?

Clor. Confidente
Daquelle indigno ajuste me fizêrão,
E a prevenir-te venho.

Lyc. Ingrata filha!

Princ. Vê quanto he forçosa

A prompta execução do vil Diomedes.

Lyc. Mostrão-me sempre maximas de Estado
Indigno conselheiro, o interessado.

Princ. Porém se no interesse
Eu te aconselho a propria segurança,
He justiça o castigo que he vingança.

Serás imprudente,
Se crês hum culpado;
Se temes o fado
Prudente serás.

Na morte consente
Não já por amante:
Porque outro Timanthe
Diomedes verás. (1)

SCENA III.

Lyc, Cloris.

Clor. Desculpa, Rei benigno, ó Pai, desculpa
A zelosa vingança,
Que perjura me fez, quando asseguro
Que Diomedes...

Lyc. Respiro.

Clor. Sollicita

Da Princeza o consorcio.

Lyc. Impossivel julgava aquelle intento:
Mas póde ser que Marte hum tal indicio
Me permitta, accusando
A demora talvez do sacrificio.

(1) Parte.

Clor. Que pensamento, oh Deoses!

Lyc. Sem demora

Se cumprirá, guerreiro desgraçado,
A fatal inclemencia do teu fado.

Clor. Principia por mim, se aquella vida
Sacrificar pretendes.

Lyc. Cloris amada,
Que motivo te obriga a tanto excesso?

Clor. A vingança, a paixão, quantas virtudes
Em Diomedes encontro.

O vêr que posso amante e compassiva
Preservallo da morte, e ser ditosa.

Lyc. Se elle quer esposar-te, a lei forçosa,
Que da vida o privava,
Já fica sem vigor, pois só subsiste
Em quanto da Princeza o casamento
Pudêra suggerir-lhe o atrevimento
Do perjuro Timanthe.

Clor. Venturoso amor, ditoso affecto
Já não foi temerario o meu projecto.
Alvorocos prepara o fino amante,
E pelos interesses desta glória
Trocaria dos Gregos a victoria.

Que barbaro tormento
De hum peito generoso
He aquelle sentimento,
Que o deixa criminoso
Na sorte do infeliz!
Mas he maior o agrado
Se aquelle desgraçado
Amor tornou feliz.

SCENA IV.

Cloris, Callirhoe.

Callir. **P** Reveniste o effeito, que julgaste
Da cólera do Principe?

Clor. E se tardo,
Já victima Diomedes chorarias.
E se Lyco me não lembra a desculpa
De que se Diomedes me esposava
Da lei ficava izento,
Artificios buscava inutilmente.

Callir. Ah compassiva Cloris, tu que sabes
Quanto amor interessa hum peito amante,
Regula os sentimentos que me deixas,
Quando salvas a vida,
Por que a minha he sómente appetecida.

Clor. Recompensada estou nesse desprezo,
Com que tratas o Principe, a vingança
Mais me obriga talvez que o teu martyrio.
Conheça aquelle ingrato o seu delirio.

SCENA V.

Callirhoe, Cloris, Diomedes.

Diom. **P** Orque vive Diomedes, ó Princeza?
Porque se me dilata o sacrificio?
Já me falta a constancia.

Que mil vezes perece hum desgraçado,
Que pela morte espera! Oh triste fado!

Callir. As compaixões de Cloris, meus affectos
A vida te preservão

Contra o zelo malévollo, que intenta
Do meu amor fazer-te outro delicto.

Diom. Tranquillamente agora espero a morte,
Se faz que por ti morra amiga a sorte.

Clor. O Principe zeloso deste affecto.

Diom. Essa illustre paixão tenho entendido.

Clor. Na presença de Lyco te accusava.

Diom. Já sei que esse receio justifica

A lei barbara.

Clor. A industria, o fingimento...

Diom. Qualidades bem proprias do seu sexo.

Clor. Me fizêrão dizer-lhe...

Callir. Não prosigas;

Que esposalla intentavas.

Diom. Seja paixão, Senhoras, ou piedade,

Esse interesse, que esta vida

Vos deve, he digno effeito

De augustos corações, mas hum guerreiro

Nas intrigas de amor pouco versado

Mallogrará talvez tanto cuidado.

Discipulo de Marte,

De Achilles companheiro,

Diomedes, se és guerreiro

Effeito de amor he:

Inuutil aquella arte

No mundo se fizêra:

Porque se combatêra,

Faltando amor, porque?

S C E N A VI.

Diomedes, Callirhoe.

Callir. **P**oderei venturosa assegurar-me
Da glória pretendida?

Diom. O' bella Nise!
Senhora, fôra indigno a resistir-me
Desde que descobriste aquelle affecto
E insensivel seria se pudêra
Vêr-te sem adorar-te.
Mas quanto mais te devo, mais obrigas
A querer evitar-te o precipicio.
Se este povo malévolo e guerreiro
Te vê esposa de hum Principe estrangeiro.

Callir. Adorada me vês em toda a Libya.

Diom. Por isso te farás mais criminosa.

Callir. Já te esqueces da glória da conquista?

Diom. Contra hum Pai não dá o vencimento a glória.

Callir. Bem que he justa, Diomedes, advertencia,
Não quizêra no amor tanta prudencia!

Diom. Se he nascido esse affecto da piedade
Horror deve fazer-te a crueldade.

Callir. Por ti deixára o Throno satisfeita.

Diom. Eu deixára por ti tambem mil Reinos.

Mas infeliz serias, desterrada
Da Patria que te adora, e peregrina
Te verias na Etolia; porque a guerra
A devora; e das armas na inconstancia
Quem se póde fiar.

Callir. Junto a Diomedes,
Se viver infeliz, vivo contente;
Se morrer desgraçada, acabo amante.

Diom. Mas queres que eu consinta voluntario

Em fazer-te infeliz, se tão ditoso
Me intentas vêr na glória que me causas?
Que violencia he fingir? Céos, que tormento!

Callir. Arbitra já não sou do meu destino.

Diom. Pensa, Callirhoe, pensa.

Callir. Penso que já guerreira,
Junto do amante armada
Vibro constante a espada
Conservo firme pé.

Penso com mais vangloria
Que por salvar-te a vida,
Morro de humna ferida
Com sangue illustro a fé.

SCENA VII.

Diomedes.

Que mal se acorda amor, e o fingimento,
Se a vida interessada, e a bella Nise
Me não consegue a industria dos enganos.
Mas que devo esperar neste conflicto?
A vida he criminosa,
Se contempla outro affecto, e culpa a morte,
Pois de Nise me priva,
Seja qual fôr da sorte a crueldade
Do fado não depende a heroicidade.

Constrangido por mares e ventos,
Se o guerreiro se vê naufragante,
Nos desprezos da morte constante,
Se contrasta dos fados o horror.

Part. II.

Q

Quando faz dos passados tormentos
Já no porto benigno memoria;
Só nos consta guerreiro por glória
Não causar-lhe o destino o terror. (1)

S C E N A VIII. (2)

Lycó, e Principe.

Princ. **H**E possível, Senhor, que Cloris bella,
Que tanto me culpava na mudança,
Se veja apaixonada por Diomedes?
Infallivel effeito
Do debil sexo foi sempre a inconstancia.

Lyc. Tu te fazes só réo dessa injustiça,
Que á lei da Natureza incontrastavel
Ninguem jámais resiste,
E fica este defeito sem desculpa,
Nas Damas natural, nos homens culpa.

Princ. Eu quando Cloris deixo, hum Reino alcanço.

Lyc. Ella se ama Diomedes, logra hum Throno.

Princ. Por huma firme tróco huma inconstante,
Por huma bella alcanço huma deidade.

Lyc. Por Cloris hum ingrato hum fino amante.

Princ. Eu me interesso.

Lyc. Hum gosto duplicado
Este hymenéo ditoso me assegura:
E porque ingrata a sorte
Segunda vez não mostre na inconstancia
Este feliz projecto mallogrado,
Hoje pretendo vello assegurado.

SCENA IX.

Callirhoe, Cloris, Lyco, e Principe.

Callir. **P**elo benigno effeito da piedade
A régia mão, Senhor, beijo obrigada.
Clor. Eu por vêr-me entre os Gregos celebrada
A generosa mão beijo ditosa.
Princ. Nunca me fez amor Cloris tão bella.
Lyc. Igualmente, Princezas, me interesse
Na salvação do Principe, e na glória,
Que do vínculo estreito me resulta.

SCENA X.

Diomedes, e ditos.

Diom. **P**ela vida, Senhor, e pela esposa
Venho render-te as graças vanglorioso
De fazer de hum tyranno hum Rei piedoso.
Clor. Como se explica altivo! Oh quanto o temo!
Lyc. Devêra só lembrar-te
A dadiva da vida, e da belleza.
Diom. Sofrêra amor, gemêra a natureza;
Se a minha heroicidade
Chegára a escurecer se na piedade.
Callir. Que illustre sentimento?
Princ. Que soberba?
Lyc. He vicioso este ardor, bravo Diomedes,
Fóra do campo; agora
Só resta que a politica conclua
O que amor tem disposto.
Diom. Senhor...

Lyc. Entra Diomedes.

Diom. O' Deoses, que surpresa!

Callir. Amor te illustre.

Descança já, descança
Dura esperança minha:
Da posse estás vizinha,
Bem podes socegar.

Mas ai, dura esperança,
Quando estarás segura,
Se perto da ventura
Receias o pezar?

SCENA XI.

Cloris, Callirhoe, Principe.

Princ. **E** S tyranna, Callirhoe, na experiencia
Do meu constante affecto.

Clor. Ah vil perjuro!

Callir. Tu sempre indifferente
Me foste bem que amante, e mal presumes,
Que do conhecimento da firmeza
Esperasse razão para a fineza.

C'or. Deoses, que glória!

Princ. Pois que tyrannia
A fingir-me te obriga, que Diomedes
Era a louca paixão do teu cuidado?
E quando Cloris....

Callir. Suspende; e sabe, ingrato,
Que esposo de Callirhoe
Só Diomedes será.

Princ. Céos, que tormento!

Clor. Ditosa conclusão do fingimento!

Princ. Primeiro do meu braço o vil tyranno
Será victima, ó Deoses!

Callir. Hum guerreiro
Saberá castigar-te a ti primeiro:
E quando a sorte ingrata
Favoreça as fraquezas do teu braço,
Amante saberei morrer constante,
Sem que chegue do Throno essa vangloria
A fazer-me esquecer da justa glória.

Princ. Eu saberei reinar.

Callir. Que mal discorres.

Repara, tyranno,
Se perdes a vida
Na barbara lida
Não podes reinar.

Se o Céu deshumano
Te dá vencimento,
Do meu sentimento
Não póde triunfar.

Clor. Confunde-te, inconstante.

S C E N A XII.

Principe.

O Rival morto
Me fará venturoso; a Patria, Lyco
Me saberão vingar desta injustiça:
E se reino huma vez, hum Rei não trata
Que seja amante a esposa, ou seja ingrata.

S C E N A XIII.

*Principe, Diomedes.**Princ.* **T**ira a espada. (1)*Diom.* Jámais empunho o ferro
Sem saber a razão; nunca Diomedes
Combateo por temor.*Princ.* O vêr-me irado
Não te basta, soberbo?*Diom.* O vêr-te irado, Principe, só mostra
Que temeste os esforços do meu braço:
Quero saber se a glória do motivo
Me restaura a que perco
No meu competidor.*Princ.* Por Callirhoe combato.*Diom.* He pouca empresa.*Princ.* Pelo Reino me empenho.*Diom.* He pouco hum Reino.*Princ.* Oh Céos, cobarde, altivo...*Diom.* Se te queres combater, busca motivo. (2)*Princ.* Diomedes? (3)*Diom.* Que pretendes? ValerosoTe considero agora, e te prometto
Satisfazer; mas quando os vís temores
O esforço te ministrão, nem de ouvir-me
Eu te presumo digno.

A outras empresas Grecia me prepara.

Princ. (Se he sincero, que glória!)*Diom.* Outros affectos:

Idolatrada Nise, ó cara Patria?

Princ. (Que confusões benignas!) Se desejas
Tornar á Patria....

(1) Põe a espada em mão. (2) Parte. (3) Embainha.

Diom. Oh Deoses!

Princ. Generoso

Eu te prometto, amigo,

Diom. Astro benigno.

Princ. De fazer conduzir-te.

Diom. Se és sincero,

Te cedo voluntario a esposa, o Reino;

Mas se és fingido, ingrato, que destino

Te debes prometter se o sceptro empunho?

Princ. Sem demora farei surta no porto

A destrocada não, em que arribaste.

Diom. Os Soldados, Piloto, e Marinheiros,

Pois sócios infelices na desgraça

Hão-de ser na fortuna companheiros.

Princ. Tudo conseguirás.

Diom. Lograrás tudo.

Princ. Na salla Régia espera.

Diom. Não dilates

A illustre compaixão de hum peregrino.

Princ. Reconhece o favor, e o teu destino.

Diom. No temor da traição perde a esperança

Quem faz dos inimigos confiança.

Já parece que vejo

Do sacrificador o braço armado.

Que tardo o pé se move?

Que o coração batendo, o enfiado rosto

Me fizêra estranhar do mesmo Achilles.

Callirhoe vingativa

Já publica altamente a minha morte.

Queixoso amor extinctas as piedades

Mais barbaras amor torna as crueldades. (1)

SCENA XIV.

Diomedes, Callirhoe.

Callir. O Principe violento
Conspira contra ti, caro Diomedes.

Diom. He virtude esse illustre sentimento,
Porque o bem de lograr-te
Desculpa todo o excesso criminoso.

Callir. Das ambições do Reino o seu delicto
Se origina sómente.

Diom. A minha vida
Cara se vendêra se val hum Reino,

Callir. Mas se te perco, oh Deoses!

Diom. Se me perdes, nos braços desse amante
Lembre-te quem por ti morreo constante.

Callir. Essa lembrança injusta
De tão vil sentimento
Caro, me faz horror.

Diom. A pena, que te assusta
No indigno vencimento
Offende o meu valor.

Callir. Amor me faz tremer.

Diom. Amor me faz vencer.

Callir. Oh sorte!

Diom. Oh dôr fatal!

A 2. Que pena he não poder
Vencer de amor o mal!

Callir. Mal culpo, não culpo, não.

Diom. Mal crimino, não crimino
Oh Céos, se o meu destino
Domina estrella tal!

ACTO III.

SCENA I.

Callirhoe.

HOrror me causa, oh Céos! tanto apparato:
 Esta magnificencia
 He martyrio cruel desta violencia:
 Em quanto não dilata amiga a sorte
 Hum tão precipitado
 Intento, com que Lyco hoje pretende
 No fingido consorcio vêr diroso
 A Diomedes, que horror! de Clori esposo,
 Em quanto não fabrico na esperança,
 Encobrando o passado fingimento,
 Os fins do amante intento;
 Ou facilita amor por mais vangloria
 Meios, com que a paixão faça notoria.

SCENA II.

Cloris, Callirhoe.

Clor. **I**Nuteis são, Princeza, os artificios,
 Pois Lyco não differe o seu projecto.

Callir. Que desgraçado engano!

Clor. Eu prevenida ,

Callir. O' generosa Cloris.

Clor. Encontrando Diomedes desvalido
De já conseguir melhor fortuna ,
O persuadi constante
A conduzir-te á Etolia , o bastimento
Está prompto a partir , começa o vento
A ser-lhe favoravel , e na enseada
Te esperará de noite.

Callir. Cloris amada ,
O sceptro que te deixo , he pouco premio
A' vista do que alcanço.

Clor. Na saudade
Se desconta a lisonja ; e se appeteço
A glória de reinar , he por vingar-me
Do Principe inconstante , he por mostrar-lhe
Que o sceptro não merece
Quem de tanta fineza assim se esquece.

Callir. Mas se o vento se muda , e descoberto
Se vir aquelle engano ?

Clor. Em tanta urgencia
Despreza do futuro a contingencia.

Descança já , descança ,
Dura esperança minha ,
Da posse estás vizinha
Bem pódes socegar.

Mas ai , dura esperança ,
Quando estarás segura
Se perto da ventura
Te lembrás do pezar ? (1)

(1) Parte.

S C E N A III.

Diomedes, Callirhoe, Cloris.

Clor. **J** A' traidor faz o Principe a demora.

Callir. A Etolia partirás:

Diom. Céos, que discurso!

Callir. Prompto navio já.

Diom. Principe indigno!

Callir. A' véla quer fazer-se.

Diom. Ah traidor zelo!

Clor. Não detenhas, Princeza....

Callir. Aqui me espera. (1)

S C E N A IV.

Diomedes.

Diom. **P** Rinceza, Cloris; Deoses!
Enganou-me o traidor, já descoberto
O segredo se vê: que vil perjuro!
Mas de hum Principe, ó Deoses soberanos,
Se póde imaginar acção tão feia?
Eu serei quem discorre indignamente.
Não me assusta da morte o mal tyranno:
E póde hum vil engano
Introduzir no peito generoso
Huma presumpção tal? Mas se reflicto
A Etolia partirás, = prompto o navio
Já á véla quer fazer-se, = aqui me espera =
Que dúvida terei, se bem me lembro

(1) *Parte.*

Da barbara paixão, com que o tyranno
 Procurava apressar-me o sacrificio?
 Diomedes morrerá, mas seja indício
 Do esforço do meu braço no futuro
 A morte do que intente assegurar-me.
 Fará nas tradições da Libya historia
 Funesta de Diomedes a memoria.

S C E N A V.

Lycó, Diomedes.

Lyc. O Diomedes.

Diom. Se Lycó hum Rei prudente,
 Heroico, generoso, e compassivo
 Atégora julgava; hoje o tyranno
 Mais barbaro presumo.

Lyc. Compassivo me viste quando a sorte
 A' Libya te mostrava réo de morte;
 E quando intento amigo
 No consorcio feliz interessado....

Diom. He Principe escusado
 Encobrir-me a vingança que preparas.
 Eu mesmo te confirmo o que aleivoso
 Te disse o vil ingrato. O fingimento
 Da paixão da Princeza foi loucura,
 Que outra glória me anima.

Lyc. Estou confuso!

Diom. Se o combate desprezas por cobarde,
 Junta as Tropas, e busca....

Lyc. Como amigo
 Quero desvanecer-te esse delirio.

Diom. E's traidor, és fingido.

Lyc. Fanatico, ou traidor te considero.

Diom. Arda a Régia qual Troia, se pretendes
Assegurar-te, ingrato, de Diomedes.

Lyc. Porque ingrato me chamas, temerario?

Diom. Porque a vida perdêras, porque o Reino
Te usurpara, se fôra susceptivel
De aleivosas traições esta alma grande.

Lyc. Cruel!

Diom. Callirhoe amante
Te fizêra em mim ver outro Timanthe.

Lyc. Has-de ser nos tormentos ensaiado,
E depois te verei sacrificado. (1)

Diom. Contento acabarei se a minha sorte
Custar daquelle vil ingrato a morte.
Se se apressa o destino, acabe o injusto,
Não se mallogre instante,
Seja infeliz despojo
Do meu braço: o destino, o triste fado
Em mais illustres golpes costumado.

SCENA VI.

Principe. (2)

PRezo o conduzirei onde me ordenas;
Diomedes não presume
Tão prompta diligencia, cauteloso
Se retira Diomedes.
Céo propicio,
Evita-me este novo precipicio.

(1) *Parte.* (2) *Dentro.*

SCENA VII. (1)

Callirhoe, Cloris.

Callir. **H**Um século parece cada instante,
Que o prazer se dilata, se se espera.

Clor. A noite já vizinha
No meu peito desperta huma saudade,
Que essa veloz carreira culpo ingrata,
Porque mais o prazer te não dilata.

Callir. Cloris amiga, Irmã...

Clor. Cara Princeza.

Callir. Não te esqueças de mim.

Clor. Lembre-te, ó cara,
Quando amante descances vangloriosa
Nos braços de Diomedes, quanta parte
Teve a minha amizade
Nas delicias de tai felicidade.

Callir. E não te esqueça, ó Cloris, quando empunhes
O sceptro, e quando cinjas o diadema,
Princeza generosa,
Que de Callirhoe o amor te fez ditosa.

Clor. Senão fôra o teu gosto interessado,
A pezar da vingança,
Generosa Princeza, eu trocaria
Tal glória pela tua companhia.

Callir. Eu, que sinto de amor o duro effeito,
Julgo que igual affecto em mim se alcança
Em conservar de ti qualquer lembrança.

Amor violento,
Paixão tyranna,
Porque inhumana
Te faz, porque?

Em tal tormento
Responde o ingrato:
Do amante trato
Ignora a fé.

SCENA VIII.

Lycó, Callirhoe, Cloris.

Lyc. **P** Resago o coração me vaticina....
Mas prudencia.

Clor. Senhor?

Lyc. Filhas, Diomedes,
O Principe infeliz, tão furioso
Se mostrou contra mim.

Callir. Céos, que delirio!

Lyc. Que frenético alcança na loucura
A vida, que perdêra.

Clor. Muitas vezes
O gosto repentino tem causado
Tão desgraçado effeito.
Oh Céos, que horrores!

Lyc. Mas na furia repete, que *Callirhoe*

Callir. Que sobresalto, ó Deuses!

Lyc. Intentava

Callir. Estremeço.

Clor. Deliro.

Lyc. Mas de hum louco
Desprezar devo, *Cloris*...

Callir. O vil intento
Me declara, Senhor, que mais de astuta
Me torno de fingida em resoluta.

Lyc. (Declarou-se a suspeita.)
Que intentavas,

Criminosa Callirhoe, sua consorte,
Sujeitar-lhe este Reino, e dar-me a morte.

Callir. Eu fui causa infeliz.

Lyc. Oh Céos!

Ambas. Attende.

Lyc. Callirhoe não prosigas,
Tu Cloris, a voz suspende,
Da dúvida depende
A vida em tal temor.

Tyrannas inimigas
Vos julgo;
Perjuras sois, e ingratas
Vereis morrer de horror.

SCENA IX.

Lycó, Principe.

Lyc. A Sseguraste o perfido?

Princ. Em Palacio
Inutilmente o busco.

Lyc. Naquelle instante
Delle me separei na sala Régia.

Princ. Do temor obrigado...

Lyc. Eu farei que Diomedes appareça,
E separar-lhe o corpo da cabeça.

SCENA X.

Principe.

Favoravel o vento faz inutil
O pretender seguillo: a sorte amiga

Favoreceo constante os meus intentos;
A pezar da loucura,
Com que ingrato Diomedes se procura
Mallograr huma empreza,
Em que amor fez por nós interessado
Pendente o meu destino do seu fado:
Que de outra sorte o Deos não poderá
Aplacar o meu zelo

Se deixa o ferro
Setta homicida
Dentro no peito
Nunca a ferida
Curar se intende
Sem se tirar:

Se a sorte ingrata
Desperta o zelo,
Em vão se trata
Desvanecello,
Sem que o motivo
Chegue a faltar.

SCENA XI.

Callirhoe, Cloris, Principe.

Callir. Sanguinolenta féra.

Clor. Monstro de horrores, barbaro homicida.

Princ. A paixão me desculpa, e da justiça
Responde o Throno.

Callir. Oh Deoses, celerado
Como serás no Throno collocado,
Se foste matador, vil assassino

Part. II.

R

Daquelle que adorava, oh Céos que horrores!
Presumes. no meu peito huma baixeza
Por salvar-te a ambição da tua fraqueza.

Princ. Princeza, esta jactancia
Não se funda no auxilio da inconstancia,
Mas na justa razão do sentimento:
Pois deixando-te ingrato
Esse por quem, Callirhoe, estremecias,
Injusta não serás, nem tão tyranna,
Que mereça a memoria do inconstante
Mais que a illustre paixão do fino amante.

Callir. Ah constante Diomedes!

Clor. Entre os Principes só no teu vil peito
Se póde achar, tyranno, esse defeito.

Princ. De ou ro objecto abrazado
Chorava pela Patria, e enternecido
Se alguma vez o viste,
He porque o Deos do amor, cego Cupido,
Do verdadeiro affecto
Faz imagem mil vezes de outro objecto.

Callir. Tornar á Grecia amante pretendia,
Mas gostoso da minha companhia.

Princ. Vê, céga Callirhoe, Clori amante,
Se he Principe Diomedes, se he constante.
Naquella Náo, que o trouxe ao nosso porto,
A Grecia vai buscar; vê se parece
Quando ao Zefyro solta as velas todas,
Que te espera cruel, que se entristece
De deixar-te.

Callir. Oh mortaes, amor perjuro!

Clor. Oh fatal inconstancia!

Callir. Oh vil Diomedes!

Que a piedade offendeste,
E o mais constante affecto desprezaste.
Consentireis, ó Deoses,

Que felizmente encontre amigo porto?
Deos, que o tridente empunhas,
Cytheréa,
Horrorosos Tritões, enganadoras
Seréas de Acheloo, tyrannos
Ventos, constellações, que aos navegantes
Sois funestos, fazei que aquelle ingrato
Encontre hum precipicio,
Em que chegue a lembrar-lhe o beneficio:
E porque amor injusto no meu peito
Não possa renovar ainda piedades,
Eu saberei na morte...

Princ. Adorada Princeza!

Clor. Irmã querida!

Callir. Perca embora a vida,

Assombros causará na eternidade
Nesta resolução de alma constante
Diomedes por ingrato, eu por amante.
Horrores, monstros, fúrias, deverai-me,
Só por fazer Diomedes criminoso.
Se piedosa, constante, e generosa
Aquella vida salvo, perco o Throno,
A cara Patria deixo, e peregrina
Só por mostrar áquelle indigno amante
Que entre homens se encontra algum constante,
No procelloso mar, de hum debil lenho
Me chego a confiar, e desgraçada
Ingratidões encontro.

Onde habita, mortaes, onde a constancia?

Princ. No meu peito, Callirhoe.

Callir. He facil a dizer,

Se por mim te abrazáras,
Como por esse ingrato eu me consumo,
Pode ser, pode ser que triunfáras

Princ. Sou fino amante,

Se he vangloria mostrallo em quem te adora.
 Mil provas te darei; e se inda ingrata
 Amor te não convence,
 Acabar me verás na derradeira.

Callir. Seja, Principe amante, essa a primeira.

S C E N A XII.

Lycó, Principe, Cloris.

Clor. **Q**ue espectáculo, ó Deoses! Céos, soccorro.

Princ. Que horrores! Ceos, auxilio.

Lyc. Que afflictas vozes?

Princ. Lycó.

Clor. Pai, Callirhoe

Precipitada, oh Deoses!

Lyc. Filha ingrata.

Princ. Pelo amor criminoso de Diomedes.

Lyc. Não prosigais, tyrannós

Mas inutil será: Céos, que horrores!

Guardas, auxilio.

S C E N A XIII.

Ditos.

Clor. **B**Arbaro, injusto, Principe tyranno,

Qual será teu destino,

Se inconstante

Me fizeste infeliz, e da Princeza

Foste injusto homicida por amante?

Princ. De ti depende, ó Cloris, hoje o meu fado,
 E desse amor antigo

Conservarás no peito generoso
Motivos a fazer-me venturoso.

Clor. He tal a glória; ingrato,
Por te vêr tão vilmente arrependido,
Que me horroriza, e falto a natureza,
Pois da morte infeliz o sentimento
A vingança tornou contentamento:
Perdêra a vida, o Throno,
Primeiro que esquecesse aquella offensa.

Princ. Fazem sempre os amantes differença
Dos ultrajes de amor: hum firme peito
Desculpa generoso, e apaixonado;
Por não ser de inconstancias accusado
Que ás violencias de amor se firme existe,
A' força da razão nunca resiste.

Clor. Que quantas paixões loucas
Indiscreta pretende a vil fraqueza;
Mostrar-nos condição da natureza.

S C E N A XIV.

Lycó, e ditos.

Lyc. A Divindade, a Patria, o Rei te culpão.

Princ. Sou descoberto.

Lyc. Principe, roubaste
Dos Altares a victimas; fizeste
Que o réo de alta traição fosse impunido,
Traidoramente injusto me enganaste.
E se Callirhoe ingrata
Em si mesma castiga o seu delicto,
Estremecei, tyrannos,
Do desgraçado fim de taes engan.

Já vereis como he justa a Divindade,
Já vereis que não fica sem castigo
A vingança, a ambição, a atrocidade.
A Marte hoje serás sacrificado
Pela victima,

Princ. Oh Ceos!

Lyc. Que lhe tiraste.

E tu pela vingança criminosa
Acabarás tambem de ser ditosa,
Obrigando-me o susto
De taes fatalidades, religioso
A ceder este sceptro criminoso
Ao successor legitimo; que quando
Minha esposa infeliz vi moribunda,
Julgando mal segura
De Callirhoe na vida esta córoa
Teu Pai Calcas astuto me persuade
Que filha te supponha.

Clor. Oh Céos!

Princ. Que escuto!

Lyc. E sirva no futuro de escarmento
A minha dôr, o vosso sentimento.

Se golpe tão tyranno
Desculpa o mesmo amor,
Fugi seu doce engano,
Fugi, tremei de horror.

INSTRUTORES

DIOMENE.

INTERLOCUTORES.

*Conquistador.**Diomene.**Pai de Diomene.**Amante.**General das Armas do Conquistador.*

A Scena he na Praça de no fim da qual se
verá o Templo de Hymenêo, e ao lado direito hum
Throno, e defronte hum cadafalso.

Em 1757.

ACTO I.

SCENA I.

Conquistador, General.

Conq. Foi algum vencedor tão insultado?
Que Príncipe se viu mais offendido?
Que amante mais zeloso? E quando intento
Assegurar o amor na tyrannia
Contra a cega paixão de huma donzella,
Assusto-me, horrorizo-me, estremeço.

Gen. He debil o contrario: quem o nega?
Mas se já no teu peito amollecido
Não cabem generosos sentimentos:
He menos vergonhoso que a fraqueza
Do vencedor se mostre nos ameaços
De hum barbaro castigo, que na injúria
De infames rendimentos. Não murmura
Lá no teu coração a heroicidade,
Quando te vê prostrado, indigno amante,
Supportando desprezos de huma escrava?
Que mais queres, Senhor, que conseguilla?
Eu te juro que vendo esse theatro,
Tal seja o seu terror, que tu conheças
O facil que te fôra essa conquista,
Se por estes horrores começaras.

Conq. Parece-me que faço mais patente
Minha louca paixão, quando me esqueço
Da vingança da injúria, e sacrificio
A' amor (ó gloria) as victimas da offensa.

Gen. Principe generoso, amor te engana.

Pois se em toda a Tartaria he bem constante,
Que pediste Diomene, que negada
Te foi não pelo pai, não pelo amante,
Mas sim pela paixão, pela soberba
Daquelle altivo genio; se he constante,
Que vingativo, e intrépido assolaste
O desgraçado Reino, depuzeste
O Monarca indolente, e o rival geme
No tormento dos ferros, será estranho
Que te mostres cruel e justiceiro
Contra o primeiro objecto das offensas?
Antes dizem, Senhor, que scandalizas
A justiça, a piedade, contemplando
A barbara aggressora, quando opprimes
O generoso amante, o Rei prudente,

Conq. Porém se ella obstinada affronta a morte,

E desprezando o horror da natureza
Vê constante subir ao cadafalso
O desgraçado Pai, o fino amante:
He forcoso que eu ceda, ou que derrame
Esse sangue innocente: e que violencia
Não sente a soberania, se me abato:
Não soffre a humanidade, se me vingo?

Gen. Teu grande coração he só que pôde
Presumir tal valor no peito humano;
Huma mulher, Senhor, com tal constancia
Que deixa aos heróes?

Conq. O vencimento
De paixões criminosas.

Gen. Pois resiste

A' tyranna belleza, que te arrastra.

Conq. Viver sem Diomene, isso he possivel?

Gen. E morrer por Diomene será crível
De hum Principe, de hum Rei, do grande...

Conq. Será digno, cruel, já me offende
Tanta severidade.

Gen. A tua glória....

Conq. A minha glória menos se escurece
Na paixão dos heróes, que na fraqueza
De soffrer liberdades a hum vassallo.
Aconselhão-se os Reis, mas não se insultão.
Traisei essa infeliz.

Gen. Senhor, conheço
A violencia do amor; e nos teus annos
A força da paixão vejo invencivel.
Mas quizêra que fosse heroica, e grande
Digna de hum vencedor, digna do Throno.

Conq. Tão heroica será que te arrependas
De haver-me suscitado as horrorosas
Maximas do terror; quando me vires
Castigar os despezos como amante,
E como vencedor vingar a injúria.

Gen. He discreta, Diomene, he virtuosa,
Della não temo exemplos tão funestos.
Se até agora abusou dos beneficios,
Se te negava a mão, porque suspiras,
Foi porque a pretendeste como amante,
Foi por imaginar que te faltasse
A' vista dos exemplos da ternura
A constancia, o valor para pedilla,
Como seu vencedor.

SCENA II.

Diomene chorando, condnzida por guardas.

Official, *Diomene*, *Conquistador*, *General*.

Conq. DEoses, constancia!

Offic. O rosto descobri, que el-Rei vos falla.

Diom. Sou indigna de vêr a luz do dia.

Conq. Ingrata Diomene, se atégora
Nem suspiros, nem lagrimas pudêrão
Mover teu coração; vê se he mais digno
Da illustre condição de huma Princeza
Render-se á tyrannia, se á piedade,
Obrigar-se do amor, ou da violencia.
Estremece de vêr, infame escrava,
O fúnebre espectáculo horroroso,
O barbaro poder dos vencedores.

Diom. Se na misera sorte dos vencidos,
O' generoso Principe, (1) que vejo?
Soccorro, ó Ceos! ó Ceos!

Conq. Ceos, fortaleza!
Já se prostra essa barbara constancia?
Já se abate esse espirito soberbo?

Diom. Deoses, que vejo?

Conq. A morte.

Diom. Amor só temo.
Ah desgraçado Pai, misero amante!
Infeliz Patria, oh Céos!

Conq. Tu a sacrificas.

Diom. Sacrifico, Senhor, por isso tremo.

Conq. Tremes por isso? E porque não tremeste
Quando me viste sobre o infeliz Reino
Obrando crueldades; quando viste
Do throno dos Avós teu Pai deposto,
E gemer na tortura o triste amante?

Diom. Não tremi, justo Rei, porque sabia
Que sempre nos heróes fôra vencivel,
Satisfeita a vingança, a tyrannia.
E li tantos exemplos de piedade
Nas illustres memorias de seus feitos,
Que por elles julguei bem castigada

(1) Descobre o rosto.

Minha temeridade nas violencias
Atéqui praticadas contra o Reino.
Mas agora que vejo estes horrores,
Não filhos do poder, não da altiveza
De hum cruel vencedor; mas sim da força
Da paixão, que excitou minha belleza,
Desgraçada belleza! e por mim mesma
Conheço que não pôde humano peito
Ter virtude, Senhor, com que resista;
Nem vêr hum coração apaixonado
Barbaridade, horror, que scandalize.
A mesma Natureza, e não presuma
Desculpados no amor; toda a esperança,
Que me davão, Senhor, tuas virtudes,
Toda a força, Senhor, que eu presumia
Na minha obstinação para mover-te,
Toda se perde, ó Rei, toda se prostra.
Conq. E tão pouca virtude anima o peito
De huma filha de hum Rei, de huma Princeza
Successora do Throno, que se esquece
Da augusta obrigação de conservallo?
Que sacrifica o Reino, que entrega a Patria,
Podendo sem manchar o honesto pejo
Desaggravar o Pai, remir o Estado?

Nota. Pareceo ao Editor não só imprimir estas unic-
cas duas Scenas, que o Autor escreveo desta Peça, mas
tambem a falla seguinte, que achou em huma folha de
papel solta, por se persuadir que era material para esta
mesma Obra.

NÃO fallo a nenhum barbaro, a nenhum deshumano, que nunca abrigasse o amor no seu peito; tu que amas, e que por experiencia conheces a impossibilidade de resistir-lhe, compadece-te desta infeliz: és senhor, eu sou escrava; porém mais força tem sobre as outras paixões a heroicidade, que a força sobre o amor; tu és heróe, e não resistes, como resistirá huma mulher, e fraca? Em ti he glória o vencimento, em mim fraqueza: se tu amas a glória, eu tambem tenho ambição della; immortaliza-me a firmeza, vulgariza-me a complacencia: sacrifico o Pai, o amante, o Reino, mas a minha fragilidade se me não desculpa, me compadece; mas aonde está a fortaleza dos heróes? Quem te garantirá da crueldade? Que negra mancha não será nas tuas virtudes o horror, com que se escutará a tua tyrannia? Que desculpa darás á tua fama em perderes huma acção, que a fortuna te offereceo para ornates as tuas virtudes no vencimento de huma paixão, e nas prôvas da tua piedade? Matar os vencedores, assolar os reinos faz o mais barbaro conquistador; dar os reinos, conservar as vidas he digno dos heróes, digno dos Deoses. Não te pódes vencer, e como queres que eu me vença? Estimo-te, Senhor, e as tuas prendas, se me não fazem arrepender de sujeitar-me a F., achão em mim tal propensão, que senão fôra delle, de ti fôra: criminas-me de altiva; se eu fôra desses espiritos debeis, que amão a vida, e que por temor se su-

jeitão, cederia; mas quererias, que violentada todo o meu amor para ti fosse fingimento, ou que quando me tives-
ses nos teus braços eu me estivesse lembrando de outro
amante? E não se despertaria no teu zelo vêr que por
salvar-lhe a vida me sujeitasse, como fiador da sua vida?
Tenho muita virtude; he grande a estimação que faço de
ti para fazer-te semelhante desprezo. Não te envergonhas
da generosidade do Principe, que por salvar-me a vida
se sujeita a vêr-me nos teus braços? E tu que ostentas
de heróe, e de amante queres antes vêr-me morta, que
perder-me. Ah que não posso crêr, não, que és aquelle,
que a meus pés me juraste compadecer-te da minha infeli-
cidade, e de dares a liberdade a meu infeliz Pai em
contemplanção da minha formosura; pois como te arrepen-
deste, perde acaso o merecimento pela constancia? Des-
graçada virtude, infeliz dom, que huma vez que vo-
unistes, foi para perder-me! Affrontarei a morte: a de
hum Rei, que se vê escravo, he felicidade; e mais re-
commendavel se fará a minha Patria pela minha memo-
ria, que pela minha fraqueza: qualquer mulher cederia á
tua paixão, mas só huma heroína resistiria ao poder do
vencedor: a heroicidade está no espirito, e sempre a des-
graça deixa a infelices o modo de triunfar dos seus ty-
rannos.

Não se despartas de mim, não te despartas
 do meu coração, não te despartas do meu
 amor, não te despartas da minha vida.
 Não te despartas da minha alma, não te
 despartas da minha carne, não te despartas
 da minha vida. Não te despartas da minha
 alma, não te despartas da minha carne,
 não te despartas da minha vida. Não te
 despartas da minha alma, não te despartas
 da minha carne, não te despartas da minha
 vida. Não te despartas da minha alma,
 não te despartas da minha carne, não te
 despartas da minha vida. Não te despartas
 da minha alma, não te despartas da minha
 carne, não te despartas da minha vida.

O P O E T A.

Part. II.

S

O P O T A

2

Part II

INTERLOCUTORES

A. T. E. A.

COMEDIA

B 2

INTERLOCUTORES.

<i>Theofilo</i>	Poeta
<i>Aleixo</i>	Seu Irmão.
<i>Anacleto</i>	Poeta pobre.
<i>Fileno</i>	Poeta satyrico.
<i>Fidalgo</i>	Moço.
<i>Rosalina</i>	Desenvolta.
<i>Modesta</i>	Séria.
<i>Rodrigo</i>	Tio do Poeta.
<i>Gertrudes</i>	Mái do Poeta.
<i>Official.</i>	
<i>Estudante.</i>	
<i>Criado do Poeta.</i>	
<i>Poeta Velho.</i>	

ACTO I.

SCENA I.

Aleixo, e Criado. (1)

Criad. **P** Assava da meia noite.

Al. Forte mania! Eu não sei como elle atura o fedor dos taes Poetas.

Criad. E senão fôra a Senhora mandar pôr a meza, ainda os teriamos em casa.

Al. Eu, que demonio tem elles que fallar? dez, doze horas cada dia estou em conversações de dez, de vinte pessoas; e senão fôra a partida passaríamos as horas a abrir a bocca.

Criad. E sempre lhe fuge o tempo: porque hontem veio o Fidalgo, o Conego, o Capitão, e aquelloutro Cavalheiro de Trás-os-Montes, e a todos se mandou negar.

Al. Não, que esses não sabem fallar de apostrophes: peripecias, carastrophes, de tropos, e outras asneiras semelhantes.

Cr. Pois hontem tivemos muita palavrinha nova.

Al. Vê se te lembras de algumas, que lá na conversação nos rimos já como loucos destas ingrezias.

(1) *Aleixo sentado com o penteador, e o Criado acabando de o apolvilhar.*

Cr. Tive o cuidado de escrevellas ; de outra sorte quem poderia lembrar-se , memoria de Anjo seria precisa.

Al. Certo.

Cr. Ora ouça (1), Atticos , Prótasis ,

Al. Prasis ? bello !

Cr. Monólogo , Plauto , Togata , Character , Adelphos.

Al. Adelphos ? Delphos : que patetas ! He huma Cidade sita no monte Parnaso.

Cr. Terencias , Aristophanes : que taes ?

Al. Huma maravilha , como rirão as Madamas ?

Cr. Sophocles , e Euripes.

Al. Floripes , desse tenho eu noticia ; porque tudo o mais são vozes não significativas , biltre , e sindafos.

Cr. Pois hum livrinho , que trouxe o torto ?

Al. He de tomo ?

Cr. Qual tomo ?

Al. Deixa-mo vêr.

Cr. Aqui está : meia moeda largou.

Al. Que perdição ! Nisso gasta todo o seu dinheiro : Livreiros , e pobretões he a sua gente.

Al. Pindarus ! Põe para lá.

Cr. Pois disse o Poeta mudo que se deveria lêr de joelhos.

Al. De joelhos ?

Cr. De joelhos : deve ser Autor devoto lá dos Gregos.

Al. Qual dos Gregos.

Cr. Pois Pindaro não foi Grego ?

Al. Qual Grego : he hum Poeta Portuguez já muito antigo , que ninguem lê , que he dos livros , por que elle estuda : olha lá não leia o Chagas , ou a Fenis.

(1) Tira o papel , e lê.

Cr. Pois elles tem-no por Grego; e dizia seu Irmão para os outros lá com hum tom de exclamação: com que inveja não veremos as crianças daqui a dous dias lendo este Grego, e o grande Homero nos seus originaes; e nós escutando-os com a bocca aberta; mas por fim se consolava de vêr segura esta glória para seus filhos e netos.

Al. Forte cousa! Traze-me os pós para os dentes.

Cr. Aqui estão.

Al. E cada vez me parece que se engolfa mais.

Cr. He certo: depois que se abriu o Theatro de Comicos Portuguezes anda como louco.

Al. E a paixão, com que volta das Comedias? Se viesse morto de zelos, ou com duas estocadas, não se affligiria tanto.

Cr. E o toiró, que tem tomado c'os graciosos?

Al. Isso he bom; diz que são inverosimeis, porcos, deshonestos; pois elle ha-de fazer rir o povo com outras cousas: dá-me o espirito.

Cr. Aqui está: e vá despachando, que elle não tarda.

Al. Eu me admiro, que tendo livrinho novo não madrugasse.

Cr. Já deo duas investidas á porta, mas retirou se.

Al. Andará fallando só lá pela varanda, a faca....

Cr. Ei-lo comnosco.

SCENA II.

Poeta, e ditos.

Poet. Bons dias.

Al. Bons dias; eu já concluo: dá-me a navalha da barba, que me arranha desta parte terrivelmente.

Cr. (1) Anda em busca do livrinho.

(1) Baixo.

Poet. Pois cuidei que nesta casa se poderia guardar di-nheiro dentro nos livros.

Al. Busca o Pindaro? Alli está.

Poet. O Pindaro, sim... o Pindaro. (1)

Cr. Vossa mercê vai fazendo saltar o sangue.

Al. Vai-se-me cerrando a barba de sorte que já preciso de fazella duas vezes cada dia; dá-me a borla, que negreja horrorosamente.

Cr. Mão fôra se branquejasse.

Al. Tudo he máo. (2)

Cr. Em extasis, já sabe.

Al. Tira-me com essas pinças estes cabellos.

Cr. Dez pitadas tem tomado; lá vai outra.

Al. De vagar que me atenazas. (3)

Poet. Que foi? Que fazes? (4) Arrancas-lhe o nariz?

Al. Não, tira-me estes cabellinhos das ventas.

Poet. Cuidei que vos tinha morto; soffrer por ser formoso.

Al. De vagar, homem.

Poet. Que cousas? Eu não sei como vós tendes paciencia.

Al. Cada louco com su tema.

Cr. Que chóra?

Al. Basta por hoje... (5) Jesus, como me deixaste o nariz vermelho! Traze-me humna pouca de agoa morna, parece hum tomate.

Cr. Não he nada.

Al. Não he nada? Em quanto me não passar a vermelhidão não saio: traze-me agoa morna.

Cr. Ainda não ha lume; toda a gente está na cama.

Al. Que se erguão: que pimentão!

Cr. Pois já não quer sahir cedo?

(1) Senta-se, e lê. (2) Aponta para o Irmão. (3) Grita. (4) Ao Criado. (5) Vê-se ao espelho.

Al. Quero sahir já.

Cr. Senhor, juro-lhe que não tem nada.

Al. Não tem nada: que apodos me não dirião as Damas?

Cr. Sobre a minha consciencia, que está na côr natural.

Al. Não me faças sahir de mim: não me vejo? Se isto fôra hum grande golpe de navalha; huma maldita, ou huma espinha carnal das rebeldes, como dizem os Licenciados, passe, com hum parxe se encobriria; porém hum nariz vermelho desfigura o rosto todo.

Cr. Juro-lhe que não tem nada: ah senhor. (1)

Poet. (2) Que queres?

Cr. Veja se tem o nariz vermelho o senhor Aleixo.

Al. Veja; mas guarda-te se elle diz que sim.

Cr. Que me enforquem se tal disser. Senhor veja. (3)

Al. Theófilo? Qual? Oh que bestial distracção! Maldita seja a Poesia.

Poet. Que dizeis lá da Poesia?

Cr. Veja se aquelle nariz está vermelho.

Al. Ora sede lá Poeta.

Poet. Que Poeta? (4) Mas quereis-me assassinar?

Al. Estou com este nariz vertendo sangue, e esse moço quer sustentar que não tem vermelhidão.

Cr. Quero perder este braço se tal tem.

Poet. Não ha questão mais galante: ou vós lograis-me?

Al. Se vos lógro?

Poet. Pois não tendes esse espelho, que vo-lo-dirá melhor? e vindes-me perturbar com taes ridicularias? Eu não me metto comvosco: deixai-me em paz; namorai, tonanteai, jogai, não pegueis em livro;

(1) Ao Poeta. (2) Sem olhar. (3) Toca no Poeta.
(4) Repara nelles, e o Irmão tem a faca dos pés.

gastai dez horas ao toucador : sois gentil homem , asseado , valente , querido das Damas ; sois a cavallo outro Neucastel , discreto , estimado , em fim homem de Corte : comeis , bebeis , desfrutais esta casa , como vossa sem sujeição , sem respeito : que mais quereis ? Eu não posso fazer mais , nem tanto devia ; mas em século tal estamos , que a querer-vos ir á mão , como era justo , em provando que vosso Irmão he Poeta , me veria condemnado a pagar do Hospital redizima , e custas : mas cá vos espero.

Al. Eu Poeta ?

Poet. Não , meu Irmão , não sois desses , nem hum só verso fareis.

Al. Tanto melhor , que lá diz o Castelhana : = ni tan nescio que nó haga uno , ni tan lôco que haga dós.

Poet. Assim he , gastais melhor o vosso tempo no que fazeis : mas deixai-me ; a Deos , a Deos.

Al. Tem zelos a vossa musa de me dizeres se tenho o nariz vermelho ?

Poet. Ide , que sois hum patéta.

Al. E vós sois Poeta : quereis que vá perguntar se tenho o nariz vermelho a alguém , que passe por essa rua ?

Cr. Eu pelo nariz de Apollo lhe peço que o desengane , senão enforca-me.

Poet. Ridiculo , tambem tu me vens com dicterios ?

Cr. Eu , Senhor ?

Al. Tu me pagarás tudo , já que me desmentes : vai chamar essa canalha que me aquentem agoa.

Poet. Anda cá. Vou dar-me ao logro.

Al. He por isso que os Poetas são malquistos : costumados a tratar com as divindades , desdenhão de se abaixarem a fallar cá com os humanos : cousas

sublimes, e grandes he que são dignas sómente dos
sens talentos, e tudo o mais he ridiculo; a rique-
za he ambição, a nobreza quixotada, os contratos
interesse; a magnificencia luxo, o asseio affecta-
ção; em fim vaidade, e corrupção da natureza tu-
do aquillo, que ha de delicias no mundo: já não
ha Poetas porcos.

Poet. Pelo amor de Deos acabai.

Cr. Para quem não he Poeta parece que já se ex-
plica.

Poet. E hei-de soffrer-vos, porque sou Poeta?

Al. Tanto vos custa dizer-me se tenho o nariz ver-
melho?

Poet. Como huma lagosta, hum lacre; como hum ra-
bão, como hum lacráo,

Al. Ah Virgem Maria!

Poet. Como hum coral, huma grã,

Al. Oh Ceos!

Poet. Como hum pimentão, como quantas cochoni-
lhas ha no mundo,

Al. Jesus!

Poet. Em fim como hum corno.

Al. A Deos cara.

Nota do Editor. O Autor não tinha outro Irmão em
1756; eu não fiz a barba senão cinco annos depois; eu
não tive a fraqueza de tirar os cabellos da cara com te-
naz; mas sentindo que senão concluísse esta Comedia,
sempre quero deixar estas duas Scenas.

O D E.

JA' Lysia respirava, e sacudido
O lastimoso, insupportavel jugo
Do Monarca indolente,
Nos amorosos braços descansava
Do seu Libertador; o triste Povo
Na certa confiança
De hum Governo feliz o pranto enxuga;
Principe natural, herdeiro, e sábio
Contemplava no Conde o amor da Patria.

De orgulhosos, indomit
Só se mostra a amb
No vil abatimento.
No semblante severo o lisonjeiro
Estremecendo fuge. O mais austero
Conselheiro se roga,
Se consulta, se attende, se premeia.
Em lugar das paixões que dominavão,
A virtude administra a sã justiça.

Retirado em Toledo o debil Sancho
 Sem vassallos, sem throno, sem amigos,
 Envergonhado chora.
 Os leaes corações se abatem, prostrão
 Pelos raios crueis, que irado vibra
 O grande Sacerdote.
 Era Religião, zelo da Patria
 O Rei desamparar, seguir Affonso:

. Portuguezes, que dos muros
 imbra, o illustre Freitas
 a:
 lagrimas da Esposa, o terno pranto
 Dos innocentes filhos; fome, sede,
 A perdida esperança
 Não podem contrastar seu firme peito:
 Jura Affonso de pôr-lhe eterno sitio,
 Jura de não render-se o forte Alcaide.

Já de asquerosos animaes immundos;
 De humanos dentes atélli tocados,
 Vai faltando o sustento.
 Esgottou-se o deposito das agoas
 No dilatado cerco: e ás crespas fauces

A'ridos alveos mostram
 Os venenosos, os corruptos charcos.
 Augmentão do Mondego as claras ondas
 Os ardores mortaes nos sitiados.

Os descarnados membros não recreia
 O nocturno descanso;
 Os olhos nunca fe
 As armas cede o braço;
 Vêm nos tristes aspectos huns dos outros
 Pintada a fria morte.
 Murmura a guarnição, falta a constância
 Aos ultimos horrores do contagio.

Mas a fidelidade não conhece
 Perigos: resolute assim lhes falla
 O intrepido guerreiro.
 Pois a glória prezais menos que a vida,
 Aqui tendes as chaves: vossos filhos,
 Vossos netos me vinguem,
 Que vos detem? fugi, fugi rebeldes.
 Prometti defender este castello,
 Sou vassallo de Sancho, e Sancho vive.
 Se a torpe incontinencia he que desterra

• De algum dos corações a vassallagem
 Atégora incorrupta,
 Ficareis satisfeitos? (que horror me cerca!)
 Essa formosa filha, essa donzella,
 não me desampareis
 sua, se isto he forçoso
 a salvar a lealdade,
 Que mais quereis de mim? na flôr dos annos
 a prostituo; eu vo-la entrego,
 Detereis hoje a morte, sim,
 Que á manhã chorareis, ah desgraçados!
 A morte, e mais a infamia.
 Que soffreis vós, que tantos Portuguezes
 Não tenham já soffrido? Com que inveja
 Não vêm nossa constancia
 Esses grandes heróes, que se entregárão
 De pejo morrerião: sua fortuna
 Pela vossa miseria trocarião.

F I M.

O gosto de deixar estes pensamentos, foi quem obrigou a imprimir estes versos no melhor modo que se pudérão entender, pois neste papel foi em que os ratos fizêrão maior estrago nos lugares mais interessantes.

O EDITOR.

SE á minha idéa pudesse chegar a mais leve esperança de que a Providencia me daria segunda vez a grande satisfação de mostrar ao mundo o retrato do coração de meu Irmão , e dos sentimentos , que mais occupavão o seu entendimento , teria por differente modo organizado a impressão das suas Obras Poeticas , não obstante a relação em que achei o nome de todas as peças , e o número das que deverião entrar em cada hum dos doze Tomos , de que se compunha o Theatro , e as Obras Lyricas , que já achei em boa cópia com a Dedicatoria ao Senhor Rei D. José o I. de gloriosa memoria , de que se formou a primeira parte dellas.

A mim que me faltava o tempo pelo receio da minha idade , fiz acceleradamente imprimir aquelles escritos com tanta fortuna , que o consegui em cinco annos ; e quando em 29 de No-

Part. II.

T

vembro de 1807 me entráram em casa os Francezes, achava-me com aquella primeira parte das Lyricas toda feita em quartos pela ambição, que tive de deixar nella o estado do desenho, e da gravura, que áquelle tempo ainda não tinham. E quando depois reflectia que deixava no mundo a memoria daquelle Homem, quasi que não sentia o fim a que me considerava eminente; e dando graças á Providencia me consolava cada dia de ir vivendo, pois não achando em que me entretivesse com satisfação, vingava-me para me distrahir em lêr huma vez, e outra aquelles impressos; parecendo-me na ultima vez que os acabava, a primeira que os tinha visto.

Em 9 de Setembro de 1808, indo buscar huns papeis differentes a huma casa, onde meu Irmão escreveo o Theatro, achei-os embrulhados em meia folha de papel toda escrita, e muito amarrotada: era o esboço de hum Discurso número VIII., que principia „ Que todo o homem de proposito envista com a Poesia! „ Affirmo-me, e conheço que a letra era de meu Irmão, e que o assumpto era tendente á materia sujeita: fui estendendo o papel, e lendo; vi que elle tinha re-

citado na Arcadia seis Discursos sobre a Comedia; admirei-me do número, e fui ver as Obras Lyricas impressas, e não achei mais que cinco; fez-me pezo a falta de hum, e comecei de novo a esquadrinhar quantos lugares havião em casa, em que se pudessem achar papeis, e não pude encontrar nem esperança; pergunto á pessoa mais antiga da minha familia, que não passa de tres homens, e nenhum daquelle tempo, se dava fé de alguns papeis velhos em alguma parte: *naquelle agoa-furtada*, me responde, *estão huns saccoes com livros, e papeis velhos*; immediatamente encontro debaixo de cadeiras quebradas, e outros trastes em tão bom estado, cobertos com lixo, que he para o que ellas servem ordinariamente, dois saccoes com cartas de 1753, tempo, em que meu irmão tinha chegado de Hespanha, papeis, que eu já tinha livrado do incendio, que sobreveio ao Terremoto do primeiro de Novembro de 1755, e continuação dellas até 1764: só o conhecimento do meu dever, e da minha amizade poderia obrigar-me á constancia de lêr, e examinar tantas mil cartas, e papeis insignificantes, em que com tudo havião

algumas cousas curiosas, que se não perdêrão: era inalteravel costume do Autor não rasgar papel algum por mais insignificante que fosse.

Fui vendo escritos do anno de 1756, principios do seu primeiro furor poetico; fui-me sobresaltando, figurando-se-me os Védorez da agoa, e os Poceiros, quando começam a achar os marnes humidos, com que vão adoçando, e animando com aquelles suôres o secco, e melancolico padecente. Lembravão-me os Mineiros na America, quando davão com os primeiros vestigios do ouro com a esperanza de terem ferido a veia, e de que a mina seria castiça; assim me fui inflammando, sendo já menos sensivel e penoso o frenesi, em que me punha a immundicie do lixo, que se tinha creado em quarenta e quatro annos, que aquelles papeis estiverão perdidos, pois soffrêrão tres mudanças de casa desde 1764, que foi a primeira até 9 de Setembro de 1808, em que se lhes quebrou o fadario.

Quantas vezes o Autor na sua ferocidade do Theatro depois de 1768 até 1777, fallando nós sobre esta materia se lembrava, e me dizia, que seria feito daquelles papeis da minha mania logo

depois do Terremoto? Se eu os achasse, ainda havia de aproveitállos; ria-se, e passava para diante, não fazendo caso algum daquelles trabalhos, como nunca fez, nem allegações de cousa alguma do que mais interessa, e desvanece os homens.

Tive o prazer de encontrar a Tragedia do Edypo com a Dedicatória ao Senhor Rei D. José I. com a douta censura, e com a Apologia; igualmente achei em muito bom estado a Tragedia de Artaxerxes II.; não tive a mesma felicidade com o original da Tragedia de Viriato; mas ainda se pôde aproveitar, como já expressei em huma nota.

Achei os originaes de tres Comedias escritas no anno de 1756, e 1757; João Fernandes feito homem; a Farçola; o Passaro Bisnáo; e fui encontrando muitos versos proprios do fogo da bella idade, obras para gasto de casa; Sonetos, Eclogas, Glosas, Odes com faltas de versos, e talvez por acabar; Sátyras, e muitos Discursos, huns concluidos, outros não; memorias que fazia; pensamentos que segurava com a penna; Scenas que passavão por elle, e apontava com o

receio de lhe esquecerem : que bem empregada acho eu a impressão do Prologo do Tomo XIII. pelo §. V. escrito naquelle tempo , e naquella idade ! Eu tinha grande pezar do que achava absolutamente perdido , como foi o esboço de hum das Odes ao grande Martim de Freitas , que encontrei em muito máo estado , e por ser hum thema , que se tinha dado na Arcadia , segundo minha lembrança , para discorrerem os Alumnos. Póde ser que ella chegasse a ser posta em limpo naquelle tempo ; pois o borrão da mais arruinada foi principiado em bom character ; mas depois da primeira lauda continuou em cursivo , e a quiz fundir : póde ser que ella exista em melhor estado. Tinha pezar de não aproveitar o que achava em hum meia folha avulsa , humas tróvas em hum sobrescrito , etc. Reflectindo porém que no Theatro já impresso achando algumas peças tragicas e comicas em muita confusão , que eu me deliberei a imprimillas , e que nenhuma outra pessoa , aindaque lhe importasse , se afoutaria a semelhante liberdade pelo estado , em que tinham ficado ; mas como o meu intento foi não deixar de imprimir cousa alguma do que achava escri-

to, o não estar completamente acabado não lhe tira todo o merecimento. A maior fortuna que tivêrão as fadigas Poeticas de meu Irmão, foi além da minha ignorancia, e amizade a ventura de encontrar no IV. Tomo do Theatro no §. XIII. no Discurso da Comedia, *a Mulher que o não parece*, a luz que o Autor me dá, e têr a fortuna de existir aquelle erudito condiscipulo, que eu não tinha visto desde o anno de 1755 até ao dia 7 de Março de 1804, em que o busquei a primeira vez, e o achei não só com o carinho de condiscipulo, mas com o maior desejo de lisonjear-me. Era o meu empenho pedir-lhe que me houvesse de nomear, e eleger alguma pessoa, que fosse capaz de guiar-me nesta empreza que me propunha; pois sem este indispensavel soccorro eu não podia completar bem os meus desejos; não só se defendeo, e livrou das minhas duas proposições, mas se offereceo a vêr todos os manuscritos, e passar debaixo dos seus olhos toda a impressão delles, o que fez com a maior satisfação, prazer, e constancia, trabalho de hum Portuguez, que viveo no seu tempo, a quem nunca fallou, e vio huma unica vez: estavam neste

tempo já reimpressos os primeiros tres Tomos do Theatro; a não ser este auxilio eu havia de querer acabar as cousas com perfeição, remediallas ao menos, e não havia de têr valor para imprimillas incompletas, ou me aconselharião que não as imprimisse, e havia de ficar o mundo sem muitas cousas originaes que elle disse: (aqui se dará huma grande risada.) Só quem visse os borrões originaes he que poderia talvez desculpar-me se eu o pretendesse, ou se eu o mendigasse.

Só a minha ambição poderia fazer imprimir a Tragedia de Catão: ella era em verso, ella estava em tal confusão principalmente o I., e II. Acto, que até parecia doudice o imaginallo; mas se me não cégo, e teimo comigo ficaria o Catão ou bom, ou máo? Certamente não. Quanto sinto eu que elle não estivesse completo, e elegantemente organizado, limado, e purificado. Não erão estas as maiores satisfações do Autor; a sua primeira paixão era mostrar o que lhe occorria, e o que elle entendia, e deixar. Quanto senti eu que elle ficasse naquelle estado; mas fallar muito de remediar hum impossivel he simplicidade. Imprima-se o que se achou, estimo de o ter feito,

sempre fica alguma cousa de bom, e fica aquelle discurso. Adoece hum grande Dançarino da tercedura de hum pé; aggrava-se a molestia, vem a gangrena: que ha que fazer? Cortar-lhe a perna para que viva o homem, e ensine a dançar.

O Drama intitulado = *O Homem que o não quer ser*, = levou-me tempos para o poder adinhar, e ajuntar, e por fortuna era em prosa: mas que se me dá a mim que digão falta esta fra-e, que era mais propria neste lugar, ou ainda que não esteja com maior clareza huma, ou outra Scena (quando assim o julguem) sempre terá alguma cousa de bom, e isto he o que se aproveita, á maneira de huma boa pera virgolosada que vem da Beira, e he a melhor fruta que temos; raras vezes chega bem sasonada, madura, e sã; tira-se-lhe o podre, o pizado, e come-se o bom: o bocado que se come, he delicado, he excellente.

Em que confusão me não achei querendo aproveitar os primeiros traços, que o Autor tinha lançado para a Comedia chamada o *Urso*, = ou a Vantagem dos indomitos? = Fiz-me doudo; eu bem via que aquella peça apenas exis-

ção na imaginação do Autor, quando tomou aquelles principaes pontos na memoria, e os escreveu. Encantava-me o character do Inconstante, a extravagancia do Tolinante não rara, a satisfação da Doutora, o character magoado, e chorão do melancolico, e ferido Amante, o chatim do Pai da Noiva, a simplicidade desta, o bom character do dono da casa, a Mãe de familia, o disfarce da filha, a intriga, o desvanecimento, e as pretensões do mesmo fim, que todas as mulheres tem (disfarçados crocodilos) nos obsequios, nas lisonjas, e na preferencia; mas como nem nomes tinham as figuras, não podia bem atar os discursos, a conversação, e o fim da intriga, e quanto mais hia para diante, mais me confundia, e mais me agradava a moralidade, a verdade, a constancia, a fraqueza, o artificio, e a sinceridade; pois imprima-se para lhe aproveitar o bom que tem quem lho conhecer, e gostar. Tenho visto quem não gosta de malassadas; quem não come interior de animal algum; a quem he indifferente a gallinhola assada, e nunca provou a fátia; quem ignora o gosto que tem queijo, e quem nunca comeo azeitonas; e até acho quem prefere

o pão com ervinha : de que me poderei admirar em materia de gosto ?

Que notavel Inconstante ! Como pinta aquelles bons tempos ? Que Filosofo ! como retrata a feliz Natureza ? como refere o artificio actual , o principio , e fim , com que se formão , e como existem as Assembléas , que tanta inveja e emulação causão ? Que Doutora ! Com que desesperação se bota para diante já sem prumo , equilibrio , calculo , nem medida alguma geométrica ! Pois se eu tenho feito imprimir aquellas tres peças no estado , em que as encontrei unicamente para as deixar no mundo , como não ficaria eu insensato se humas unica vez me tivesse lembrado dos cuidadosos trabalhos do famoso Voltaire , quando fez estampar com tanta ambição quanto pôde achar escrito do grande Corneille em beneficio util da Sobrinha deste famoso Tragico ? E quando em 1803 comecei esta empreza , subindo a grande preço o papel todos me aconselhavão que suspendesse , e esperasse que diminuísse aquelle grande valor , e que viesse tempo de maior soco : se caio ? ainda me não arrependi da minha constancia , porque me hei-de demorar agora na

consideração do que farei destes escritos, que acho todos análogos aos sentimentos, e systema de meu Irmão, posto que truncados?

Refiro a dous dos meus amigos do Autor, que nunca lhe fallarão, a minha confusão, e os meus desejos; responde-me cada hum como se tivesse ouvido o outro, = quando esses boccados são escritos de homem grande, nada se deve perder, nem he indifferente. = Acórdo, considero meu Irmão hum gigante, e animo-me; continuo a pôr em cópia tudo quanto achei, não escusando nem as cabedellas, Diomedes, Diomene, e o Poeta, e a mesma carcomida Ode a Martim de Freitas, e teria feito bem se deixasse para este mesmo lugar a pagina 32, em que está o que achei da Ode VI. da segunda parte, e na seguinte pagina aquelles versos, que começam = Dobra os tenros joelhos =, e alguns outros; mas a este tempo ainda não tinha assentado deixar para ultimo lugar as cousas mais incompletas.

Eu estou bem persuadido que meu amado Irmão, quando escreveo muitos dos seus versos, lhe não veio á imaginação que havião de ser vistos, que havião de ser copiados, e jámais im-

pressos; mas elle não podia conhecer o amor que eu lhe tive, e a justiça que lhe fazia ás suas virtudes (por falta da minha capacidade), em mais de cincoenta annos o observei tão particularmente sem reserva alguma entre nós: a sua presença, os seus discursos, os seus pareceres, a sua modestia, a sua grande caridade, e humanidade mo fazião admirar em todo o tempo; e á proporção que se me foi augmentando a idade, fui observando em differentes épocas críticas differentes lances, em que se vio, os que eu cheguei a saber, e a conhecer bem a sua philosophia, a humanidade do seu coração, e os vivos sentimentos da sua alma. Elle nunca desafogava.

Nenhum objecto de amizade, ou de amor de todos quantos tratei em minha vida, diminuíráo a impressão, que na minha alma fez o carinhoso respeito, com que meu Irmão em Janeiro de 1750, quando chegou de Madrid com o Tratado de Limites, motor da sua felicidade, tratou nossos Pais, o amor, com que me abraçou (eu o não conheci pela pouca idade que tinha, quando sahio de Portugal) com huma tal docilidade, e ternura, que nunca mais se diminuiu em mim

aquella lembrança, e em quanto viveo sempre me obrigou igualmente: eu me affligia quando tardava ao recolher; eu o conhecia na rua em grande distancia pelos seus passos, eu sentia em mim hum alvoroço, como demonstra hum cão recluso quando ao longe suspeita, applica o ouvido, e chega a verificar que he o dono, e jámais se engana; eu me sobresaltava quando de repente sentia levantar a tranqueta da porta áquella hora, ou o sentia escarrar em grande distancia; pois todos estes signaes me annunciavão muito antes de o vêr. Quando ficava fora de casa ou eu, ou elle, a esperança de que a tantas horas, ou a tantos dias nos havíamos de vêr, animava os meus desejos, mitigava a minha saudade; eu nunca estive satisfeito em toda a minha vida senão quando estava com elle; os ultimos quatro annos da sua vida eu fui muito feliz, nunca nos separamos, sempre estivemos juntos; finalmente eu lhe tive o maior respeito, nós vivemos sempre sem reserva, com a mais sincera confiança, não havendo entre nós nem meu, nem teu pela condescendencia do seu genio.

Ora quem tem tal paixão, e a ignorancia das

bellas Letras , e de mais a mais não ignorando a maior parte dos motivos , e dos assumptos , como lhe poderá deixar de parecer muito bem tudo quanto acha escrito daquelle homem , onde só he Juiz o amor , e a obrigação ? Eu não ignoro que hei-de ter feito imprimir muitas frioleiras ; mas tambem sei que os gostos são tão differentes , e tão extravagantes , como as fisionomias ; sei que os sentidos corporaes são os mesmos em todos os Racionais perfectos , e os seus effeitos oppostos , e differentes em cada hum. Agrada a este a estatua de Venus ; lisonjeia áquelle hum esqueleto ; agrada a hum ouvir cantar bem huma ária , outro enlouquece pela franca desgarrada ; lisonjea-se hum com o cheiro do jasmim de Italia ; outro exaspera-se senão toma huma pitada de esturro ; este tem o maior prazer em gostar hum torrão de assucar ; outro só lhe agrada hum cópo de vinho cascarrão. Que cousa mais electrizante que o toque mais leve por acaso do bello sexo ? Que cousa mais desagradavel que a unha de hum gato ? E com tudo ha quem goste , e brinque com elles. O glutão chega a ter fastio mortal quando adoece , e volta a ter o mesmo appetite , e a

mesma satisfação se aquelle motivo torna a recuperar a sua legitima acção. Eu não ignoro que isto vem tudo da organização do nosso fysico, e do estado em que elle está; mas os seus effeitos são tão differentes em tudo como vemos.

Se eu perguntasse a qualquer Filosofo, elle me explicaria muito bem o motivo destas differenças, se eu fosse capaz de o perceber, ou talvez me dissesse que eu não tinha huma alma bem feita. Os simples, as comparações, os exemplos de que me valho para me fazer entender, bem mostram que eu jágora não posso passar dos conhecimentos, que a Natureza, e o mundo me tem dado, e a sinceridade dos homens me tem patenteado nos francos planos destes ultimos cincoenta e cinco annos da minha vida, e de alguns dos antecedentes, de que tenho lembrança, que agora me servem para cotejar o merecimento, e a necessidade destes trabalhos, a differença dos tempos, e o differente modo de pensar.

Eu estou muito satisfeito com os meus desejos, e com os votos das pessoas mais intelligentes, mais bem morigeradas, e mais respeitadas entre nós, que tem prazer dos ardentes dese-

jos, e dos trabalhos deste phenómeno, que existio no nosso mundo os ultimos setenta e seis annos do seculo passado desde 15 de Julho de 1725, até 27 de Agosto de 1801.

Não chegarei com tudo a hum desvanecimento como teve outro simples, que era coveiro em huma Freguezia, varria a Igreja, e as escadas, e tinha outros semelhantes exercicios: huma tarde de Quaresma sahindo as gentes do Sermão, que agradou muito, vinhão em altas vozes gabando-o, e exaggerando-o; pasmado o tonto, que estava no adro, atordoadamente pergunta muito risosinho (como tolo) a huns, e a outros se fôra bom? Admirados, pois o conhecião, reperguntão, = o Sermão? = Sim senhor; sim senhor; sim senhor: bom, excellente, optimo, lhe respondem; antepara-se ... hum momento ... suffocado ... e esvaído de alegria ... batendo com a mão no peito, huma vez, e outra, balbuciante, tardando-lhe a voz ... eu ... eu toquei a elle, e cahe convulso. Não duvido que por caridade me evitem chegar a tal transporte, mas eu não tenho cumprido e satisfeito os meus deveres em quanto não fizer o ultimo sacrificio á amizade, e

á justiça, que só pende da vontade de Deos, e não poderá tardar, que he tirar do mundo o apellido de Figueiredo, que ainda lhe faz mal.

Eu diligencieei, meu Irmão, quanto me foi possível, por mostrar á posteridade a sua ambição, os seus interesses, os seus desejos, as suas qualidades, e o seu caracter, que observei tão particularmente quarenta e sete annos, deixando á Patria impresso tudo quanto achei escrito por v. m. em materia de Poesia. A Providencia auxiliou-me constantemente, deparou-me hum Cyrenéo sabio, honrado. Em tempos tão calamitosos nenhum prejuizo causarão aos meus intentos as insignificantes sombras, que em 1791 pretendão opacar o crystallino da grandeza de Sua Magestade a Rainha nossa Senhora, o que v. m. tanto celebrou, deixando constante o seu systema expressado 28 annos antes na Ode XII. Igualmente não impossibilitou os meus fins a firme constancia do seu desinteresse, com que rogou a S. A. R. que o livrasse dos honoríficos, e uteis, com que quiz mostrar a satisfação dos seus serviços obrados por espaço de 48 annos, dizendo em 17 de Novembro de 1797 ao ultimo Emissa-

rio interessado, que a continuação dos seus ordenados era muito sufficiente para entreter os poucos dias, que lhe restariam de vida, quando isso fosse do agrado de S. A. R. o PRINCIPE REGEN-TE nosso Senhor.

Eu não salvei com tanto risco o seu Theatro como o grande Camões o seu Poema, porque não foi preciso; mas tenho a glória de deixar á Patria intacto todo o Legado, que v. m. foi capaz de lhe granjear e ajuntar em toda a sua vida; se o não fiz melhor, amado Irmão, perdoe; não o alcancei. O' amizade, ó Patria, quem cumpre taes deveres?



EX.^{MO} E R.^{MO} SENHOR.

TEndo a satisfação de me assegurarem todas as pessoas, a quem me he possível perguntar como V. E. passa, de que a saude de V. E. he constante, e que o seu regular systema nos dá esperanza de que a vida de V. E. será muito extensa; e que quantos se interessão nesta geral felicidade terão por muitos annos esta ventura, e esta consolação, que Deos nos permitta. Vou com o maior gosto apresentar a V. E. impressas todas as Obras Poeticas, que achei de meu Irmão Manoel de Figueiredo, pois não ignoro a satisfação, que ha-de causar a V. E. esta certeza pela muita parte, que teve naquelles trabalhos, a persuasão de V. E. ao Autor. O desejo de enfeitar as Obras Lyricas com os novos fructos do Paiz, e o Theatro com o trabalho pessoal do insigne Francisco Bartolozzi com oitenta e quatro annos de idade, fez com que se demorasse mais algum tempo a publicação dellas; ficando-me o dissabor de se concluir

rem tão tarde. Perdoe V. E. o ir occupar-lhe com menos utilidade algum tempo; mas não me posso poupar á paixão, que tenho pela memoria de meu Irmão, que tanto conhecia as grandes virtudes de V. E., e o seu muito saber; mas o que mais o arrebatava ainda, e com muita inveja virtuosa, o que sempre me provava com exemplos e factos, além das outras grandes qualidades, era a sua grande Filosofia, e grande clareza de juizo, que Deos queira conservar a V. E., unindo este bem a dilatados annos de vida para utilidade pública, e satisfação de quem nella se interessa, como he

EX.^{mo} E R.^{mo} Senhor Arcebispo de Evora.

*Alcolena 27 de
Abril de 1808.*

O mais humilde Criado de V. E.

Francisco Coelho de Figueiredo.

ILL.^{MO} SENHOR.

COnfio das virtudes de V. S. , e do muito amor que tive , e ainda conservo ao Illustrissimo Senhor Manoel de Figueiredo seu digno Irmão , que me releve o silencio , que tenho guardado sobre as composições do mesmo Senhor , que V. S. tão generosa e asseadamente me enviou para a minha Livraria. Pelo mundo tem girado a qualidade das distracções , que desde Junho me tem dado que soffrer , e entorpeceo a minha diligencia para o devido agradecimento. Eu promoverei entre os meus a leitura das referidas Obras , que qualificação a bondade do seu apurado Seculo pela ingenuidade natural da Poesia Terenciana , e pela variedade dos desempenhos. Este já era o meu conceito , e que eu dizia naquelles bons tempos. Com esta leitura ha-de reviver o gosto natural,

a que erão costumados os nossos Antigos. Terei sempre na minha lembrança a sua lição, para suavizar-me dos meus graves cuidados, e para me despertar nos obsequios de V. S., a quem offereço a minha boa vontade.

Deos guarde a V. S. muitos annos.

ILL.^{mo} Senhor Francisco
Coelho de Figueiredo.

*Evora em 3 de Fe-
vereiro de 1809.*

De V. S.

Venerador, e amigo obrigadissimo

Fr. Manoel, Arcebispo de Evora

ILL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR.

AS razões do dever, e da humanidade interessão muito mais os obrigados, tanto nos motivos de prazer, como nos de consternação; o juizo, a resignação, e o tempo he quem unicamente tem o poder de enfraquecer os pezares; e como vejo em V. E. aquellas qualidades, tenho a satisfação de esperar, que munido V. E. deste escudo poderá resistir ao golpe da separação da maior amizade.

A obrigação e a justiça me deliberão a remetter a V. E. as Obras Lyricas de meu Irmão Manoel de Figueiredo, que pela Dedicatoria ao Senhor Rei D. José I. de gloriosa memoria, com que as deixou escritas, me dão a esperanza de que Sua Magestade, o PRINCIPE REGENTE NOSSO

Senhor, e Suas Altezas Reaes, que Deos nos conserve, e continue a guardar, as achem dignas de lhes pôrem os seus olhos, e merecerem ficar no conhecimento do Mundo Litterario.

Não ignoro que V. E. se constituiu crêdor a meu Irmão logo que se dignou acceitar debaixo da sua protecção o seu Theatro, tanto pelo respeitavel nome, como pelo lugar de Presidente do Senado da Camara, em que eu esperava achar a V. E. segunda vez depois de trinta e tres annos, mas não o quiz a Providencia; e como seria huma grande falta em mim deixar de ser V. E. a quem me dirigisse para apresentar á Real Familia aquellas Obras Lyricas, tendo V. E. a felicidade de estar nesse Continente, e ser o protector daquelle individuo, agora vai o meu desejo pedir a V. E. haja de acceitar o resto da dívida, pois me he possivel a satisfação della, tendo concluido a impressão das Obras Poeticas-Dramaticas, que hum Vassallo Portuguez escreveo com o fim útil da sua Nação; e quando V. E. julgue que Sua Real Magestade, e seu Augusto Filho o PRINCIPE REGENTE nosso Senhor se dignarão olhar favoravelmente aquelles escritos, re-

metto dois exemplares , e por esta occasião desejava V. E. houvesse de beijar a mão a estes Senhores , se tanta honra me he permittida , por conservarem a lembrança de hum Vassallo , que tão obrigado foi a toda a Real Familia desde o anno de 1750 até ao ultimo momento da sua vida , e ainda depois.

Persuadido que V. E. quererá fazer-nos a honra de distribuir alguns exemplares daquelles escritos pelas Personagens , que tivêrão a felicidade de acompanhar a Real Familia , e que conservarem memoria daquelle Filosofo , ou que tiverem amor a semelhantes applicações , remetto doze exemplares , certificando a V. E. que o Autor a todos esses Senhores deveo sempre muito favor , e aos Ministros de Estado até me desvaneco , que algum conceito.

A ambição , que me acompanhou sempre depois da falta de meu Irmão , foi deixar no mundo os sentimentos da alma , e do coração daquelle homem , que observei tão particularmente por mais de cincoenta annos ; e completo aquelle desejo , como está , resta-me supplicar a V. E. desculpe as incoherencias , em que terei cahido pelos meus

poucos conhecimentos. Deos prospere a V. E. com as maiores felicidades, além de huma prolongada vida para abrigo dos homens, que tanto o respeitão.

ILL.^{mo} E EX.^{mo} Senhor Marquez de Pombal.

Alcolena 4 de Fevereiro de 1809.

Criado de V. E.

Francisco Coelho de Figueiredo.

ILL.^{mo} SENHOR FRANCISCO COELHO
DE FIGUEIREDO.

HE huma verdade incontrastavel que a gratidão he a qualidade mais brilhante das almas sensiveis, e a extensão desta virtude magestosa tendo em todos os tempos o mesmo respeito, e a mesma representação; nestes dias luctuosos e nublados, em que a razão comum, que vigorava haverá trinta annos, desapareceo do meio de nós, e que hum choque robusto de paixões violentas denegrio a simplicidade de nossos costumes primitivos, então o nosso modo de pensar ficou sujeito ao enleio, e á vertigem da dúvida, e da mentira: ora este conhecimento das alternativas do tempo faz muito mais admiravel a lembrança, que V. S. conserva por hum Irmão de seus amigos Corrêas da Serra, enriquecendo-o de hum

thesouro de preciosidades verdadeiras , que nem a traça , nem o tempo poderão corromper , em que apparece a vasta erudição , o genio profundo , e a sisuda galantaria de seu Autor , reproduzindo para as idades futuras hum código maravilhoso da filosofia dos costumes , da Litteratura , da critica , e do bom gosto daquelle tempo : por tal lembrança , e tão avultado e estimavel presente eu beijo sincera e respeitosamente as mãos de V. S. protestando-lhe (que sem atrevimento de amor proprio) que a mesma lima , que pulio os espiritos de meus Irmãos Abbade Corrêa , e o Coronel Joaquim Corrêa da Serra , foi a que trabalhou para eu de algum modo me assemelhar , e não perder a representação de seu Irmão , e por huma licita ambição de genio confesso a V. S. que excedendo-me elles em muito , eu os excedo na gratidão , da qual darei em todo o tempo no que me fôr possível provas sem equivocação a V. S.

A estimavel portadora além do porte franco proprio de sua galantaria , e amaveis qualidades , augmenta as minhas obrigações na verdade , com que me refere a extensão da bondade de V. S.

sobre mim, e sobre a memoria de meus Irmãos: veja V. S. se me devo eu capacitar, que a amizade verdadeira he a Divindade da terra, a quem compete o mais puro e cheiroso encenso. Conte pois V. S. com a minha, e com os mais puros desejos de que Deos guarde a V. S. muitos annos.

Sou de V. S.

Moura 1 de Novembro de 1809.

O mais attento amigo, e obrigadissimo S. e C.

Manoel José Corrêa da Serra.

ILL.^{MO} E R.^{MO} SENHOR MANOEL JOSE'
CORREA DA SERRA.

QUando tive a certeza da existencia de V. S. nessa Praça , alegrei-me por vêr que estava em Portugal hum tão digno Irmão de hum Patricio nosso , que tanto respeitão todas as pessoas , que chegão a conhecer o seu merecimento , e lisonjei-me igualmente por ter mais hum lugar proprio , aonde depositasse os trabalhos de hum homem , que tanto desejou ser util á sua Patria. Quando a muito estimavel Senhora D. C. me referio o seu character filosofico , e os grandes sentimentos de humanidade , o seu desinteresse , e a sua caridade nada me admirei , fiquei muito satisfeito por ser huma pessoa , que não só gostaria de vêr o arrojo daquelle raro genio , mas até lhe pareceria bem a sua tentativa : recebo a carta,

com que V. S. me honra , quando duvidava terião já chegado á sua mão aquelles impressos , e não só encontro quanto a minha fantasia me figurava , mas até acho já huma analyse da mesma Obra ; quanto estimo que as minhas idéas se verificassem realidades : alegrei-me que o seu desejo se lançasse áquellas producções com a ambição , que eu esperava pela novidade , vendo as extravagancias da imaginação de hum Portuguez , a quem nunca occuparão outras aquella cabeça.

A grande paixão , que meu Irmão teve pelo desenho , e pela pintura , em que teve algum voto , fez que o Illustrissimo Senhor Joaquim Corrêa da Serra , que Deos tem , quando voltou das Provincias do Norte o lisonjeasse com dous retratos dos homens , e das mulheres de Miranda com aquella célebre vestuario , de que aquella gente tanto se desvanecia , a que chamavão as honras de Miranda ; eu conservo com muita gratidão aquella lisonja feita a meu Irmão , e me satisfazo igualmente de explicar ás pessoas curiosas o merecimento de seu Autor , e a amizade que meu Irmão lhe deveo.

Entre todas as felicidades , que appeteco a
Part. II. X

V. S. logo depois da saude, he o socego de espirito : Deos queira dar-nos este bem, que tão preciso he a todo o vivente : espero que a sua bondade dissimulará os meus excessos a respeito da minha amizade com meu Irmão ; mas por mais que eu diga, sempre desconfio que não chego a explicar-me para a fazer conhecer.

Em todas as occasiões, que me permittir as suas determinações, serei obediente em executal-las, e igualmente ambicioso em mostrar o desvanecimento, que me causa ser

De V. S.

Alcolena 23 de Novembro de 1809.

O mais attento Venerador e Criado obrigadissimo

Francisco Coelho de Figueiredo.

EX.^{MO} E R.^{MO} SENHOR.

NO centro dos maiores perigos, e das maiores afflicções a Divina Providencia me tem assistido com incidentes taes, que a sua luz tem dissipado grande parte da consternação, e dos presagios que me augurava; estes auxilios conheço distinctamente sempre que os repetidos motivos, que tenho para a lembrança, me trazem á memoria a existencia de V. E. com a viva esperanza de que esta consolação me dure, e me ampare, e que o mundo goze estas mesmas felicidades longos tempos.

O dia de hoje aviva-me a mágoa da orfandade, em que fiquei ha nove annos, que a Divina Sabedoria fez acabar o fio da vida de meu amado Irmão, e da nossa união no mundo; mas o amor e a saudade fizêrão fortificar cada vez mais o da justiça, e o do meu dever. Tenho tambem

hoje a satisfação de offerecer a V. E. mais hum Tomo do Theatro, primeira tentativa Dramatica, que devendo ser o primeiro he o decimo terceiro e ultimo, por serem estas Obras escritas antes da união dos Arcades em Lisboa em 1757: e quem poderá estimar mais estas primicias daquelle genio creador, que o mais Respeitoso Amigo que elle teve, e que a Providencia tem conservado para autorizar, que o voto de V. E. foi quem deliberou aquelle modesto homem a dilacerar o véo da decencia e modestia, (mal entendida) que o entorpecia a não patentear-se ao mundo por Dramatico. V. E. sabe estas verdades, sem que eu lhas diga. O Autor o segura em hum Discurso N.º 8, que achei junto a outros papeis, que encontrei com os seis Dramas já impressos, e os que vão formar a segunda parte das Obras Lyricas recitadas na Arcadia nos tempos da sua duração.

Estes Escritos perdêrão-se em huma mudança de casas, (julgo em o anno de 1764) e nesta confusão ficarão em duas mais, e por hum acaso se encontrárão em 9 de Setembro de 1808: tive ainda esta lisonja.

Eu bem desejava , Excellentissimo e Reverendissimo Senhor , não ser tão incómodo ; mas como podia eu deixar de fazer sabedor a V. E. desta minha fortuna ? Eu bem quizêra antes referir estes successos que escrevellos ; menos incómodas seriam as precisas palavras , que este comprido papel ; mas a situação presente evita aos homens cumprirem os seus votos , e os seus mais virtuosos desejos ; posto que conservo sempre a esperança de que na presença de V. E. , recebendo a sua santa Benção , poderei certificar-lhe que fica no mundo impresso até á ultima linha tudo que aquelle homem escreveo em poesia com os fins unicos de ser util á sua Patria.

Deos prospere e dilate a preciosa e interessante vida de V. E. por muitos tempos como todos desejão , e espera

EX.^{mo} E R.^{mo} Senhor Arcebispo de Evora.

*Alcolena 27 de
Agosto de 1810.*

O mais obediente e humilde Criado de V. E.

Francisco Coelbo de Figueiredo.

Pag.	linha.	Erratas.	Emendas.
3	11	Impireo	Empyreo.
36	6	o chora	chora
39	7	settas	sestras.
66	vers. ult.	respeitado	respetado.
82	o ult. terceto		Se te offende a sus- peita desta sorte tyranno Te fizêra incons- tante a minha morte.
85	7	emprehender	emprender.
95	11	Entretanto	Entre tanto.
129	9	se os	se as.
139	17	crece	crece.
164	21	mostrastes	mostrastes.
177	1	deixar	deitar.
183	7	pistribuo	distribuo.
187	3	pastucio	pasticcio.
195	6	de Aubignac	d'Aubignac.
198	3	Comparsa	Compadre.
208	12	do mundo, tudo	do mundo todo.
221	4	Calirrohe	Callirhoe.
231	17	occultat	occulta.
246	20	Se te queres	Se tu queres.
249	10	diroso	ditoso.
Item.			
118	9	via acceza	vio acceza.
230	31	Mas vendo	Mas sabe.
232	22	o agrado	ao agrado.
242	3	consta	conta.

Apezar do efficaz desejo, e das possiveis diligencias, que se fizeram para aproveitar o dilacerado, e confuso Esboço, que se achou da Opera de Diomedes (antes de se imprimir) nada foi bastante; porque se tem encontrado diferentes tropeços, a que ainda se tem acudido nas Erratas.

Na pagina 244 linha quinta no Segundo Acto se acha a Aria

*Descança já, descança
Dura esperança minha.*

E no fim da Segunda Scena do Terceiro Acto, pagina 250, linha 24 está repetida, e parece ser nesse lugar, que ella deva entrar.

Além das faltas, que já se lhe tem visto deve ter muitas outras; e como esta tentativa de Opera sem recitados he tão original, que talvez excite curiosidade, poderá ver-se aquelle Esboço no lugar onde o Editor annunciou já no principio do quarto Tomo do Theatro, que se deverião achar todos os Originaes, á excepção dos primeiros tres Tomos.

Desculpe-me o Público nas minhas impertinentes repetições; he o desejo de dar toda a luz, que eu posso a estas Obras, quem me obriga, e quem me não dispensa.

se acha a lista
de paginas e
linhas quinta no
segundo folio
das lavras
severas propostas, a que
se acha a lista
de forradores, porque se
acham os forradores dis-
postos de lavras (com
os seus nomes) no
folio de lavras, e das
propostas, e das lavras

[illegible]



Figueiredo, Manuel de

Obras posthumas

Bd.: 2. 1810. - 327 S.

Lisboa 1810

P.o.hisp. 745-2

urn:nbn:de:bvb:12-bsb10608477-2